

---

---

ALBA VERONA BRITO GIBRAIL

O ACUSATIVO PREPOSICIONADO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO:  
uma abordagem diacrônica e teórica

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

**Orientadora:**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Charlotte M. Chambelland Galves

Unicamp

**Instituto da Linguagem**

2003

À Prof<sup>a</sup> D<sup>ra</sup> Charlotte M. C. Galves  
e a todos os colaboradores do Projeto  
Padrões Rítmicos, Fixação de  
Parâmetros e Mudança Gramatical.

O mar passeia solitário na calçada  
Espelhando a lua cheia  
Nos beirais e nas sacadas.  
( José Kleber – O Poeta de Paraty )

## AGRADECIMENTOS

Manifesto meus agradecimentos a todos os professores do IEL que, direta ou indiretamente, permitiram-me adentrar no “mundo encantado da pesquisa lingüística”.

Em especial, agradeço à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> D<sup>ra</sup> Charlotte Marie C. Galves, pela confiança em mim depositada e pela dignidade suprema de entender a diversidade da alma humana.

Um agradecimento especial também à Prof<sup>ª</sup> D<sup>ra</sup> Mary A. Kato pela acolhedora simpatia de sua personalidade carismática, que nos obriga a querer não decepcioná-la.

Agradeço ao Prof. Dr. Jairo Nunes pelo alto nível de conhecimento na transmissão de ensinamentos profundos das teorias da Gramática Gerativa, que me proporcionou reflexões mais condizentes sobre o tema que motivou este trabalho.

Agradeço também com muito carinho aos Professores D<sup>ra</sup> Rosa Attié Figueira, Dr. Rodolfo Ilari, D<sup>ra</sup> Maria Filomena Spatti Sândalo e Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis pela empatia a mim manifestada.

Agradeço a colaboração de meus muitos colegas de sala de aula; em especial, à Prof<sup>ª</sup> D<sup>ra</sup> Evani Viotti, da USP, à Sílvia Regina C. de Oliveira e à Telma M. Vianna Magalhães pela espontânea boa vontade em me auxiliarem.

Um imenso e sincero agradecimento à Prof<sup>ª</sup> Ione Mota, do CEL, pela energia contagiante nas lidas com o Saber.

Uma eterna gratidão à amiga Prof<sup>ª</sup> Ademilde Aguilar Moreira, pelo incentivo constante e encorajador nos momentos de fraqueza desta jornada, iniciada em nossas aulas de língua russa, no CEL.

Agradeço a todos os funcionários do IEL, que contribuíram sobremaneira para as condições de viabilidade desta pesquisa.

Finalmente, agradeço este trabalho à Didicha, minha falecida mãe, pelo exemplo de humildade e ternura, e ao meu pai, José Queiróz, por ter-me legado a sagacidade e a coragem do Homem Nordestino.

## ÍNDICE GERAL

### RESUMO

### ABSTRACT

### APRESENTAÇÃO

## CAPÍTULO 1- O ACUSATIVO PREPOSICIONADO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

1.1 Introdução	1
1.2 A origem do fenômeno	2
1.2.1 O acusativo preposicionado do espanhol moderno ( Lois,1982 )	3

1.2.2 A formação do acusativo preposicionado do romeno ( Dobrovie-Sorin, 1987 )	13
1.2.3 Na história do Português: Ramos (1992 )	26
1.3 A proposta de Jaeggli ( 1986 ) para a atribuição de Caso nas estruturas de acusativo preposicionado do espanhol	30
1.4 Conclusão	36
<b>CAPÍTULO 2- CONTEXTOS DE FORMAÇÃO DO ACUSATIVO PREPOSICIONADO</b>	
2.1 Corpus e metodologia	37
2.2 O acusativo preposicionado no português europeu dos séc. XVI – XIX.	45
2.2.1 Ordem dos constituintes oracionais	46
2.2.2 Natureza do objeto	47
2.3 O uso do acusativo preposicionado na diacronia : contextos de formação	48
2.3.1 O uso do acusativo preposicionado nos dados de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI	50
2.3.1.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O	50
2.3.1.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O	53
2.3.1.3 Contextos de ordens O V S / O V	64
2.3.1.4 Contextos de ordem S V O	65
2.3.2 O uso do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII	68
2.3.2.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O	68
2.3.2.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O	76
2.3.2.3 Contextos de ordens O V S / O V	98
2.3.2.4 Contextos de ordem S V O	103
2.3.2.5 Contextos de ordem V O S	110
2.3.3 O uso do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos no séc. XVIII	111
2.3.3.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O	111
2.3.3.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O	113
2.3.3.3 Contextos de ordens O V S / O V	119
2.3.3.4 Contextos de ordem S V O	120
2.3.4 O uso do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos no séc. XIX	124
2.3.4.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O	124
2.3.4.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O	124
2.3.4.3 Contextos de ordem S V O	128
2.4 Quantificação dos dados	130
2.5 Evolução do uso do acusativo preposicionado ao longo dos séculos	137
2.6 Estruturas de redobramento de clítico	142
2.6.1 Com pronomes pessoais	143
2.6.2 Com o pronome indefinido todos ( as )	151
2.6.3 Com pronomes de tratamento	155

2.6.4 Com sintagmas nominais	157
2.65 Estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica ( CLLD )	159
2.7 Conclusão	160

### CAPÍTULO 3 – O ACUSATIVO PREPOSICIONADO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO : FORMAS VARIANTES DE ESTRUTURAS DE REDOBRAMENTO DE CLÍTICO

3.1 Introdução	163
3.2 Os ambientes sintáticos de uso do acusativo preposicionado: síntese	164
3.3 O acusativo preposicionado e o redobramento de clítico: estruturas variantes de um mesmo fenômeno lingüístico	168
3.4 A atribuição de Caso nas estruturas de acusativo preposicionado	177
3.5 Estruturas de acusativo preposicionado com frunteamento do objeto	179
3.6 A referencialidade nas estruturas de acusativo preposicionado	189
3.7 O clítico como sujeito de mini-orações	197
3.8 O redobramento de clítico dativo do português clássico	201
3.9 Considerações finais	206
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209

Esta Dissertação descreve os contextos de formação do acusativo preposicionado do português europeu dos séc. XVI – XIX.

Textos de autores nascidos entre 1502 – 1850, integrantes do Corpus Tycho Brahe, formam o corpus da pesquisa.

Proponho com este trabalho investigar o uso do acusativo preposicionado naquela gramática ao longo dos séculos e os fatores que motivam a formação concomitante de estruturas de variação. Esta investigação me dá condições de apresentar um quadro evolutivo da manifestação desse tipo de ocorrência, da frequência de realização e dos fatores de mudança que provocaram o uso menos frequente da forma preposicionada a partir do séc. XVIII.

Para a realização desta tarefa, apóio-me nos trabalhos de Ramos ( 1992 ), que descreve o acusativo preposicionado do português do Brasil dos séc. XVII – XVIII; Lois ( 1982 ) e Dobrovie-Sorin ( 1987 ), que descrevem este tipo de ocorrência no espanhol e romeno modernos, respectivamente.

A coocorrência no corpus de estruturas de redobrimento de clítico, formadas nos mesmos contextos e em condições de uso semelhantes às estruturas de acusativo preposicionado, motiva um trabalho paralelo que busca o assentamento da hipótese por mim levantada dessas estruturas como formas variantes de realização de um único fenômeno lingüístico.

Assumo que nessas estruturas a inserção da preposição é o fator que assegura a natureza referencial dos objetos sem violação do princípio B da teoria de ligação.

Considerando as ordens variantes de realização do acusativo preposicionado do português clássico, assumo uma gramática de natureza V2 responsável por esta formação.

Palavras-chave: Português Clássico; Acusativo Preposicionado; Redobrimento de clíticos; C-comando; Referencialidade; Língua V2; Spec CP.

## **ABSTRACT**

This essay describes the contexts of the formation of the prepositional accusative of the european portuguese from 16 th century to 19 th century.

Texts of the authors that were born between 1502 – 1850 parts of the Corpus Tycho Brahe, form the corpus of the research.

I propose on this paper to investigate the usage of the prepositional accusative in that grammar throughtout the centuries and the concomitant causes of the variation of the structures. This investigation allows me to presente the evolution of the manifestation of this kind of occurrence, how frequent it happened, and the causes of the less frequent usage of the prepositional form from the century 18 th.

I support this with the works of Ramos ( 1992 ) that describes the prepositional accusative of the portuguese from Brazil in the centuries 17 th – 18 th, Lois ( 1982 ) and Dobrovie – Sorin ( 1987 ) that describe this kind of occurrence in the Spanish and romanian, respectively.

The occurrence in the corpus of the clitic doubling structures at the same time, formed in the contexts and in similar usage conditions of the prepositional accusative, requests a parallel work seeking to confirm the hypothesis lifted by me that these structures are variant forms of only one linguistic phenomenon.

I propose that in these structures the inserting of the preposition assures the referentiality of the objects without violating the principle B of the linking theory.

Considering the classical portuguese prepositional accusative variant orders of occurrence, I assume it's a grammar of the nature V2 responsible for this formation.

Key words: Classical portuguese; Prepositional accusative; Clitic doubling; C – command; Referentiality; V2 languages; Spec CP.

## Apresentação

Considerando que textos de autores portugueses nascidos entre 1502 e 1845 apresentam ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado formadas com objetos [ + humano ], procuro, nesta Dissertação, verificar os fatores que motivam a inserção da preposição nesses objetos, bem como os fatores que promovem a legitimação de estruturas variantes sem preposição.

Com este propósito, procuro investigar a evolução do uso do acusativo preposicionado naquela gramática e os motivos que levam ao seu desaparecimento a partir do séc. XIX.

No cumprimento desta tarefa, descrevo os contextos de formação do acusativo preposicionado.

A coocorrência, nos textos examinados, de estruturas variantes sem preposição, formadas nos mesmos contextos que legitimam o acusativo preposicionado, me permite o levantamento da hipótese da competição de duas gramáticas na produção escrita desses autores.

A proposta da competição de duas gramáticas distintas dá conta de explicar a presença de duas formas variantes realizadas em semelhantes ambientes sintáticos no texto de um mesmo autor.

- Variante preposicionada

1. Partida esta Armada, despachou o Governador a Dom João Mascarenhas pera ir entrar na Capitania de Dio ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 174 )

- Variante não preposicionada

1. Aceitados os partidos, ficaram esperando pelo Meale, e entretanto

despedio o Governador Diogo de Reinoso pera o Estreito de Meca em um navio de remo muito ligeiro ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 109 )

Por outro lado, a presença no corpus de estruturas de redobrimento de clítico, formadas nos mesmos contextos de formação das estruturas de acusativo preposicionado e nas mesmas condições de uso, me permite a generalização de serem estas estruturas formas variantes de manifestação de um mesmo fenômeno lingüístico.

#### Acusativo preposicionado

1. Guarde Deus Nosso Senhor **a** Vossa Mercê muitos anos. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 97 )
2. ... e donde com maior cómodo poderei empregar-me em servir **a** Vossa Mercê no que por estas partes se oferecem. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p.194 )
3. ... que é uma distinta felicidade a honra de servir **a** Vossa Excelência ( A Gusmão; séc. XVII; 84 )

#### Redobrimento de clítico acusativo

1. ... por servi-**los** e vê-**los a** Vossas Mercês ... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 130 )
2. Quis a natureza orná-**la a** V. daquelas graças exteriores ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 76 )
3. Guarde - **o** Deus **ao** senhor Procopio, nosso amigo velho ?  
Ora guarde-o Deus, senhor vizinho !  
( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. 38 )

Nesta suposição, empreendo estudos comparativos da formação dessas estruturas no português clássico com sua formação no espanhol e no romeno.

As condições de formação do acusativo preposicionado e das estruturas de redobrimento de clítico naquelas gramáticas e as condições de sua formação no português clássico me levam a propor ser o acusativo preposicionado formas variantes de estruturas de redobrimento com clítico não fonologicamente realizado.

Esta Dissertação está organizada em três capítulos. O capítulo 1 apresenta uma síntese de estudos que tratam da origem do acusativo preposicionado nas línguas românicas medievais e de sua presença nas gramáticas do espanhol e romeno modernos.

Os trabalhos descritivos de Lois ( 1982 ) e Dobrovie-Sorin ( 1987 ) dos contextos legitimadores do fenômeno naquelas gramáticas são resenhados neste capítulo.

Na história do português, a legitimação de estruturas de acusativo preposicionado é apresentada na resenha do trabalho de Ramos ( 1992 ), que descreve os contextos formadores desse tipo de ocorrência no português do Brasil.

Apresento também neste capítulo a resenha da proposta de Jaeggli ( 1986 ) para a atribuição de Caso nas estruturas de acusativo preposicionado do espanhol.



O capítulo 2 compõe-se da apresentação e descrição dos contextos de formação do acusativo preposicionado do português clássico. Paralelamente à descrição desses contextos, segue a descrição dos contextos que legitimam as variantes não preposicionadas.

Em outro subitem, neste capítulo, apresento dados de estruturas de redobrimento de clítico acusativo e dativo, realizadas concomitantemente à realização do acusativo preposicionado.

No capítulo 3, apresento propostas para justificar a hipótese por mim levantada das estruturas de acusativo preposicionado como formas variantes de estruturas de redobrimento de clítico. Proponho análises centradas na relação de não C-comando para explicar o papel do objeto preposicionado como elemento referenciador do clítico, visível ou não, nestas estruturas.

# Capítulo 1

## O acusativo preposicionado nas línguas românicas

### 1.1 Introdução

O acusativo preposicionado nas línguas românicas é o tipo de ocorrência que apresenta o objeto direto com o traço semântico [ + animado ] precedido de preposição.

Nas gramáticas românicas modernas, este tipo de estrutura é assinalada em dialetos provençais e italianos, como o sardo ( cf. Jones, 1995 ); no espanhol peninsular e dialetos ( cf. Lois, 1982; Torrego, 1998 ); no romeno ( cf. Dobrovie-Sorin, 1987 ), entre outras.

Dessas gramáticas, é no espanhol e seus dialetos e no romeno que o uso do acusativo preposicionado é regular e autorizado em contextos mais abrangentes.

O português clássico legitima estruturas de acusativo preposicionado nos mesmos contextos verificados na formação desse tipo de estrutura no espanhol e romeno modernos. Diacronicamente, entretanto, no português europeu, o acusativo preposicionado exibe um comportamento evolutivo diferente do comportamento observado naquelas gramáticas.

Conforme o estudo de Teyssier ( 1989 : 341 – 343 ) mostra, no português europeu moderno, objetos diretos preposicionados são assinalados em número limitado de casos : antes de pronomes pessoais tônicos; antes dos pronomes **ambos** e **todos**; na expressão **um ao outro**, nas expressões tradicionais **amar ( temer ) a Deus**, em expressões do tipo “ **como a um filho, como a um irmão**”<sup>(1)</sup>.

( 1 ) Meier ( 1973 : 132 ), descreve este tipo de ocorrência do português moderno como casos de acusativo preposicional de comparação.

Na descrição de Meier, o PE apresenta um outro tipo de estruturas acusativa com objeto preposicionado : acusativo preposicional de colocação. Nestas ocorrências, o objeto preposicionado é realizado em fronteamto, sendo retomado por um clítico na oração.

“e a André puseram-no num estreito calabouço “ ( 108 )

### 1.2 A origem do fenômeno

Os estudos que se têm ocupado em descrever a origem e a evolução do acusativo preposicionado nas línguas românicas apresentam dados que indicam a presença do fenômeno já em textos medievais, embora este uso se apresente de modo irregular ( Lois, 1982 ).

Esses estudos assumem o aparecimento do acusativo preposicionado nas línguas românicas como recurso usado pela gramática para marcar numa estrutura oracional de ordem livre a função do sujeito e do objeto, papéis estes antes desempenhados pelas declinações latinas ( Lens, 1944; Seco, 1971; Hills, 1920; Niculescu, 1959; Meier, 1947 ) e outros, citados por Lois ( 1982 : 12 ).

A presença do fenômeno nos primeiros textos medievais indica um estágio no qual este tipo de estrutura era de uso comum naquelas gramáticas.

Meier ( 1948, 1973 ) descreve a evolução do fenômeno nas línguas românicas em três estágios. No primeiro, a preposição aparece junto aos pronomes pessoais disjuntivos: a mi, a ti, a ele etc. Sua função, segundo Meier, é a de marcar a distinção entre o acusativo e o nominativo. No segundo estágio, o acusativo preposicionado é estendido a outros nomes, limitado, porém, a certas condições sintáticas e a um restrito meio lexical. No terceiro estágio de evolução, o fenômeno se estende a outros contextos sintáticos e adquire a função de diferenciar os objetos nas condições de pessoa, animado e individualizado dos objetos passivo e coletivo.

De acordo com aquele autor, o português europeu, o catalão e certos dialetos provençais e italianos apresentariam em suas gramáticas a realização desse segundo estágio de evolução do acusativo preposicionado. O terceiro estágio seria apresentado pelas gramáticas do espanhol e do romeno.

### **1.3 O acusativo preposicionado do espanhol moderno**

O trabalho de Lois ( 1982 ) sobre os contextos de formação do acusativo preposicionado no espanhol moderno indica que este tipo de estrutura já era legitimado no espanhol medieval. Sua presença é assinalada nos primeiros textos literários.

Naqueles textos, conforme indica Lois ( op. cit : 2 ), o acusativo preposicionado tem uso irregular. Neles, há formação de estruturas acusativas sem preposição em contextos que exigem sua presença no espanhol moderno.

A não regularidade na formação do acusativo preposicionado no espanhol medieval é indicada por Lois nos dados do texto *Cantar de Mío Cid*, escrito no começo do séc. XII. Neste texto, conforme mostra Lois, há ocorrências das duas formas variantes de estruturas acusativas: com e sem preposição.

#### **( 1.1 ) Variante preposicionada**

1. ... como sirva a doña Ximena et las fijas que há, e a todas sus dueñas que com ellas están ...  
... como sirva a dona Ximena e as filhas que tem, e a todas suas donas que com elas estão ...
2. ... catando están a Mío Cid quantos há en la cort ...  
... cantando estão a meu Cid quantos estão na corte ...
3. ... prisolo al conde ...  
... prende-o ao conde ...
4. ... reciben a Minaya ...

- ... recebiam a Minaya
5. ... veré a la mugier ...  
... verá à mulher ...
  6. ... porque perdonaste a Roldano ...  
... porque perdoaste a Roldano ...
  7. .... vido a don Roldán acostado a un pilare ...  
... viu a Dom Roldano encostado a um pilar ...
  8. ... yo las caso a vuestras fijas ...  
... eu as caso a vossas filhas ...
  9. ... tú que a todos guías, val a Mio Cid el campeador ...  
... tu que a todos guias, vá a Meu Cid o Campeão.
  10. ... el Cid a doña Ximena íbala abraçar ...  
... el Cid a dona Ximena a ia abraçar.

#### ( 1.2 ) Variante não preposicionada

11. ... vos casades Ø mis fijas ...  
... vos casastes minhas filhas ...
12. ... veremos Ø vuestra mugier ...  
... veremos vossa mulher ...
13. ... que mataras Ø el moro ...  
... que mataras o mouro ...
14. Minaya va veer Ø sues primas ...  
Minaya vai ver suas primas ...
15. ... vido yacer Ø su fijo entre las mortalidades...  
... viu estendido seu filho entre os mortos ...

O trabalho de Lois mostra que no espanhol medieval o emprego da preposição nas estruturas acusativas era mais regular quando o objeto tinha o estatuto de pronome.

#### ( 1.3 ) Variante preposicionada

16. ... oíd a mi ... ( Cantar de Mío Cid )  
... escuta a mim ...
17. ... a tí adoro e creo ... ( Cantar de Mío Cid )  
... a ti te adoro e creio ...
18. ... y a él adorad ... ( Auto de los Reyes Magos, séc. XIII )  
... e a ele adorei ...

A partir dos séc. XV - XVI, o emprego da preposição diante dos objetos se regulariza. Após o séc. XVIII, a ausência da preposição com nomes próprios e expressões definidas naquela língua é extremamente rara. ( op. cit : 3 ).

Na argumentação de Lois, ( op.cit : 24 ), o fenômeno do acusativo preposicionado

no espanhol e no romeno apresentam muitas similaridades. Nas duas gramáticas, o acusativo preposicionado é realizado tanto em estruturas S V O quanto em estruturas V S O / V O S. Nessas estruturas, a preposição marca o objeto que apresenta certas propriedades gramaticais e referenciais que são típicas do sujeito.

Observa que a legitimação das ordens V S O / V O S no espanhol não exige alguma pausa ou acento especial. ( op.cit: 25 )

( 1.4 )

19. Cogió Juan su bastón.  
Recolheu Juan seu bastão.
20. Hace usted un mal negocio.  
Faz você um mal negócio.
21. Trajeron los muchachos muy malas noticias.  
Trouxeram os rapazes muito más notícias.

No romeno, nenhuma pausa também é exigida nas estruturas realizadas nestas ordens. ( op.cit: 26 )

( 1.5 )

22. A cumparat tata o casa la tara.  
A acheté men pére une maison à la campagne )  
Comprou meu pai uma casa de campo.
23. Conduce lucrurile inginerul Popescu.  
Conduit les travaux l'ingénieur popescu.  
Conduz os trabalhos o engenheiro Popescu.

Na proposta de Lois , nas estruturas do espanhol e do romeno de ordem V S O / V O S, os constituintes deslocados permanecem dentro da estrutura oracional.

No espanhol moderno, estruturas acusativas que apresentam sujeito e objeto com o traço [ + animado ] são contextos obrigatórios de inserção da preposição (op.cit : 15 )

( 1.6 )

24. Juan mató a ( \*f ) a María.
25. Juan insulta a ( \*f ) este señor.
26. El perro hirió al gato.

A preposição é inserida nos objetos [ + animados ] mesmo nas estruturas acusativas que apresentam o sujeito sem realização lexical.

( 1.7 )

27. No conocemos a ( \*f ) Juan.

28. No hemos visto a ( \*f ) su padre.
29. Escucho a ( \*f ) alguien.

Neste caso, estão também as estruturas acusativas que têm o sujeito representado por **PRO**.

( 1.8 )

30. Despedir a Juan sería un grave error. ( sujeito = PRO arbitrário )
31. María no quiere escuchar a Juan. ( sujeito = PRO controlado )
32. Llamaron a Juan. ( sujeito= PRO impessoal; 3<sup>a</sup> pessoa plural )

Na argumentação de Lois, a presença da preposição nestas estruturas se deve à presença de um elemento NP-lexical ou PRO que recebe o papel-Q de sujeito.

A inserção da preposição também é obrigatória nas estruturas acusativas que apresentam o pronome **se** impessoal e objeto [ + animado ].

( 1.9 )

33. Se vio a Juan muy bien acompañado.
34. Se atrasó al ladrón.
35. Se felicita a los amigos

Outro contexto obrigatório de inserção da preposição é verificado nas estruturas acusativas que apresentam o sujeito com o traço [ - animado ] e o objeto [ + animado ].

( 1.10 )

36. La sinceridade asusta a ( \*f ) Juan.
37. El viento molesta a ( \*f ) la vecina.

Lois atribui a obrigatoriedade de inserção da preposição nestas estruturas acusativas à natureza semântica do verbo transitivo. Nestas estruturas de acusativo preposicionado, os verbos transitivos em uso são verbos que, normalmente, pedem sujeitos com o traço [ + animado ].

Como contextos facultativos de inserção da preposição nas estruturas acusativas do espanhol moderno, estão os ambientes sintáticos que apresentam sujeito [ ± animado ] e objeto [ - animado ]

( 1.11 )

38. Llamar a la muerte.
39. Las aves saludan a la aurora.
40. Los ácidos atacan a los metales.

Lois propõe que o uso da preposição nesses objetos pode ser explicada em função

da natureza semântica dos verbos empregados nestas estruturas. Trata-se de verbos que pedem normalmente objetos [ + animado ].

O uso da preposição também é facultativa em estruturas acusativas com sujeito e objeto com o traço [ + animado ] e verbos que pedem normalmente objeto [ - animado ].

( 1.12 )

41. Los romanos robaron las sabinas.
42. Me traen las mujeres mas hermosas del reino.
43. Envió sus hijos a la escuela pública.

Não sendo com esses verbos, as estruturas acusativas que apresentam sujeito [ + animado ] e objeto [ - animado ] não são contextos de formação do acusativo preposicionado no espanhol.

( 1.13 )

44. Compré ( \* a ) la casa.
45. Vi ( \* a ) libros.

Também não há inserção da preposição nas estruturas acusativas do espanhol que apresentam objeto [ + animado ] sem determinante e sujeito com o traço [ + animado ].

( 1.14 )

46. Busco ( \* a ) amigos.
47. Contratan ( \* a ) secretarias.

Um outro contexto de inserção da preposição no espanhol é o contexto das estruturas causativas formadas com verbo da oração encaixada com o estatuto de verbo intransitivo ( op. cit : 59 ).

(1.15 )

48. Hicieron salir a Juan de la sala.
49. Vieron salir a Juan de la sala.
50. Oyeron salir a Juan de la sala.
51. Dejaron salir a Juan de la sala.

Lois assume a hipótese do licenciamento desse tipo de estrutura em função da subida do verbo da oração encaixada. Para a autora, o verbo da encaixada sobe e forma um “complexo verbal” com o verbo matriz. Este “complexo verbal ” rege e atribui Caso ao NP-sujeito da oração encaixada.

As estruturas acima formadas com os verbos **dejar**, **ver**, **oir** são também licenciadas no espanhol sem a subida do verbo, tendo a ordem [ sujeito da oração encaixada + verbo infinito ].

(1.16 )

52. Vieron a Juan salir de la sala.
53. Oyeron a Juan salir de la sala.

54. Dejaran a Juan salir de la sala.

Lois justifica a formação desse tipo de estrutura assumindo que os verbos regem através da fronteira frásica e atribuem Caso ao NP sujeito da encaixada.

Com verbo causativo **hacer**, a ordem [ sujeito da oração encaixada + verbo infinito ] não é realizada no espanhol:

( 1.17 )

55. Hicieron a Juan salir de la sala.

Lois assume a não formação desta estrutura causativa em virtude do verbo **hacer** não atribuir Caso ao NP- sujeito da oração encaixada.

Para aquela autora, a presença da preposição nas estruturas causativas indica sempre a presença de um NP-sujeito [ + animado ], condição esta que reafirma a natureza de [ + animado ] dos NPs-objetos como promotora das estruturas de acusativo preposicionado do espanhol.

Para Lois, aparentemente a relação temática entre o verbo e o sujeito da frase encaixada não é preservada e o sujeito do verbo infinito é subcategorizado pelo complexo verbal.

### **1.3.1 Proposta para a formação do acusativo preposicionado do espanhol**

Lois propõe que a inserção da preposição nas estruturas acusativas do espanhol ocorre nos objetos que podem ocupar a posição de sujeito, representando o papel de agente. A inserção da preposição seria motivada pela necessidade de identificar o elemento que recebe o papel-Q de argumento interno.

Assume a formação do acusativo preposicionado como recurso de diferenciar o sujeito do objeto quanto às suas funções gramaticais, tendo em vista a ordem livre dos constituintes oracionais naquela gramática ( op. cit : 26 ).

Lois apresenta duas condições obrigatórias para a inserção da preposição:

1. Quando o objeto puder ser inserido na posição de sujeito
2. Quando o objeto é um agente potencial.

A inserção facultativa da preposição **a** é verificada quando apenas o item ( 1 ) é satisfeito .

Lois propõe uma regra para a inserção da preposição nos objetos ( op. cit : 52-54 ). Tal regra leva em conta a matriz lexical do objeto, isto é, a matriz que o elemento N tem na sua entrada lexical em relação ao traço ( ± animado ), e a matriz gramatical da posição sujeito. O traço pertinente no caso também é [ ± animado ] . Para que uma inserção seja correta é necessário que os traços do elemento inserido coincidam com aqueles da posição de sujeito. A inserção funciona sobre um princípio de não distinção e identidade.

**Quando um verbo seleciona um sujeito [ + animado ] e um objeto que não é especificado nem positivamente nem negativamente quanto ao traço animado, Lois propõe o símbolo u.**

**As matrizes não distintas seriam:**



### 1. Matriz gramatical da posição do sujeito

( u animado )

( + animado )

( - animado )

### 2. Matriz lexical do objeto

( + animado ) ou ( - animado )

( + animado )

( - animado )

Assim, os casos da obrigatoriedade, da exclusão e da facultividade de inserção da preposição nas estruturas transitivas nas bases das matrizes lexicais do objeto e da posição de sujeito são especificadas entre parênteses, indicando se as duas matrizes são não-distintas ( n-d ) ou distintas ( d ):

#### ( 118 ) Inserção obrigatória

- 56. María mató a Juan ( + animado )  $\bar{P}$  [ + animado ] V ( n-d )
- 57. María vió la niña. ( + animado )  $\bar{P}$  [ + animado ] V ( n-d )
- 58. La sinceridad asusta a Juan ( + animado )  $\bar{P}$  [ u animado ] V ( n-d )

#### ( 1.19 ) Preposição excluída

- 59. Juan compró la casa. ( - animado )  $\bar{P}$  [ + animado ] V ( d )
- 60. Busco amigos. ( + animado )  $\bar{P}$  [ + animado ] V ( d )

#### ( 1.20 ) Uso facultativo da preposição

- 61. La amistad dominó ( a ) el interes [ - animado ) de todos. ]  $\bar{P}$  [ u animado ] V ( n-d )
- 62. El adjetivo precede ( a ) el substantivo. [ - animado ]  $\bar{P}$  [ u animado ] V ( n-d )
- 63. Ella quería llamar ( a ) un policía [ + animado ]  $\bar{P}$  [ + animado ] V ( n-d )
- 64. Dejó ( a ) su niño en la puerta. [ + animado ]  $\bar{P}$  [ + animado ] V ( n-d )
- 65. Los hombres llaman ( a ) la muerte [ - animado ]  $\bar{P}$  [ + animado ] V ( n-d )

Com esta proposta, Lois tenta justificar o uso obrigatório, o uso facultativo e a exclusão da preposição nas estruturas acusativas do espanhol moderno. Sua proposta não oferece explicações para a ocorrência de estruturas de redobramento de clítico com pronomes pessoais do espanhol peninsular e nem de redobramento de clítico com sintagmas nominais de seus dialetos.

Para Lois o fenômeno do redobramento está intimamente ligado ao acusativo preposicionado no sentido de ambos só são possíveis com a presença da preposição.

Lois compartilha das suposições dos gramáticos tradicionais que correlacionam o redobramento de

clítico com o acusativo preposicionado no sentido de que estes dois tipos de estruturas permitem a distinção do argumento externo e interno do verbo. Para a autora não pode ser coincidência que o fenômeno do redobramento se observa nas línguas que não têm a ordem S V O como ordem única ( op.cit : 61 ).

Argumenta que há uma distinção a fazer entre línguas que apresentam o acusativo preposicionado mesmo com clítico ausente, como o espanhol, e línguas, nas quais a preposição não é inserida nos objetos na ausência do clítico, como o árabe libanês.

Para Lois, há uma outra possibilidade lógica para explicar o uso da preposição nestas estruturas dentro da proposta de Jaeggli ( 1982 ) deste elemento como atribuidor de Caso ao objeto nas estruturas de redobramento.

Na observação da autora, a questão seria resolvida considerando o acusativo preposicionado e as estruturas de redobramento de clítico em condições de aparecimento independentes. O clítico nas estruturas de redobramento não absorveria o Caso e a preposição não seria jamais marcador casual.

Sua proposta está assentada no fato de que no galego, o redobramento de clítico ocorre sem a presença da preposição.

#### 1.4 A formação do acusativo preposicionado do romeno

A mesma exigência de objeto com o traço semântico de animacidade para a formação do acusativo preposicionado do espanhol é verificada no romeno moderno ( Dobrovie-Sorin, 1987 : 24 )

Naquela gramática, nomes próprios e os pronomes definidos com o traço [ + humano ] são contextos obrigatórios de inserção da preposição nos objetos acusativos.

Para Dobrovie-Sorin ( 1987 : 27 ) não há uma explicação verdadeira para dar conta da legitimação de estruturas de acusativo preposicionado do romeno. Há as suposições dos gramáticos tradicionais de que o acusativo preposicionado é o meio de distinguir o objeto do sujeito.

Como observa Dobrovie-Sorin, a ordem livre dos constituintes nas sentenças do romeno leva à ambigüidade de interpretação.

( 1.21 )

66. Certat mama copilul.  
A grondé la maman l'enfant.  
Repreendeu a mãe a criança.

( 1.22 )

67. La maman a grondé l'enfant.  
A mãe repreendeu a criança.  
L'enfant a grondé la maman.  
A criança repreendeu a mãe.

Dobrovie – Sorin assume a inserção da preposição **pe** nestas estruturas acusativas como recurso para a distinção do constituinte que carrega o Caso objetivo quando este elemento tem as propriedades

gramaticais do sujeito.

Para a autora, entretanto, não está muito claro o motivo que leva os nomes próprios e as expressões definidas a serem fatores obrigatórios de inserção da preposição no romeno, enquanto que outros sintagmas mesmo com o traço [ + humano ] são fatores não obrigatórios dessa inserção.

De natureza diferente do espanhol peninsular, que não legitima o redobrimento de clítico com sintagmas nominais, no romeno as estruturas de acusativo preposicionado com objetos nomes próprios e expressões definidas são realizadas na forma de redobrimento de clítico.

Na argumentação de Dobrovie – Sorin ( op. cit : 21 ), enquanto no francês e no italiano os objetos direto e indireto lexicais se acham em distribuição complementar com os pronomes clíticos correspondentes, no espanhol e no romeno, esses objetos coexistem de maneira opcional ou obrigatória com os clíticos que portam o mesmo papel –  $\theta$  ( op. cit : 21 – 22 ):

Dobrovie – Sorin assume a preposição **pe** dessas estruturas acusativas na função de marcador de Caso.

Para Dobrovie – Sorin, o redobrimento de clítico só é permitido na presença do acusativo preposicionado.

Conforme mostra Dobrovie - Sorin ( op.cit : 31 – 33 ), com exceção dos quantificadores **nimeni** ( ninguém ) e **cineva** ( alguém ), no romeno, há formação de estruturas de redobrimento de clítico com objetos nomes próprios e expressões definidas.

( 1. 23 )

68. L-am vâzut **pe** Ion.  
Je l-ai vu **pe** Jean.  
Vi-o **pe** Jean.
69. L-am intilnit **pe** vârul tâu.  
( Je ) l-ai rencontré **pe** cousin ton.  
Encontrei-o **pe** teu primo.

O redobrimento de clítico também é formado com pronomes pessoais.

( 1. 24 )

70. L-am vâzut **pe** el.  
( Je ) l-ai vu **pe** lui.  
Vi-o **pe** ele.

O redobrimento de clítico é facultativo no romeno com objetos que apresentam opcionalidade de formação do acusativo preposicionado.

( 1.25 )

71. Am vâzut bătutul.  
( Je ) ai vu garçon-le.  
Vi o menino.
72. L-am vâzut pe bătut.  
( Je ) l-ai vu pe garçon.  
Vi - o ao menino.
73. Bătutul l-am examinat ieri.  
Le garçon ( je ) l-ai examiné hier.  
O menino o examinei aqui.
74. Am examinat un elev.  
( je ) ai examiné un élève.  
Examinei um aluno.
75. L-am examinat \* ( pe ) un elev care a rãmas repetent.  
( je ) l-ai exáminé pe un élève qui a redoublé.  
Examinei-o a um aluno que repetiu.

Na proposta de Dobrovie-Sorin, nestas construções, em que há um clítico e um sintagma correferencial a este elemento, interpretado como um argumento do mesmo tipo, é a preposição que atribui um Caso ao complemento dobrado. O Caso do verbo é atribuído ao clítico.

O redobramento é excluído nas estruturas de acusativo preposicionado formadas com os quantificadores **nimeni** ( ninguém ) e **cineva** ( alguém ).

( 1. 26 )

76. \* Nu l-am vâzut pe nimeni  
( je ) ne l-ai vu pe personne.  
Não o encontrei a ninguém.
77. \* L<sub>1</sub>-am intilnit pe cineva<sub>1</sub> .  
( je ) l-ai rencontré pe quelqu'un.  
Encontrei-o a alguém.

Para Dobrovie – Sorin, a não formação de estruturas de redobramento de clíticos com os quantificadores **nimeni** ( ninguém ) e **cineva** ( alguém ), pode ser justificada pela própria natureza quantificacional destes elementos. Como elementos quantificacionais, eles são submetidos ao Movimento dos Quantificadores ( May, 1977 ).

A que a regra do Movimento dos Quantificadores ( Mvt Q ) se aplica a NPs que comportam operadores, em os deslocar para uma posição de adjunção à oração dominante. A FL que resulta deste movimento comporta um operador na posição A' de adjunção à oração e uma variável ( o traço deixado pelo NP quantificado ). A categoria nula resultante do Mvt Q precisa estar de acordo com condições de boa formação que regem as variáveis: se achar numa posição A, ser marcada por um Caso e ser ligada por um Operador.

Dobrovie – Sorin propõe que, nas estruturas acusativas com os quantificadores **nimeni** ( ninguém )

e **cineva** (alguém), uma variável é deixada no lugar do quantificador deslocado, na LF, por Mvt Q, em obediência às exigências que definem as variáveis. Nesta relação, a presença do clítico na estrutura não é permitida. A presença do clítico implicaria numa variável sem atribuição de Caso, pois o clítico absorveria o Caso objetivo (op. cit : 53 -75).

Os dados apresentados por aquela autora indicam a não formação de redobramento de clítico com esses objetos em estruturas acusativas projetadas nas ordens V O / O V.

( 1.27 )

78. \* [ pe nimeni <sub>1</sub> ] [ S nu l<sub>1</sub>- am intilnit e<sub>1</sub> ]  
 [ pe personne<sub>1</sub> ] [ S ( je ) ne l<sub>1</sub>-ai rencontré e<sub>1</sub> ]  
 A ninguém não o encontrei.
79. \* [ pe cineva<sub>1</sub> ] [ S l<sub>1</sub>- am intilnit e<sub>1</sub> ]  
 [ pe quelqu'un<sub>1</sub> ] [ S ( je ) l<sub>1</sub>-ai rencontré e<sub>1</sub> ]  
 A alguém o encontrei.

Dobrovie - Sorin propõe que uma referência específica não implica Mvt Q. Para a autora, uma representação que utiliza uma relação de quantificação existencial não é compatível com a interpretação para referência específica.

Na proposta de Dobrovie-Sorin, no romeno, os objetos diretos redobrados não são acessíveis à quantificação.

O romeno também forma estruturas de redobramento de clítico dativo.

Um comportamento diferente é mostrado na formação desse tipo de estrutura. De acordo com as observações de Dobrovie - Sorin ( 1987 : 34 ), o redobramento de clítico dativo no romeno é opcional para uma certa classe de sintagmas que designam referentes [ + animados + humanos + específicos ].

( 1.28 )

80. ( I ) – am trimis bani bàitului tàu.  
 ( je ) ( lui ) - ai envoyé argent garçon<sub>dat</sub> ton.  
 J' ai envoyé de l'argent à ton garçon.

Na proposta da autora, o redobramento de clítico dativo é completamente opcional no romeno, no sentido de que sua presença ou sua ausência não muda em nada o resto da frase.

O redobramento de clítico acusativo está correlacionado com a presença de uma preposição que precede o objeto. Esta preposição tem o papel de assegurar a atribuição do Caso ao objeto direto precisamente nas estruturas que têm clítico, os quais absorvem o caso normalmente atribuído ao elemento em posição de objeto.

O redobramento de clítico dativo não afeta em nada o NP dativo. Sua proposta é que o Caso dativo não é atribuído pelo verbo. O caso dativo, marcado morfologicamente em romeno, seria um Caso inerente.

Na argumentação de Dobrovie – Sorin ( op. cit : 34 – 35 ), o contraste verificado entre estes dois tipos de estruturas é observado tanto no romeno quanto no espanhol. Nas duas línguas, o complemento

objeto indireto pode ser redobrado livremente por um clítico sem que o redobramento seja correlacionado à presença de uma preposição. Nas duas línguas, o objeto direto não pode ser redobrado sem que ele seja precedido de uma preposição.

Tanto no romeno quanto no espanhol, o objeto direto sem redobramento recebe o Caso objetivo sob regência do verbo. O objeto indireto recebe um Caso inerente. No romeno, por meio de um Caso morfológico; no espanhol, com a ajuda de uma preposição.

Na proposta de Dobrovie- Sorin ( 1987 : 38 ), o caso inerente é atribuído livremente. Esta condição não viola o princípio de atribuição de Caso proposto por Vergnaud ( 1982 ) de que um mesmo elemento não pode atribuir o mesmo Caso a dois NPs distintos.

A atribuição livre do Caso inerente permite a atribuição dupla do Caso dativo nas estruturas de redobramento. Um Caso inerente é atribuído livremente dentro de uma mesma cadeia temática. Os Casos inerentes são intimamente ligados aos papéis –  $\theta$ .

O romeno legitima um outro tipo de construção que implica em estruturas de redobramento de clítico. Trata-se das estruturas formadas com o pronome relativo **care** ( qual ).

Conforme observa Dobrovie – Sorin, a formação de estruturas de redobramento de clítico com pronomes relativos no romeno representa um contraste crucial desta gramática com a gramática do espanhol do Rio da Prata. ( op. cit : 80 - 81 ),

( 1.29 )

81. Omul pe care l - am vâzut.  
O homem ao qual eu o vi.
82. El hombre que/ a quien vi.  
O homem que / a quem vi.

Com os pronomes interrogativos correspondentes, a presença do clítico é excluída.

( 130 )

83. \* Pe cine l-ai vâzut ?  
A quem você o viu ?
84. Pe cine ai vâzut ?  
A quem você viu ?
85. \* Ce l-ai citit ?  
O que você o leu ?
86. Ce ai citit ?  
O que você leu ?

A restrição da presença do clítico em construções com pronomes interrogativos é verificada nas estruturas acusativas. Em estruturas dativas, o redobramento de clítico é realizado tanto no romeno quanto no espanhol.

( 1.31 )

87. A quién le regaló un libro ?

A quem tu lhe emprestaste um livro ?

88. Cui ( i ) – ai dat o carte ?  
À qui ( lui )- as ( tu ) donné un livre ?  
A quem ( lhe ) deu um livro ?

Na proposta de Dobrovie – Sorin ( op. cit : 91 ), os interrogativos romenos em **pe cine/ ce** são estruturas que têm movimento Wh e se comportam como as estruturas do espanhol que têm este movimento. Estas estruturas por implicarem na relação Operador – variável excluem o uso do clítico acusativo. A formação de estrutura de redobrimento de clítico acusativo na estrutura com o pronome relativo **care** reflete a restrição do romeno da atuação de movimento Wh neste tipo de estrutura.

Outro fato lingüístico do romeno assinalado no trabalho de Dobrovie – Sorin é a legitimação de estruturas de redobrimento de clítico com sintagmas quantificados ( op. cit : 65 - 69 ). Propõe Dobrovie-Sorin que no romeno os sintagmas quantificados apresentam dois comportamentos diferentes. Os sintagmas quantificados que legitimam estruturas de redobrimento de clíticos têm o comportamento uma **constante**; os que não autorizam a presença do clítico nas estruturas acusativas se comportam como **variáveis**.

A interpretação **constante** estaria associada à condição de [ + específico ], refletida por esses sintagmas, em decorrência de uma quantificação interna ao objeto, e não ao nível oracional, como ocorre com os quantificadores **nimeni** e **cineva**, que implicam sempre em Mvt Q.

( 1.32 )

89. L<sub>1</sub>-am intilnit pe multi copii<sub>1</sub>.  
( je ) les-ai rencontré pe beaucoup d'enfants.  
Encontrei-as a muitas crianças.
90. L<sub>1</sub>-am intilnit pe toti copii<sub>1</sub>.  
( je ) les-ai rencontré pe tous les enfants.  
Encontrei-as a todas as crianças.

No romeno, estes quantificadores legitimam também a forma variante sem a presença do clítico. Nas argumentações de Dobrovie-Sorin ( op. cit: 47 ), os sintagmas quantificados dessas estruturas por não terem o caráter [ + específico ] se comportam como **variáveis**.

( 1.33 )

91. Am intilnit multi copii.  
J'ai rencontré beaucoup d'enfants.  
Encontrei muitas crianças.
92. Am intilnit toti copii.  
J'ai rencontré tous les enfants.  
Encontrei todas as crianças.

De acordo com a autora, no romeno, o quantificador **toti** ( todos ) se apresenta integrando

sintagmas preposicionados em estruturas de redobrimento de clítico. Sua justificativa para a agramaticalidade da estrutura abaixo, com deslocamento do NP-objeto representado por este quantificador para a posição periférica mais alta à esquerda da oração, sem a presença do clítico, está associada à condição de que naquela língua, o quantificador **toti** ( todos ) ter como domínio o NP do qual ele faz parte. Este sintagma quantificado não pode estar ligado a uma variável na oração.

( 1.34 )

93. Toti prietenii<sub>1</sub> am intilnit e<sub>1</sub> ieri.  
 Tous les amis<sub>1</sub> ( je ) ai rencontré e<sub>1</sub> hier.  
 Todos os amigos, encontrei aqui.

Para a autora, nesta estrutura, haveria uma variável que não é ligada a nenhum operador.

Outra restrição daquela gramática proposta por Dobrovie-Sorin ( 1987:121 ) é a não legitimação de estruturas de topicalização. Sua justificativa para a não formação desse tipo de estrutura no romeno é a restrição de uso do Movimento Wh por aquela gramática.

Sua proposta é que a gramática romena não dispõe do Movimento Wh nem de Operadores nulos.

De acordo com a autora, um outro tipo de estrutura excluída da gramática romena é a estrutura de Foco. O romeno também não licencia estruturas focalizadas por não dispor do Movimento Wh.

Na proposta de Dobrovie-Sorin ( 1987 : 124 ), no romeno, o objeto deslocado da ocorrência abaixo não representa elemento focalizado, pois a presença do clítico exclui a categoria nula e<sub>1</sub> de ser tomada como uma variável.

( 1.35 )

94. [ pe Ion<sub>1</sub> [ l - am vâzut e<sub>1</sub> ] ] ( nu pe Petre ).  
 [ pe Jean<sub>1</sub> [ ( je ) l<sub>1</sub>-ai vu e<sub>1</sub> ] ] ( non pas Pierre )  
 A Jean<sub>1</sub> o<sub>1</sub> vi. ( não a Pedro )

Para Dobrovie-Sorin ( 1987 : 133 ), esta estrutura representa uma estrutura de Tematização ( CLLD, de Cinque, 1984 ). Nestas estruturas de redobrimento de clítico, um elemento que ocupa uma posição A', numa posição periférica à esquerda da oração, está ligada a um clítico na oração por meio de uma cadeia. A saturação da posição funcional na oração é assegurada por intermédio de cadeias clíticas, da qual o constituinte Tema compartilha juntamente com a categoria nula em posição argumental e com o clítico ligado a esta posição ( 1987 : 341 ).

( 1.36 ) ( pe Ion<sub>1</sub> il<sub>1</sub> e<sub>1</sub> )

Em sua argumentação, a presença de um clítico é essencial, pois sem este elemento, o Tema entraria em relação com uma posição tipo variável, por razões de Caso, como acontece com as estruturas de Topicalização, legitimadas em outras gramáticas.

Esta ligação do elemento deslocado para o início da oração com o clítico não é observada nas estruturas de Deslocamento à Esquerda, legitimadas também no romeno ( op.cit : 139 ).

( 1.37 )



95. ( Cit despre ) Ion, nu l-am v zut de anul trecut.  
 ( quant   ) Jean, ( je ) ne l' ai ( pas ) vu depuis l'année derni re.  
 ( quanto a ) Jean, não vi mais depois do último ano.

Nas estruturas de Tematiza o, o elemento funcional na ora o   sempre um clítico. Há conectividade entre o elemento tematizado e o clítico ( op.cit : 133 ).

( 1.38 )

96. ( pe ) Ion<sub>1</sub> l<sub>1</sub>—am intilnit e<sub>1</sub> anul trecut.  
 ( pe ) Jean<sub>1</sub> ( je ) l<sub>1</sub>-ai rencontré e<sub>1</sub> l'année derni re.  
 ( a ) Jean<sub>1</sub> o<sub>1</sub> encontrei no ano passado.

Nas estruturas de Deslocamento   Esquerda, esta condi o não   observada. Nelas, não há obrigatoriedade do clítico como elemento funcional na ora o. Outros elementos podem ocupar o lugar do clítico.

( 1.39 )

97. ( Cit despre ) Ion, n-am intilnit fata care l-a v zut ultima dat .  
 ( Quant   Jean ), ( je ) n' ai ( pas ) rencontré la fille laquelle l-a vu  
 derni re fois.  
 ( Quanto a ) Jean, não encontrei a filha a qual a vi na última vez.

Uma questão não esclarecida por Dobrovie-Sorin neste trabalho,   o motivo da opcionalidade de inser o da preposi o nas estruturas de Tematiza o dos dados em ( 1.38 ).

Naquela gramática, como revela a própria autora, objetos com este estatuto são contextos obrigatórios de inser o da preposi o.

Quanto   posi o do elemento deslocado, propõe que a frase do romeno dispõe de uma posi o não argumental na posi o periférica   esquerda da ora o que acolhe os constituintes tematizados ( op.cit : 315 ). Esta posi o pode acolher qualquer tipo de constituinte; um v st gio na posi o de origem permite a interpreta o funcional. O termo **Tema** designa uma posi o. Os elementos que ocupam esta posi o são chamados **Tematizados**. No romeno, todo constituinte que se acha   esquerda do verbo constitui um Tema.

A presença de um objeto na posi o periférica   esquerda do verbo implica sempre em estrutura de Tematiza o.

De acordo com a autora, a presença obrigatória do clítico neste tipo de estrutura, indica que nenhum quantificador pode ser postulado.

Na argumenta o de Dobrovie-Sorin, uma diferença importante que se pode observar no romeno entre o Deslocamento   Esquerda e a Tematiza o se dá em rela o às posi es estruturais: o Tema pode aparecer   direita de um Comp lexical; isto não ocorre com os objetos das Estruturas de Desloca o   Esquerda.

Para a autora, esta distribui o   muito clara nas frases subjuntivas.

( 1.40 )

98. As vrea **ca** pe Ion sà-l examinezi miine.  
 ( je ) voudrais que pe Jean sà-le ( tu ) examines demain.  
 Gostaria que pe Jean você o examine amanhã.

De acordo com Dobrovie Sorin ( op.cit : 350 ), a ocorrência acima mostra que o Tema não ocupa uma posição em Comp. Este fato indica que o romeno não aceita Comp duplamente preenchido. Para a autora, é necessário admitir a existência de uma posição Tema diferente de Comp duplamente preenchido. Em sua argumentação, estruturas com duplo Comp não são atestadas no romeno.

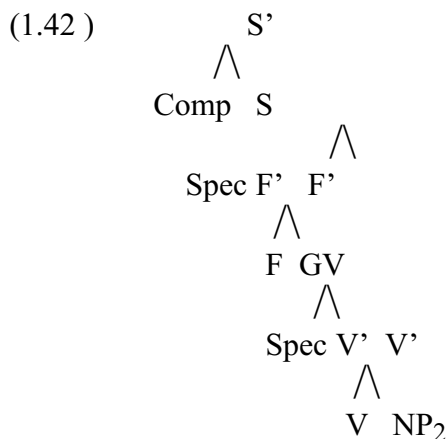
Para Dobrovie – Sorin esta impossibilidade pode ser justificada admitindo - se que os elementos deslocados no início da oração não ocupam uma posição de adjunção à oração, mas a posição Spec F'.

O nóculo Spec F' pode acolher muitos elementos tematizados, sem a intervenção de Comp ( op.cit : 350 -353 ).

( 1.41 )

99. As vrea ca miini pe Ion sà-l laá acasà.  
 ( Je ) voudrais que demain pe Jean ( tu ) le laisses à la maison.  
 Gostaria que amanhã ( pe ) Jean ( você ) o deixasse em casa.  
 Gostaria que você você deixasse Jean em casa amanhã.

Dobrovie-Sorin, propõe que o constituinte Tema é gerado sob o nóculo Spec F na configuração:



Alguns outros fatos do romeno apresentados por Dobrovie-Sorin indicam que o sujeito pós-verbal não ocupa a posição do objeto ( op.cit : 314 )

Seu estudo mostra que o romeno não apresenta a assimetria entre os sujeitos pós-verbal em função do tipo de verbo.

Naquela gramática, a posição pré-verbal não é privilégio do sujeito. O objeto direto, o objeto indireto e os complementos circunstanciais podem aparecer em primeira posição. O sujeito pode se achar em posição pós-verbal se um outro constituinte ocupa a posição pré-verbal. Não importa qual constituinte. Um só constituinte precisa ser tematizado, para que todos os outros possam permanecer depois do verbo. Os complementos circunstanciais satisfazem igualmente a exigência de tematização.

**O elemento tematizado não deve fazer parte da projeção máxima do verbo.** O Tema não ocupa em romeno uma posição em Comp. O romeno não admite o Comp duplamente preenchido. Estes constituintes que aparecem no início da frase, não são separados do resto da frase por uma intonação ou vírgula. Mas a intonação marcada pela vírgula é possível. ( op.cit : 314 )

( 1.43 )

100. ( Cit despre ) Ion, il va examina Popescu.  
Quant à Jean, le va examiner Popescu.  
Quanto à Jean, Popescu va l'examiner.  
Quanto à Jean, Popescu o examinará.

## **2.5 Na história do português: Ramos ( 1992 )**

Na verificação do processo de produtividade de estrutura de acusativo preposicionado do Português usado no Brasil nos séc. XVII - XVIII, Ramos ( 1992 ), atribui a ocorrência desse fenômeno à teoria do Caso e à parametrização das categorias funcionais.

Propõe uma mudança sintática para explicar a restrição de formação desse tipo de estrutura naquela gramática a partir do séc. XIX.

Seu estudo mostra que os fatores lingüísticos que vêm favorecer a inserção da preposição nas estruturas acusativas do PB daquela época são: **traço [ + animado] dos NPs sujeito e objeto, ordem O V, ordem V S O, estrutura V X O, tipos de verbo.**

Para a autora, o fator não-adjacência do objeto com o verbo é o mais significativo, na medida em que vem corroborar com a hipótese de que a inserção da preposição **a** é recurso preferencial usado por aquela gramática quando o NP-objeto não pode receber Caso diretamente do verbo.

Quanto às situações lingüísticas onde não há adjacência e nem por isso a preposição

é inserida, Ramos atribui ao tipo de material que se interpõe entre o verbo e o NP a responsabilidade de tal ocorrência. Assim, nas estruturas V X O, o fator adjacência como causa da inserção da preposição é verificado quando o elemento X representa um **predicado de mini-oração; uma categoria vazia que recebe papel temático tema; um advérbio de modo, tempo ou frequência;** ou ainda uma **categoria vazia coindexada com o NP-sujeito**. Sua argumentação é que a ordem V S seria a ordem básica do séc. XVIII e as estruturas transitivas se apresentariam em maior frequência na ordem **Verbo + sujeito + complemento**.

Para Ramos, o processo de mudança quanto à frequência menor de uso da forma preposicionada de estruturas acusativas a partir do séc. XVIII refletiria uma tendência geral da língua de apresentar a ordem [ sujeito + predicado].

As mudanças de estruturas do PB do séc. XIX propostas por Ramos (op.cit: 285 ) seriam:

( 1.44 ) Acusativos preposicionados

[ V e aNP ] > [ V NP<sub>1</sub> e<sub>1</sub> ]

101. Ele ( ... ) tirando da aldeia a outro Padre. ( séc. XVII )

102. Ele ( ... ) tirando outro Padre da aldeia. ( séc. XX )

Para Ramos, neste tipo de estrutura, os NPs seriam preposicionados por terem sido impedidos de ocupar a posição Spec V', posição essa marcada com Caso estrutural. **O NP não teria sido movido para Spec de V' para evitar a violação da Condição de Superioridade**. Este comportamento, segundo Ramos, apenas se efetiva nos estágios da língua em que o NP-sujeito é gerado sob VP ( = V' )

( 1.45 ) Mini-orações

[ V X aNP ] > [ V NP X ]

103. Achei preso ao tronco a João Costa. ( séc XVIII )

104. Eu achei João Costa preso ao tronco. ( séc. XX )

Ramos atribui à **uma alteração da categoria funcional Agr** as mudanças de estruturas acima verificadas. Tais mudanças se dariam em consequência da reestruturação de Agr com V. Esse tipo de reestruturação, faz com que o VP seja L-marcado. Sendo L-marcado, ele deixa de ser de ser barreira para extração do DP-objeto.

A responsabilidade pela ausência dos processos desencadeadores de inserção de **a** nas estrutura de complementação verbal do PB atual estaria nesta mudança ocorrida no caráter de Agr.

Para a autora, as hipóteses mais adequadas são as que permitem associar a presença da

preposição **a** à presença de um NP ( pleno ou vazio ) ou de um predicado adjacente ao verbo.

Quanto às relações sintáticas para o licenciamento das estruturas de objetos preposicionados, Ramos se apóia na hipótese de que haveria distinção entre a posição que recebe papel temático de V e a posição estrutural que recebe Caso acusativo, atribuindo uma estrutura de mini-orção aos diferentes complementos de AgrO.

Sua hipótese é que tanto as mini-orções propriamente ditas como os demais complementos que apresentam **a** podem ser identificados como “sujeitos” em estruturas do tipo:

(1.46) [ e<sub>1</sub> X aNP ],  
 onde X é predicado.

105. E tirando da aldeia a outro padre. ( séc. XVII )

106. E assim vendem aos pobres. ( séc. XVII )  
 ( o NP-pobres recebe papel temático tema )

Esta seria a estrutura tomada como paradigma para o licenciamento dos complementos preposicionados no PB; a presença de **a** indicaria sempre um NP “sujeito” de uma mini-orção que se encontra à direita de seu predicado.

Ramos justifica as construções de acusativo preposicionado do português brasileiro dos séc. XVII-XVIII, propondo a configuração ( op. cit : 233-234 ):

( 1.47 )  
 107. Achei a Martim Afonso em Olinda.  
 [ NP<sub>1</sub> V e<sub>1</sub> aNP ]  
 [ AgrS NP<sub>1</sub> [ AgrO [ e V NP<sub>2</sub> ] ] ]

A categoria vazia preencheria a posição Spec de V’.

(1.48)

$$\begin{array}{c}
 \text{AgrO} \\
 \wedge \\
 \text{Agro V}' \\
 \wedge \\
 \text{e} \quad \text{V}' \\
 \quad \quad \wedge \\
 \quad \quad \text{V} \quad \text{NP}
 \end{array}$$

Sua proposta é que a estrutura de complemento verbal apresentaria o NP-objeto em posição Spec V’. O NP-objeto se moveria para tal posição para atender ao Filtro do Caso. A posição Spec V’ seria marcada com Caso e não temática.

Para Ramos, os acusativos preposicionados seriam NPs que permaneceriam na posição em que foram gerados na estrutura-D, sendo esta uma posição temática, mas não atribuidora de Caso. A inserção da preposição se faria nesta posição para evitar a violação do Filtro do Caso, já que NP-objeto, embora marcado tematicamente por V, por algum motivo, estaria impedido de receber Caso estrutural. **A preposição ao atribuir Caso ao NP, salvaria estruturas com Spec não disponível, tal como nas**

## estruturas com clíticos.

Este seria um outro papel desempenhado pela preposição inserida nas estruturas de NPs-objetos: evitar o movimento do NP, quando tal movimento viesse implicar em violação de outros princípios da gramática. Tal procedimento justificaria as ocorrências nas quais o Spec de V' se apresenta disponível nas estruturas de complementação verbal, sem que o NP-objeto se movimente para esta posição. O movimento do NP-objeto para a posição Spec V' não ocorreria em consequência de: **ordem VS, incorporação do predicado de mini-oração por V e presença de clítico.**

A hipótese de Ramos é que o Caso estrutural seria atribuído por Agr e não por V. Como categoria lexical, V atribuiria papel temático, mas não Caso. Agr regeria e atribuiria Caso ao NP na posição Spec V'.

É nesse tipo de argumentação que Ramos **toma como fator definitivo para a inserção da preposição a nas estruturas transitivas a presença de uma categoria vazia vinculada ao NP sujeito da sentença:**

( 1.49 )

108. Ele ( ... ) tirando da aldeia a outro Padre. ( séc. XVII )

[ NP<sub>1</sub> V e<sub>1</sub> aNP<sub>2</sub> ]

### 1.6 A proposta de Jaeggli para a atribuição de Caso nas estruturas de acusativo preposicionado do espanhol

Jaeggli ( 1986 : 16 ) assume as propostas de Kayne ( 1975 ) e Strozer ( 1976 ) dos clíticos nas línguas românicas como morfemas ligados ao verbo. Para o autor, os clíticos ocorrem nas estruturas D e S , realizados na configuração:

( 1.50 )

$$\begin{array}{c} V \\ \wedge \\ Cl \quad V \end{array}$$

Dentro desta proposta, o clítico é tomado sintaticamente como uma palavra separada, sendo, entretanto dominado pelo mesmo nóculo do verbo ao qual ele está afixado. O domínio de regência do clítico é coextensivo com o domínio de regência do verbo.

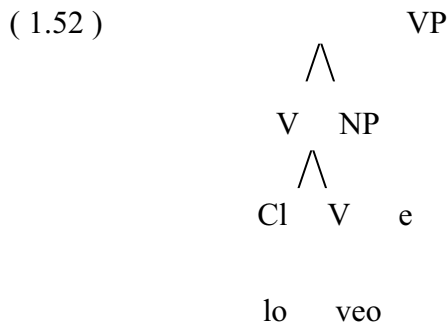
Jaeggli propõe que a posição do clítico não é uma posição de argumento. Esta não seria uma posição de projeções máximas, na medida em que esta posição aceita somente restritos elementos nominais.

( 1.51 )

109. Lo veo.

O viu.

Propõe que esta construção tem a configuração nas estruturas S e D;



Nas argumentações de Jaeggli, o papel –  $\theta$  é atribuído ao NP na posição de objeto. O Princípio da Projeção exige uma posição de NP subcategorizado da mesma maneira como exige a existência de traços nos casos de movimento.

Em algumas línguas românicas, a posição de argumento precisa ser obrigatoriamente nula em construções com clítico. Este fato é assinalado nos dados do francês apresentados por Jaeggli ( op. cit : 18 )

( 1.53 )

- 110. Marie voit Jean.  
Marie vê Jean.
- 111. Marie le voit.  
Marie o vê.
- 112. \* Marie le voit Jean.

Na argumentação de Jaeggli, esta condição de complementariedade verificada nos dados acima é justificada considerando que os clíticos da mesma maneira que outros elementos nominais necessitam de Caso.

O verbo **voit** atribui Caso ao clítico. Desse modo, o Caso não pode mais ser atribuído ao NP Jean. Se o Caso é atribuído a Jean, o clítico fica sem Caso. Para o autor, esta restrição explica a exclusão da sentença ( 153 : 112 ). O Filtro do Caso requer que todos os nomes lexicais sejam marcados com Caso.

Para Jaeggli, a atribuição de Caso ao clítico ( absorção de Caso ) é possível porque os traços de Caso dos verbos não são ligados a posições estruturais específicas, como são os papéis –  $\theta$ . Para o autor, a condição necessária para ocorrer a atribuição de Caso é através da relação de regência. O verbo na construção ( 153 : 111 ) rege o clítico, não havendo problema na atribuição de Caso a este elemento.

A absorção de Caso é assumida como exemplo de atribuição a um morfema ligado.

Na bases da proposta desse autor, nem todos os clíticos necessitam de Caso. A exigência de atribuição de caso aos clíticos seria uma opção parametrizada. Como os dados do francês, apresentados

acima, os clíticos acusativos do espanhol se apresentam também em distribuição complementar com os objetos diretos lexicais, que não são precedidos da preposição **a**.

( 1.54 )

113. La compré ( \* la casa )

A comprei ( \* a casa )

114. Lo vendí ( \* el libro )

O vendi ( \* o livro )

Nas suposições de Jaeggli ( op. cit : 20 ), sendo o Caso atribuído ao clítico acusativo, ele não mais pode ser atribuído ao NP na posição de complemento.

Assinala que o clítico dativo tem comportamento diferente no espanhol. Esses elementos não se apresentam em distribuição complementar com os objetos indiretos lexicais.

( 1.55 )

115. Le entregué el libro al professor.

Lhe entreguei o livro ao professor.

Para dar conta desse tipo de construção, Jaeggli assume as sugestões apresentadas em trabalhos anteriores ( Jaeggli, 1982 ; Borer, 1983 ) de que tanto o verbo quanto a preposição juntos atribuem Caso. Esta condição é que permitiria a coexistência do clítico dativo com o objeto indireto lexical.

A preposição é assumida nesta construção como marcador de Caso. O clítico dativo absorve o Caso. Em concordância com o Princípio da Projeção, a categoria **pro** é licenciada dentro do VP. Esta categoria **pro** somente é determinada por um clítico marcador de Caso.

Nas estruturas de redobramento de clítico acusativo, legitimada em dialetos do espanhol, como na ocorrência apresentada pelo autor :

( 1.56 )

116. Lo vi a Juan.

Vi Juan.

O clítico absorve o Caso do verbo. A preposição vem salvar a estrutura por atribuir Caso ao objeto lexical.

Na argumentação de Jaeggli, a presença da preposição não é em decorrência do redobramento de clítico. É o redobramento que é dependente da preposição **a**. Seria, segundo ele, muito difícil assumir que a preposição é inserida em função da presença do clítico, tendo em vista a realização de estrutura de acusativo preposicionado do espanhol sem a presença de clítico.



( 1.57 )

117. Vimos \* ( a ) Juan.

Para Jaeggli, a ausência da preposição leva a agramaticalidade da sentença acima, e não há nenhum clítico na estrutura. Para o autor, este fato reforça a hipótese de que é a presença da preposição na estrutura que torna possível o redobramento de clítico.

Quanto ao problema levantado nesta estrutura sem clítico do Caso ser atribuído ao NP – Juan pela preposição, ficando o Caso do verbo sem atribuição, Jaeggli assume que a função da preposição nesta construção é transmitir o Caso acusativo do verbo.

Assumindo que a atribuição de Caso se dá por emparelhamento de Caso, Jaeggli propõe que um par ( X, Y ) é construído para cada traço de Caso de um atribuidor de Caso, que é emparelhado com o elemento que recebe o Caso. Ao emparelhamento de Caso, Jaeggli denomina par de Caso.

Para o autor, a exigência na atribuição de Caso pode ser estabelecida como uma exigência mantida entre o traço de Caso e o elemento que recebe o Caso por meio de um par de Caso. De acordo com sua proposta, o Filtro de Caso pode ser assumido em termos de :

( 1.58 )                    \* NP, NP lexical, exceto se o NP é um membro de um par de Caso.

Na justificativa desta proposta, Jaeggli indica ocorrências de estruturas acusativas com e sem preposição do espanhol e ocorrências de redobramento de clítico acusativo licenciadas no espanhol da América do Sul.

Para o autor, na ocorrência :

( 1.59 )

118. Compramos la casa.

Um par de Caso seria formado com o traço de caso do verbo **compramos** e do objeto **la casa**. O objeto passaria o Filtro de Caso e o traço de Caso seria emparelhado.

( 1.60 )

119. Vimos a Juan.

Nesta construção, dois pares de casos seriam formados : um, consistindo do traço de Caso do verbo e da preposição , e outro, consistindo do mesmo traço de Caso da preposição e do objeto direto. Estando todos os traços de Caso emparelhados, o objeto direto recebe o Caso acusativo.

( 1.61 )

120. Lo vimos a Juan.

Para Jaeggli, nesta construção, três pares de Caso seriam formados. Um deles conteria o traço de Caso do verbo e do clítico **lo**. O segundo teria o traço de Caso do verbo e da preposição. O terceiro par seria formado com o traço de Caso da preposição e do sintagma na posição de objeto. O objeto passaria pelo Filtro de Caso em virtude de ser um par de Caso com o traço de caso da preposição **a**.

Tendo em vista este tipo de proposta, Jaeggli assume a preposição **a** que antecede os objetos nas estruturas de acusativo preposicionado do espanhol como uma espécie de ponte de Caso. Para o autor, a condição de ponte de Caso permite que o traço de Caso do verbo seja associado a mais de um sintagma nominal por romper a cadeia de associação.

Para o autor, a hipótese centrada na relação estabelecida por meio do par de Caso permite que o Caso acusativo seja atribuído aos objetos precedidos da preposição **a** nas estruturas acusativas do espanhol.

### **1.7. Conclusão**

Apresentei neste capítulo uma síntese da manifestação do acusativo preposicionado nas línguas românicas medievais, de acordo com o resultado dos estudos de Meir ( 1947, 1983 ) e Lois ( 1982 ).

Apresentei resenhas dos trabalhos de Lois ( 1982 ), Dobrovie – Sorin ( 1987 ) e Ramos ( 1992 ), que descrevem o acusativo preposicionado, respectivamente, no espanhol e romeno modernos, e no português brasileiro dos séc. XVII - XVIII.

Apresentei também a proposta de Jaeggli ( 1986 ) sobre a atribuição de Caso nas estruturas de acusativo preposicionado do espanhol.

Na proposta de Lois, o Caso do verbo é atribuído sob cadeia à configuração [ NP a NP ]. O verbo percola até a cabeça da cadeia ( Chomsky, 1982 ). Embora Lois assuma esta proposta para explicar o Caso dos objetos preposicionados, ela desconsidera o uso da preposição sendo motivado por necessidade de atribuição de Caso. Propõe que a preposição é obrigatoriamente inserida nas estruturas acusativas do espanhol quando os objetos têm traços não distintos dos traços do sujeito.

Dobrovie – Sorin assume a inserção da preposição como fator que assegura o Caso ao objeto das estruturas de redobrimento de clíticos acusativo e dativo do romeno.

Ramos, assume esta função para a preposição nas estruturas de acusativo preposicionado do português brasileiro dos séc. XVII – XVIII.

Jaeggli, propõe a participação da preposição na atribuição de Caso, cabendo, entretanto, ao verbo este papel, seja aos objetos das estruturas de redobrimento de clítico ou aos objetos nas estruturas de acusativo preposicionado.

## Capítulo 2

# Contextos de formação do acusativo preposicionado

### 2.1 Corpus e Metodologia

Este capítulo tem por objetivo apresentar a descrição dos contextos de formação do acusativo preposicionado do português clássico, tendo como referência dados pesquisados no Corpus Tycho Brahe de trinta e oito textos de autores portugueses nascidos entre os anos de 1502 a 1850.

O Corpus Tycho Brahe compõe-se de um corpus eletrônico pertencente ao Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Gramatical, cujo acesso pode ser feito através do endereço : <http://www.ime.usp.br/~tycho>.

No Corpus Tycho Brahe, os textos são encontrados em duas versões: transcrição ortográfica e versão anotada com etiquetas morfológicas.

#### 2.1.1 Corpus

##### Séc. XVI

- D. João III ( 1502 – 1557 ) : Cartas de João III – Rei de Portugal

Edição: Cambridge, Massachusetts. Harvard University Press, 1931 ( edição portuguesa com uma introdução de J. D. M. Ford )

- Fernão Mendes Pinto ( 1510 – 1583 ) : Perigração

Edição: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Gráfica Maiadouro - Vila da Maia. 1984  
( transcrição de Adolfo Casais Monteiro )

- Francisco de Holanda (1517 – 1584 ) : Da Pintura Antiga

Edição : Imprensa Nacional - Casa da Moeda ( introdução e notas de Angel Gonzáles Garcia )

- Diogo Couto ( 1542-1606 ) : Décadas

Edição: Vol 1. Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1947. ( seleção, prefácio e notas de António Baião).

- Luís de Sousa ( 1556-1632 ) : A Vida de D. Bertolameu dos Mártires

Edição: Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. (introdução de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro).

- Bernardo de Brito ( 1569 – 1617 ) : Da Monarquia Lusitana

Edição : Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1806.

- Francisco Rodrigues Lôbo ( 1579 –1621 ) : Corte na Aldeia e Noites de Inverno  
Edição: Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1907 (prefácio e notas por A. Lopes Vieira).

- Manuel Severino de Faria ( 1583 – 1655 ) : Discursos vários políticos  
Edição: Imprensa Nacional - Casa da Moeda ( introdução actualização e notas de Maria Leonor Soares Albergaria Vieira).

- Antonio Brandão. ( 1584 - 1637 ) : Monarchia Lusitana  
Edição: Tomo II. Lisboa, Tipografia da Academia Real das Sciencias, 1806.

- Manuel Pires de Almeida ( 1597-1655 ) : Poesia e Pintura, ou Pintura e Poesia  
Tratado manuscrito de Manuel Pires de Almeida, folhas 50 a 104. Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Casa Forte cod.: Casa de Cadaval, vol.1

- Manuel de Galhegos ( 1597-1665 ) : Gazeta  
Lisboa, Officina de Lourenço de Anueres.  
Em que relatam as novas todas, que ouve nesta corte, e que vieram de varias partes no mês de novembro de 1641.

## **Séc. XVII**

- Manuel da Costa ( 1601- 1667 ) : Arte de Furtar  
Edição : Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991. (seleção, introdução e notas de Roger Bismut).

- Antonio Vieira ( 1608 – 1697 ) : Cartas de António Vieira  
Edição: Tomo I. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. ( coordenadas e anotadas por J. Lúcio d’Azevedo ).

- Antonio Vieira : Sermões  
Edição Porto, Livraria Chardron - Lello & Irmão Editores, 1907. ( prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves ).

- Antonio Vieira : História do Futuro  
Edição: 2<sup>a</sup> . edição, Imprensa Nacional – Casa da Moeda. ( Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu ).

- Francisco Manuel de Melo ( 1608 –1666 ) : Cartas Familiares  
Edição: Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942. ( seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa ).

- Francisco Manuel de Melo: Tácito Português  
Edição: Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1995. (prefácio e leitura do manuscrito por Raul Rêgo).

- António das Chagas ( 1631 – 1682 ) : Cartas Espirituais

Edição: Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1939. (selecção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa )

- Manuel Bernardes ( 1644 – 1710 ) : Nova Floresta

Edição : Volume I. Porto, Livraria Lello & Irmão, 1949. (preâmbulo de J. Pereira de Sampaio).

- José da Cunha Brochado ( 1651 – 1735 ) : Cartas

Edição: Lisboa, Editora Livraria Sá da Costa, 1944. (selecção, prefácio e notas de António Álvaro Dória).

- Maria do Céu ( 1658 –1753 ) : Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável  
Madre Elenna da Crus

Edição: Quimera. Lisboa, 1993. (transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um estudo histórico, por Filomena Belo).

- André de Barros ( 1675 – 1754 ) : Vida do Apostólico Padre António Vieira

Edição : Officina Sylviana. Lisboa. 1746

- Alexandre Gusmão ( 1695 - ? ) : Cartas

Edição: Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982. (introdução e actualização de texto por André Rocha )

## **Séc. XVIII**

- Cavaleiro de Oliveira ( Francisco Xavier de Oliveira, 1702-1783 ) : Cartas

Edição: Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1982. ( selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro ).

- Matias Aires ( 1705 –1763 ) : Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a  
Fortuna

Edição: Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1980. (selecção, prefácio e notas por Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo).

- Antonio Verney ( 1713 – 1792 ) : Verdadeiro Método de Estudar

Edição: António Salgado Filho . Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1949.

- Antonio da Costa ( 1714 - ? ) : Cartas do Abade António Costa

Edição: Lisboa, Cadernos da Seara Nova, 1946. ( introdução e notas de Fernando Lopes Graça ).

- Correia Garção ( 1724 – 1772 ) : Obras Completas

Edição: Volume II, Prosas e Teatro. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982. (texto fixado, prefácio e notas por António José Saraiva).

- Diogo Ignacio de Pina Manique ( 1733 – 1805 ) : Pina Manique e a Universidade de Coimbra. Cartas do  
Intendente e de José Rodrigues Lisboa para o Doutor Francisco Montanha

Edição : Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra. 1984. (selecção e notas de Lígia

Cruz).

- Marquesa de Alorna ( 1750 -1839 ) : Inéditos – Cartas e Outros Escritos.

Edição : Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1941. (selecção, prefácio e notas do prof. Hernâni Cidade).

- José Daniel Rodrigues da Costa ( 1757 – 1832 ) : 6 Entremezes de Cordel

Edição : Editorial Estampa - Serra Nova. 1973. ( Recolha e fixação do texto de Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo ).

- Almeida Garrett ( 1799 – 1854 ): Viagens na Minha Terra

Edição: Lisboa, Imprensa Nacional – Biblioteca Nacional, 1998. (electronic edition – CD-ROM – Biblioteca Virtual de Autores Portugueses).

- Almeida Garrett : Cartas de Garrett

Edição : São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997. (apresentação e edição por Segismundo

- Almeida Garrett : Theatro: Falar verdade a mentir; As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocio.

Edição: Lisboa, Empresa da Historia de Portugal - Sociedade Editora, 1904.

## **Séc. XIX**

- Marques da Fronteira e d'Alorna ( 1802-1881 ) : Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna

Edição : Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1926. (revisadas e coordenadas por Ernesto de Campos de Andrada).

Camilo Castelo Branco ( 1825 – 1890 ) : Maria Moisés

Edição: Lisboa, Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998. ( edição eletrônica - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses).

- Camilo Castelo Branco : Amor de Perdição –

( edição eletrônica: <http://www.folhetim.com.br> )

- Ramalho Ortigão ( 1836 –1915 ) : Cartas a Emília

Edição: Lisboa, Lisóptima Edições – Biblioteca Nacional, 1993. (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini).

- J. M. Eça de Queiroz, & J. P. Oliveira Martins ( 1845-1900; 1845-1894, respectivamente ) : Correspondência

Edição: Campinas, Editora da Unicamp, 1995. (Texto introdutório de Paulo Franchetti. Fixação do texto, notas e comentários de Beatriz Berrini).

## 2.1.2 Metodologia

Este trabalho de pesquisa está assentado em um recorte formado por um mil novecentos e dezessete ( 1917 ) ocorrências de estruturas acusativas levantadas dos textos acima referidos de objetos possuidores do traço semântico [ + humano ].

Dessas ocorrências, oitocentos e trinta e dois ( 832 ) são estruturas de acusativo preposicionado e um mil e oitenta e cinco ( 1085 ) são estruturas de acusativo não preposicionado, indicando uma frequência de 43,4 % de ocorrências da variante preposicionada e 56,6 % da variante não preposicionada.

Considerando a presença concomitante de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado com objetos com o traço semântico [ + humano], apresento e descrevo, por contexto, dados das duas formas variantes. Este procedimento me permite realizar descrições comparativas dos fatores que motivam a inserção da preposição nas estruturas acusativas do português clássico, bem como dos fatores que excluem o seu uso.

Como contextos formadores do acusativo preposicionado tomo como generalização a ordem de realização dos constituintes oracionais e a natureza do objeto.

É neste sentido que os dados desta pesquisa são computados separadamente de acordo com as ordens V S O / V O , O V ( S ) , S V O , V O S de projeção das estruturas acusativas.

As estruturas acusativas projetadas nas ordens V S O / V O se apresentam no corpus em duas outras ordens configuracionais variantes: ( X ) V S / ( X ) V O, sendo o elemento ( X ) representado por um sintagma adverbial, um sintagma preposicional e/ou uma estrutura oracional de valor adverbial.

Nestas construções, o objeto pode ser um nome de pessoa, um nome próprio título, o nome Deus e/ou Cristo, um pronome de tratamento, um quantificador, um nome quantificado, ou um nome comum.

A quantificação dos dados, feita de acordo com a ordem de projeção das estruturas transitivas e da natureza do objeto, me permite verificar o papel desses contextos na formação do acusativo preposicionado.

Coloco no contexto de objeto nome de pessoa, os sintagmas que são realizados com e sem os determinantes **o/a** , **um/uma**. Sendo os nomes de pessoas precedidos das formas de tratamento **Senhor / Senhora, Dom/ Dona**, de títulos de nobreza e/ou função, eles são colocados e descritos no contexto de nomes próprios títulos.

Deixo de considerar para efeito de quantificação, os dados de estruturas de acusativo preposicionado formadas em orações optativas com o verbo **guardar** e orações com o verbo **servir**, ambas com objetos representados por **pronomes de tratamento em segunda pessoa**, por se tratarem de expressões formuláticas de uso comum e repetitivo nas despedidas de cartas. Embora, essas estruturas não sejam computadas na somatória dos dados, faço uso de algumas dessas ocorrências na descrição dos contextos formadores do acusativo preposicionado.

Incluo no contexto de nomes próprios Deus e Cristo, os epítetos **Senhor** e **Nosso Senhor**. Outros epítetos referentes a esses nomes são colocados no contexto nomes próprios títulos.

Os nomes de membros de família, como **pai, mãe, filho** ( a ), **neto** ( a ), **marido**, e outros, antecidos ou não de pronome possessivo, são incluídos no contexto nomes comuns.

Nos casos que implicam ambigüidade de interpretação quanto à realização ou não do acusativo

preposicionado em função da não marcação da crase pelo redobrimento do determinante feminino e/ou pelo uso do acento, procuro dentro do próprio contexto pistas que auxiliem o esclarecimento desta questão.

Com este tipo de ambigüidade, encontramos no corpus ocorrências de estruturas acusativas com objetos representados por sintagmas de gênero feminino sem a marcação visível da crase, formadas em ambientes lingüísticos semelhantes aos ambientes que promovem estruturas de variação com esses objetos de gênero masculino.

## **2.2 O acusativo preposicionado no português europeu dos séc. XVI – XIX**

**Os dados desta pesquisa indicam haver, na diacronia, mudanças de comportamento quanto à formação e uso do acusativo preposicionado no português clássico.**

**De acordo com a pesquisa, o acusativo preposicionado tem uso restrito nos textos dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI.**

Nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e no séc. XVII, este tipo de estrutura tem freqüência elevada de ocorrência, sendo formado em contextos mais abrangentes. Os dados desses autores indicam haver no português daquele período contextos categóricos de formação do acusativo preposicionado.

Como contextos categóricos de formação do acusativo preposicionado do português da segunda metade do séc. XVI e do séc. XVII, estão os objetos nomes de pessoa sem determinante em estruturas acusativas projetadas na ordem V S O / V O, tendo esses objetos os mesmos traços formais do sujeito.

Os outros contextos com esses objetos que se apresentam como fatores categóricos de inserção da preposição são as estruturas acusativas formadas nas ordens ordem O V ( S ) / V O S.

Pronomes de tratamento e os nomes Deus e Cristo no papel gramatical de objeto também são contextos categóricos de formação do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos entre 1556 e 1675.

**Os dados dos autores nascidos no séc. XVIII mostram haver mudança quanto ao uso do acusativo preposicionado no português daquele século. Objetos com o estatuto de nomes de pessoas sem determinante e nomes próprios títulos apenas formam o acusativo preposicionado no contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas projetadas na ordem V S O e em estruturas de mini-orção de ordem [ pred + suj ]. Em outros contextos, objetos dessa natureza não são fatores de inserção da preposição.**

**Nestes dados, objetos com o estatuto de pronome de tratamento, nome de membros de família precedido de pronome possessivo, quantificadores e nomes quantificados são contextos de variação.**

**Nos dados dos autores nascidos no séc. XIX, esta mudança é reafirmada. Nestes dados, encontramos restritas ocorrências de acusativo preposicionado.**

**Com base neste resultado, podemos dizer que o uso regular e abrangente do acusativo preposicionado é pertinente ao português da segunda metade do séc. XVI e séc. XVII.**

A pesquisa mostra que o acusativo preposicionado é realizado com freqüência maior em orações que não apresentam sujeito expresso. A não realização do sujeito leva as ordens ( X ) V O / V O a serem as ordens prevaletentes de formação do acusativo preposicionado.



Nestas configurações, a variante não preposicionada é concomitantemente realizada. A natureza do objeto é o fator que motiva ou não a inserção da preposição.

Em estruturas raízes e encaixadas de outra natureza, a condição de objetos com os mesmos traços formais de número do sujeito e/ou da pessoa verbal deixa de ser fator de exigência na formação do acusativo preposicionado.

Observamos no corpus a coocorrência de uma outra forma variante de estruturas de de acusativo preposicionado. Trata-se das estruturas de redobramento de clítico.

No corpus, há formação de estruturas de redobramento de clítico acusativo e dativo.

O fato significativo mostrado nesta pesquisa é que a manifestação de estruturas de redobramento de clítico no português clássico está estritamente ligada à manifestação do acusativo preposicionado. Em semelhantes condições às estruturas de acusativo preposicionado, as estruturas de redobramento de clítico são encontradas com maior frequência nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII.

Nos textos dos autores nascidos no séc. XVIII – XIX, o uso de estruturas de redobramento de clítico acusativo tem frequência menor de ocorrência. Nestes textos, encontramos com maior frequência estruturas de redobramento de clítico dativo.

### **2.2.1 Ordem dos constituintes oracionais**

A atribuição à ordem dos constituintes oracionais como fator de formação do acusativo preposicionado decorre da constatação de que a posição de realização do objeto, aliada à sua natureza, são fatores que definem a inserção ou não da preposição na estrutura.

O acusativo preposicionado tem frequência elevada de ocorrência em estruturas transitivas que apresentam o verbo em primeira posição, seja em orações raízes e/ou encaixadas. Nessas ocorrências, o acusativo preposicionado é encontrado em duas formas configuracionais variantes. Há formação do acusativo preposicionado em orações raízes e encaixadas que projetam a ordem V S O, com sujeito em posição pós-verbal e há também formação do acusativo preposicionado em orações raízes e encaixadas sem sujeito expresso.

Os dados indicam haver prevaência de formação do acusativo preposicionado em estruturas transitivas com sujeito não expresso.

O sujeito expresso em posição pós-verbal é assinalado em orações declarativas raízes, gerundivas, imperativas e causativas. Orações dessa natureza também são realizadas sem a presença do sujeito. Em ambas as estruturas, o acusativo preposicionado é formado.

### **2.2.2 Natureza do objeto**

No fator natureza do objeto, os dados mostram frequência maior de ocorrência de acusativo preposicionado com objetos que carregam o traço semântico [ + humano ], na condição de nomes de pessoa, títulos, quantificadores e nomes comuns.

Outros dados apresentam em frequência menor de ocorrência estruturas de acusativo preposicionado com nomes próprios com o traço [ - humano ], em sintagmas sem determinante.

#### ( 2.1 ) Variante preposicionada

1. ... mandou povoar muitas partes de Italia, principalmente a Cydno & Eridano, de quem veo nome ao famoso rio Eridano, que agora se chama Rodano. ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p.122 )
2. Sustente Deus a Nápoles. ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 110 )
3. A resolução, que Vossa Excelência tomou de avisar ao Brasil. ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 108 )
4. Entendeu Castela que não podia conquistar a Portugal sem Portugal ... ( A Vieira; H. do Fut. Séc. XVII; p. 105 )
5. E nós, que vemos a Portugal por fora, ainda conhecemos mais as conseqüências desta falta. ( J. Cunha Brochado; séc. XVII; p.149 )
6. ... trazendo consigo por dote a Portugal, e tudo, o que Portugal possui em a metade do Mundo? ( A. de Barros; séc. XVII; p. 45 )

#### ( 2.2 ) Variante não preposicionada

7. **... e polo cuidado que Vossa Alteza teue em me mandar (como digo) ver Italia e polo favor e clemencia que a mi e a meu pai sempre mostra com hum conhecimento e excelente juizo na nossa arte ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 9 )**

### 2.3 O uso do acusativo preposicionado na diacronia : contextos de formação

Neste subitem, apresento ocorrências de acusativo preposicionado e da variante não preposicionada de acordo com a ordem configuracional de projeção das orações raízes e encaixadas formadoras dessas estruturas. Ordeno os dados por século, obedecendo a data de nascimento dos autores.

O objetivo desta tarefa é mostrar a evolução no uso do acusativo preposicionado no português clássico a partir do séc. XVI.

A apresentação de ocorrências das duas formas variantes, concomitantemente realizadas nos mesmos contextos, me dá condições de averiguação da natureza do objeto como fator que motiva ou exclui a inserção da preposição.

Considerando que o resultado da pesquisa indica haver diferenças de comportamento na formação do acusativo preposicionado entre os autores nascidos na primeira metade do séc. XVI e os autores nascidos na segunda metade daquele século e séc. XVII, os dados, seguindo a ordem de nascimento desses autores, são apresentados na seqüência: primeira metade do séc. XVI, segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, séc. XVIII e séc. XIX.

Em cada um desses períodos, apresento e descrevo as ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado formadas em orações raízes e encaixadas seguindo, respectivamente,

as ordens ( X ) V S O / ( X ) V O ; O V ( S ) ; S V O ; V O S nas quais elas são projetadas.

Nas configurações ( X ) V S O / V S O, encontramos no corpus o acusativo preposicionado realizado em orações raízes e encaixadas.

No contexto de oração raiz, o acusativo preposicionado é formado em orações declarativas, gerundivas, absolutas, coordenadas, imperativas, optativas e em orações com verbo não finito flexionado. No contexto de orações declarativas raízes, um elemento ( X ) com o estatuto de sintagma adverbial, sintagma preposicional e/ou uma oração reduzida de valor adverbial pode preceder o verbo.

Em orações encaixadas, o acusativo preposicionado é formado com verbos finitos e não finitos no contexto de verbos causativos, verbos de controle **querer** e **poder**, em orações completivas, relativas e adverbiais.

Nestes contextos, o acusativo preposicionado é formado com objetos nomes de pessoas sem determinante, nomes próprios títulos, nomes Deus e Cristo, pronomes de tratamento, quantificadores, nomes quantificados e também nomes comuns.

Nas ordens ( X ) V O / V O, com sujeito não expresso, o acusativo preposicionado é formado no corpus no contexto de orações declarativas raízes e gerundivas, imperativas, completivas com verbo de controle e também com outros verbos, estruturas causativas, orações adverbiais e orações com verbo finito flexionado.

Também nas orações declarativas raízes projetadas nesta ordem, um elemento ( X ) com o estatuto de sintagma adverbial, sintagma preposicional e/ou uma oração reduzida de valor adverbial pode preceder o verbo.

As estruturas acusativas formadas em orações declarativas raízes e também em orações encaixadas se apresentam no corpus em outras duas configurações variantes : com um sintagma adverbial, posicionado entre o verbo e o objeto e em estruturas de mini-orações.

Na diacronia, os dados revelam haver mudança quanto ao uso do acusativo preposicionado nestes contextos. A frequência maior de formação do acusativo preposicionado nestes ambientes sintáticos é verificada nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e no séc. XVII.

A pesquisa mostra que a ordem O V ( S ) é contexto regular de formação do acusativo preposicionado do português clássico.

Embora esta ordem seja contexto de formação do acusativo preposicionado, ela não é a ordem prevalente de ocorrência desse tipo de estrutura naquela gramática.

Nesta ordem, o acusativo preposicionado é encontrado no corpus em orações declarativas raízes, em orações com verbo causativo, em orações optativas e relativas.

Objetos com o traço semântico [ + humano ] deslocados para a posição pré-verbal formam em frequência maior a variante preposicionada.

Na ordem S V O, com o sujeito realizado em posição pré-verbal, os dados indicam ocorrências das duas formas variantes de estruturas acusativas formadas em orações declarativas raízes, orações relativas, orações completivas e orações adverbiais.

### **2.3.1 O uso do acusativo preposicionado nos dados de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI**

#### **2.3.1.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O**

A pesquisa mostra haver restrição de formação de estruturas acusativas formadas em orações raízes e encaixadas nestas ordens configuracionais nos textos dos três primeiros autores nascidos na primeira metade do séc. XVI : D. João III, nascido em 1502, F. Mendes Pinto, nascido em 1510 e F. de

Holanda, nascido em 1517.

Desses autores, apenas Francisco de Holanda apresenta uma ocorrência de estrutura acusativa sem preposição neste contexto.

Um comportamento lingüístico diferente é verificado no texto de Diogo Couto, nascido em 1542. Em seu texto, encontramos ocorrências de estruturas acusativas com e sem preposição formadas em orações declarativas raízes e estruturas gerundivas com sujeito expresso em posição pós-verbal.

Nestas ocorrências, os objetos são representados por nome de pessoa precedido do título **Dom**, por títulos não especificados por nome de pessoa e também por nomes comuns.

Não encontramos nos dados de Diogo Couto ocorrências de acusativo preposicionado neste contexto com objetos representados apenas por nome de pessoa.

Nos dados desse autor, objetos com o estatuto de nome de pessoa não precedido de título, no contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas projetadas nestas ordens, são encontrados na forma variante não preposicionada.

### ( 2.3 ) Variante preposicionada

8. ... aconteceo que, vencendo o Imperador da Abasia ao Rei de Zeilá ...  
( D. Couto; séc. XVI; p. 50 )
9. Despedido Simão Botelho, despachou o Governador a Dom Manoel de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 72 )
10. A voltas dêste recado mandou o Villa-Lobos a Dom Alonso Henriques com setenta homens, pera que se fôsse meter em Tidore ( D. Couto; séc. XVI; p. 144 )
11. Partida esta Armada, despachou o Governador a Dom João Mascarenhas pera ir entrar na Capitania de Dio ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 174 )
12. ... tanto que o pai faleceo, engeitou a Alcaidaria mór ao Duque ...  
( D. Couto: séc. XVI; p. 182)

### ( 2.4 ) Variante não preposicionada

13. E acompanhando todos a senhora *Marquesa, MesserLactancio* se apartou com *Micael*... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 248 )
14. Despedido o Alvarado, e vinda a monção de se irem pera a India, embarcou Dom Jorge na náó da carreira Belchior Fernandes Correia com todos estes protestos por muitas vias, umas pera dar ao Governador, e outras pera êle levar pera o Reino ( D. Couto; Décadas; séc. XVI p. 92 )
15. Aceitados os partidos, ficaram esperando pelo Meale, e entretanto despedio o Governador Diogo de Reinoso pera o Estreito de Meca em um navio de remo muito ligeiro ... (D. Couto; séc. XVI; p. 109 )
16. Feita esta cerimónia, despachou o Governador logo Luiz Falcão Pereira, pera ir entrar na fortaleza de Ormuz... (D. Couto; séc. XVI;p. 128 )
17. Pera isto escolheo o Capitão um Aleixos Carvalho, que sabia a lingua Parsea ( D. Couto; séc. XVI; p.135 )
18. Com êste recado despedio Martim Affonso de Mello Juzarte, logo Belchior de Sousa, homem Fidalgo, e bom Cavaleiro, com setenta

portugueses pera se ir meter naquela fortaleza. (D. Couto; séc. XVI; p. 136 )

No contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas de ordem ( X ) V S O / V S O, encontramos no corpus estruturas acusativas realizadas em mini-orações.

Os textos dos autores <sup>(1)</sup> nascidos na primeira metade do séc. XVI não apresentam estruturas de acusativo preposicionado neste ambiente sintático. Uma ocorrência da variante não preposicionada é registrada no texto de Diogo Couto.

#### ( 2.5 ) Variante não preposicionada

17. ... alevantando o Governador por Rei seu filho Mamedxá, fez com ele novos contratos ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 54 )

Esta estrutura de acusativo não preposicionado é formada no contexto de mini-oração de ordem [ pred + suj ]. O sujeito desta mini-oração tem o estatuto de nome de pessoa.

( 1 ) **As referências** : autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII e autores nascidos nos séc. XVIII – XIX, **representam os autores do Corpus Tycho Brahe de uso nesta pesquisa, citados em ( 2. 1.1 )**

#### 2.3.1.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O

Nestas ordens, os dados referentes aos autores<sup>1</sup> nascidos na primeira metade do séc. XVI apresentam ocorrências de acusativo preposicionado e não preposicionado em orações declarativas raízes, gerundivas, imperativas, com os verbos de controle **querer** e **poder**, completivas, adverbiais e estruturas causativas.

Desses autores, é Diogo Couto quem apresenta maior freqüência de ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas nestas ordens, embora a variante não preposicionada seja a forma prevalecente em seu texto.

Nos textos de Fernão Mendes Pinto e Francisco de Holanda, encontramos apenas uma ocorrência de acusativo preposicionado. Nestes textos, a variante não preposicionada também é a forma mais realizada.

Os dados de D. João III indicam apenas ocorrências da variante não preposicionada.

#### ( 2.6 ) Variante preposicionada

19. ... & era homem muyto rico, matou a el Rey, pelo achar cõ sua molher, pela qual causa foy tamanha a revolta ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p.96 )
20. **... sendo eu moço e servindo ao Infante Dom Fernando e ao serenissimo Cardeal Dom Afonso, meu senhor. ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 87 )**
21. ... e por uma Provisão que levava do Viso-Rei, nomeou a seu lugar a Gil de Castro ... ( D. Couto; séc. XVI; p.15 )
22. Mas sôbre todos êstes ídolos, adoram a um Seutó, que dizem, que é uma substancia, e principio de tudo ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 37 )
23. ... ou Abagahan, homem valoroso, muito amigo dos Cristãos, e que em

sua vida perseguia muito aos Mouros ( D. Couto; séc. XVI; p. 123 )

24. .... instituo por herdeiro de meus Reinos, e por meu Testamenteiro a ElRei de Portugal, cujo vassalo sou ... ( D. Couto; séc. XVI; p.177 )

( 2.7 ) Variante não preposicionada

25. ... e pera de tudo avisardes dom Pedro Mazcarenhas loguo, que tambem compre a meu serviço saber tudo muyto pelo meudo. ( D. João III; séc. XVI; p. 14 )
26. **... para lhes fazer em Cochim a carga da pimenta, & avisar o Governador passado Nuno da Cunha, que ja lá estava estaua havia dias na nao santa Cruz, mal desposto ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 39 )**
27. **... duas legoas da fortaleza de Gileytor, onde achamos Anrique Barbosa com os quarenta Portugueses ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p.21 )**
28. **LOGO ao outro dia nos partimos daquy de Chaul na volta de Goa, & sendo quasi tanto avante como o rio de Carapatão, encontramos Fernão de Morais Capitão de tres fustas ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 30 )**  
**... seria daly pouco mais de uma legoa, onde achamos o Tomè Lobo ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; 94 )**
29. ... e porque sentio na gente da terra algum alvoroço, despedio logo um António de Almeida, que diziam que era filho bastardo do Contador mór do Reino ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 10 )
30. Vendo Dom Jorge a resposta do Villa-Lobos, despedio logo Belchior Fernandes Correa em três corocoras, e com êle um Tabelião... ( D. Couto; séc. XVI; p. 12 )
31. E depois de se fortificar, despedio um Mathias de Alvarado com um requerimento a Dom Jorge ( D. Couto; séc. XVI; p. 91 )
32. ... como fez, matando em batalha o Califa de Babilónia, Mustassem Mubilo, em quem se acabaram os Califas dos Arábios. ( D. Couto; séc. XVI; p. 122 )
33. E acudindo á praia ás bombardadas que atirou, acharam Diogo de Reinoso, que festejaram summamente, levando-o para a aldêa ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 140 )

No contexto de oração declarativa raiz com sujeito não expresso, encontramos nos dados de D. Couto o acusativo preposicionado formado em estrutura de mini-oração de ordem [ pred + suj ].

Os dados de D. João III e Fernão Mendes Pinto apresentam ocorrências apenas da variante não preposicionada de estruturas acusativas neste contexto. Nestas ocorrências, as estruturas de mini-orações

são projetadas na ordem [ pred + suj ].

Nos dados de Diogo Couto, encontramos com frequência elevada ocorrências da variante não preposicionada. Nestas construções, as estruturas de mini-orações são formadas com frequência maior na ordem [ pred + suj ].

( 2.8 ) Variante preposicionada

34. ... e por uma Provisão que levava do Viso-Rei, nomeou a seu lugar a Gil de Castro ... ( D. Couto; séc. XVI; p.15 )
35. E abrindo-se seu testamento, que estava solemne, acharam que dispunha de muitos legados pios por sua alma, e nomeava por herdeiro de seu Reino a ElRei de Portugal. (Couto; séc. XVI; p. 176 )
36. ... instituo por herdeiro de meus Reinos, e por meu Testamenteiro a ElRei de Portugal, cujo vassalo sou ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 177 )

( 2.9 ) Variante não preposicionada

37. **... e tenho despachado pera ella, Nicollao Jusarte, e Francisco Ferreira, e Joam de Sousa, e Gonçalo Fernandez, e Balltesar Gonçallves, e Francisco Fernandez Lleme. ( D. João III; séc. XVI; p.124 )**
38. ... & as mais cousas necessarias para esta empresa, & pos nella por Capitão mór o grande Laque Xemena seu Almirante... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 89 )
39. ... e a sua náó Sant-Iago fez dela Capitão Dom Francisco de Noronha ... ( D. Couto; séc. XVI; D. Couto; séc. XVI; p. 2 )
40. ... determinou Dom António de Mendonça, Viso-Rei da Nova Hespanha, mandar a elas uma Armada por sua conta, de que elegeo por Capitão Dom João de Alvarado, Adiantado ( D. Couto; séc. XVI; p. 7 )
41. ... pelejando os seus soldados como desesperados, vendo o seu Capitão mór mal tratado.( D. Couto; séc. XVI; p. 45 )
42. ... e desbaratados por antre aquelas Ilhas, armou as duas galeotas; porque se assim fôsse, elas bastavam, e fez Capitão delas James Lobo, e Antônio de Almeida. ( D. Couto; séc. XVI; p. 87 )
43. ... porque tinha em Constantinopla Diogo de Mesquita por Embaixador sôbre negócios de muita importância, que nós cá não podemos saber. ( D. couto; séc. XVI; p. 109 )
44. ... despedindo pera o Malavar por Capitão mór Henrique de Sousa Chichorro, irmão de Aleixos de Sousa, com seis navios. ( D. couto; séc. XVI; p. 157 )

Com objeto nome comum, o acusativo preposicionado no contexto de orações declarativas raízes e

gerundivas com sujeito não expresso não é assinalado nos dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI. Neste contexto, apenas a forma variante não preposicionada é realizada.

( 2.10 ) Variante não preposicionada

45. TORNADOS nos ao porto de Arquico onde achamos os nossos companheiros ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p.23 )
46. Todo este tempo esteve a Rainha em grande aflição, curando por suas mãos os feridos, ajudando-a o Patriarca. ( D. Couto; séc. XVI; p. 40 )

Não há também nos textos desses autores ocorrências de acusativo preposicionado neste contexto com objetos com o estatuto de quantificador e/ou nomes quantificados. Apenas a variante não preposicionada é assinalada nestes textos.

( 2.11 ) Variante não preposicionada

47. **... dispararaõ em nos toda sua artilharia, & nos mataraõ logo nove homens & feriraõ vinte & seis ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 23 )**
48. Os Turcos entraram os vallos por duas partes, e vinham já rompendo pelo arraial dentro, matando muitos. ( D. Couto; séc. XVI; p. 46 )
49. ... mandaram oito deles a um lugar daquela Ilha a buscar mantimentos, e lá ou por sua ordem, ou pela malícia dos da terra, deram neles, e mataram um, e prenderam os mais ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 87 )

**Na ordem ( X ) V O , os dados de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI apresentam ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado formadas em orações imperativas. Não há registro nesses dados da variante não preposicionada.**

**Dos quatro autores representativos do português daquele período, somente D. Couto não apresenta ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de oração imperativa.**

**Seus dados também não indicam ocorrências da variante sem preposição.**

( 2.12 ) Variante preposicionada

50. **... e debes de louvar a Noso Senhor, pois se com yso ouve por servido ... ( D. João III; séc. XVI; p. 115 )**
51. **... para que sempre com muyta lealdade sirva como escravo**



**cativo ao  
Príncipe do grande Portugal, vosso & nosso senhor & Rey ... ( F. Mendes  
Pinto; séc. XVI; p. 65 )**

52. **Mas os santos e apóstolos e mártires quem os quiser bem  
pintar, emite ao  
seu capitão e Nosso Salvador, que nenhuma outra regra lhes  
posso para isso  
dar maior. ( F. de Holanda, séc. XVI; p. 141 )**

**Nos dados referentes aos autores nascidos na primeira metade do  
séc. XVI, o acusativo preposicionado é formado também no contexto de  
orações com os verbos de controle querer e poder.**

**Estas ocorrências são verificadas nos dados de Francisco de Holanda  
e Diogo Couto. Ocorrências da variante não preposicionada são verificadas  
nos dados de D. João III e D. Couto.**

**As estruturas acusativas formadas no contexto dos verbos de controle  
querer e poder são encontradas no corpus em construções que apresentam a  
oração matriz com sujeito expresso e também em construções que  
apresentam a oração matriz sem a presença desse constituinte.**

### **( 2.13 ) Variante preposicionada**

53. E o que só me era sempre presente era o em que poderia servir com a  
minha arte a El-Rei nosso senhor ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 221 )
54. E chegando à Cidade de Deli, e querendo gratificar ao azemeleiro ...  
( D. Couto; séc. XVI; p. 24 )
55. Garcia de Sá, que levava a dianteira, sofroo muito trabalho, porque lhe  
feriram, e mataram muita gente, sem se poder defender, nem ofender aos  
inimigos. ( D. Couto; séc. XVI; p. 98 )

### **( 2.14 ) Variante não preposicionada**

56. E também , quãdo se ouvese de falar do direito, poderia ouvir Gaspar  
Vãz cõ os letrados do seu conselho ... ( D. João III; séc. XVI; p. 27 )
57. ... pediu a ElRei algumas corocoras, que lhe êle não quiz dar, com  
bem ruins escusas, porque não quiz anojár o Rei de Geilolo, e o de  
Tidore ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 14 )
58. Vendo Ruy Gonçalves de Caminha que não podia abalar o Coge  
Cemaçadim, despedio-se dele ( D. Couto; séc. XVI; p. 155 )
59. Um, ver se podia meter Mealecan no Reino, ( porque já sabia que estava  
em Cambaia), o outro, quando não pudesse fazer isso ( D. Couto; séc. XVI;  
p. 103 )

Os dados desses autores não registram ocorrências de acusativo preposicionado formadas em  
orações completivas de outra natureza no contexto de ordem V O.

**Encontramos nos dados de D. João III e Diogo Couto ocorrências da**

## variante não preposicionada.

### ( 2.15 ) Variante não preposicionada

60. Encomendovos muyto que mandeis chamar Francisco Mendez ( D. João III; séc. XVI; p. 95 )
61. ... vos emcomendo que deixeis ir servir o dito Amtonio Vaaz ... ( D. João III; séc. XVI; p. 135 )
62. Vendo Dom Jorge que todos eram contra êle, tratou de prender EIRei ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 15 )
63. E tanto apertaram com os inimigos, que os detiveram, com o que um soldado teve tempo de recolher Dom Christovão, tomando-o às costas com muito seu risco ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 45 )

O acusativo preposicionado do português clássico também é legitimado no contexto de verbos causativos. Duas diferentes estruturas causativas formam o acusativo preposicionado naquela gramática. Há estruturas causativas formadas com os verbos **mandar** e **fazer** e estruturas causativas com os verbos **deixar**, **ver**.

Os verbos causativos **deixar** e **ver** subcategorizam estruturas causativas com verbos intransitivos. Os verbos causativos **mandar** e **fazer** subcategorizam estruturas causativas com verbo infinito transitivo.

Nas estruturas causativas com verbo infinito intransitivo, o acusativo preposicionado é projetado em duas ordens variantes: [ **verbo causativo + verbo infinito intransitivo + sujeito do verbo inf** ] e/ou [ **verbo causativo + sujeito do verbo inf + verbo infinito intransitivo** ].

Nas estruturas causativas com verbo infinito transitivo, o acusativo preposicionado é realizado em outras duas ordens variantes: [ **obj + verbo causativo + verbo infinito transitivo + suj** ] e/ou [ **verbo causativo + verbo infinito transitivo + objeto** ].

Incluo no contexto de estruturas acusativas projetadas nas ordens ( X ) V O / O V , as construções causativas que apresentam o sujeito do verbo matriz em posição pré e/ou pós- verbal. Incluo também neste contexto as estruturas causativas que apresentam o verbo matriz sem sujeito expresso.

Nestas configurações, encontramos no corpus ocorrências das variantes preposicionada e não preposicionada.

Os dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI não apresentam ocorrências de estruturas de acusativo no contexto de ordem [ **verbo causativo + verbo infinito intransitivo + sujeito do verbo infinito** ] e/ou [ **verbo causativo + sujeito do verbo infinito + verbo infinito intransitivo** ]

Uma ocorrência da variante não preposicionada é assinalada nos dados de Francisco de Holanda.

### ( 2.16 ) Variante não preposicionada

64. ... e vi passar o senhor Julião Cesarino com o estandarte da cidade de Roma ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 279 )

Nesta estrutura acusativa, o verbo causativo é o verbo **ver**. O sujeito do verbo infinito intransitivo é representado por nome de pessoa precedido da forma de tratamento **senhor**.

Nos dados de D. João III e Diogo Couto, encontramos ocorrências de acusativo preposicionado no

contexto de orações causativas projetadas na ordem [ **verbo causativo + verbo infinito transitivo + objeto** ]

Nestes dados, a variante não preposicionada é a forma mais realizada.

( 2.17 ) Variante preposicionada

65. E eu mandey ca ver a Francisquo de Melo, e o que lhe parece he iso, que por ese sprito vos envio. ( D. João III; séc. XVI; 79 )
66. ... e o mãdareis nomear ao dito Diogo Vaaz. ( D. João III; séc. XVI; p. 112 )
67. E vindo dia de Natal, mandou convidar a Coge Cemaçadim pera lhe dar um banquete ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 165 )

( 2.18 ) Variante não preposicionada

68. **... que mandes loguo chamar Jõ Carlo, Francisco Mendez , e Diogo Martines ... ( D. João; séc. XVI; p. 98 )**
69. Encomendovos muyto que mandeis chamar Francisco Mendez ( D. João; séc. XVI; p. 95 )
70. **... mandeis chamar o dito Diogo Rodrigues Pimto, e saibais d'ele como tem provido no dito triguo ... ( D. João; séc. XVI; p.128 )**
71. Tanto que foy menham a Raynha mandou visitar o Capitão mór com hum grande çauguate de muytas galinhas, & frãgaõs, & ovos, que elle não quiz aceitar ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 36 )
72. ... mãdey matar esse Mouro que trouxeste comtigo ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 57 )
73. ... homem letrado, que com êle vinha, por quem mandou visitar Dom Estevão da Gama, e a fazer-lhe saber de sua chegada. ( D. Couto; séc. XVI; p. 4 )
74. Dom Estevão da Gama, tanto que se foi pera Pangim, mandou chamar o Ouvidor Geral, e o Provedor mór dos defuntos com seus Escrivães ... ( D. Couto; séc. XVI;
75. Dali mandou espiar os inimigos ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 73 )
76. ... pera tratarem com êle, mandar buscar Mealecan a Cambaia ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 104 )
77. ... que mandasse vigiar ElRei de Xirás por algum homem de entendimento, pera ver se podia alcançar sua determinação. ( D. Couto; séc. XVI; p. 135 )
78. ... mandando chamar Fernão da Silva, Alcaide mór de Alpalhão, Fernão

de Sousa de Tavora, Francisco de Sá de Menezes, e um filho bastardo de Thomé de Sousa, Veador que foi d'El-Rei Dom João ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 164 )

79. Tanto que o Governador Martim Affonso de Sousa mandou trazer Mealecan de Cananor pera Goa, logo o Idalcan foi avisado disso ... (D. Couto; séc. XVI; p.p. 179 )

80. Êste Embaixador não foi bem recebido, e ouvindo as razões do Governador, parecendo-lhe tudo cumprimentos, e invenções, mandou prender o Embaixador, e todos os Portugueses ... ( D. Couto; séc. XVI; p.180 )

Estas estruturas causativas apresentam o verbo matriz com sujeito expresso e não expresso. Sendo o sujeito do verbo matriz expresso, ele é realizado em posição pré-verbal.

Nos dados de Diogo Couto, encontramos também ocorrências de estruturas causativas que apresentam o sujeito do verbo matriz em posição pós-verbal.

( 2.19 ) Variante não preposicionada

81. Chegados à Cidade, mandou o Governador agazalhar Mealecan em casas grandes, com guardas, e vigias ... .. ( D. Couto; séc. XVI; p. 114 )

Nesta estrutura causativa, o objeto é nome de pessoa sem determinante.

Os dados de D. Couto apresentam uma ocorrência de estrutura acusativa sem preposição com objeto representado por nome comum com o estatuto de membro de família precedido de pronome possessivo.

( 2.20 ) Variante não preposicionada

82. Abrahemo, como era bom homem, e de boa natureza, tanto que tomou posse do Reino, mandou soltar seu tio Mealecan ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 100 )

**O acusativo preposicionado do português clássico também é formado no contexto de orações adverbiais projetadas nas ordens ( X ) V O / V O , nas quais o elemento ( X ) pode ser representado pela conjunção e/ou por um elemento de natureza adverbial.**

**Nestas ocorrências, o verbo é realizado na forma finita e/ou infinita.**

**Dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, é F. Mendes Pinto quem apresenta ocorrências de acusativo preposicionado neste contexto.**

**Seus dados indicam também uma ocorrência da variante sem preposição.**

### ( 2.21 ) Variante preposicionada

83. .. que ela depois levou para o templo de Ierusalem, quando foy ver a el  
**Rey Salamão ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 60 )**
84. ... para que sempre com muyta lealdade sirva como escravo catiuo ao  
**Principe do grande Portugal, vosso & nosso senhor & Rey ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 65 )**

### ( 2.22 ) Variante não preposicionada

85. ... depois que em Cincaapura matara Christouão Sardinha ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p.120 )

#### 2.3.1.3 Contextos de ordens O V S / O V

Nestas ordens, o acusativo preposicionado é encontrado no corpus em orações declarativas raízes, estruturas causativas, em orações optativas e relativas.

A pesquisa mostra que objetos com o traço semântico [ + humano ] deslocados para a posição pré-verbal formam em frequência maior a variante preposicionada.

Nos dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, encontramos ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado neste contexto. Não há registro da variante não preposicionada.

Os dados de F. Mendes Pinto e F. de Holanda apresentam ocorrências de acusativo preposicionado formadas em orações declarativas raízes nesta configuração.

### ( 2.23 ) Variante preposicionada

86. ... & que a Deos tomava por testemunha da grãde dór & sentimento que  
**tinha pelo receyo em que estava de lhe acõtecer algum desastre. ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 33 )**
87. A este altissimo mestre e capitão nos perceitos convem seguir os pintores,  
mais que alguns outros studiosos ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 97 )

Nestas duas ocorrências, os objeto são representados, respectivamente, pelo nome Deus e por um epípeto desse nome.

Os dados de Diogo Couto apresentam uma ocorrência de acusativo preposicionado formada em estrutura causativa com o objeto realizado como primeiro elemento da construção.

### ( 2.24 ) Variante preposicionada

88. Aos outros portugueses mandou meter em masmorras ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 48 )

#### 2.3.1.4 Contexto de ordem S V O

O acusativo preposicionado do português clássico também é formado em estruturas oracionais projetadas na ordem S V O.

Nesta ordem, com o sujeito realizado em posição pré-verbal, colocamos os dados que apresentam ocorrências das duas formas variantes de estruturas acusativas formadas em orações declarativas raízes, orações relativas, orações completivas e orações adverbiais.

Os textos dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI revelam restrição de formação de estruturas de acusativo preposicionado em orações declarativas raízes de ordem S V O. Desses autores, apenas Diogo Couto apresenta uma ocorrência de acusativo preposicionado neste contexto. Esta ocorrência de acusativo preposicionado é realizada em estrutura de mini-oração.

##### ( 2.25 ) Variante preposicionada

89. ... e os povos levantaram por Rei a Ceidafim. ( D. Couto; séc. XVI; p. 126 )

Nos textos desses autores, outras ocorrências de estruturas acusativas formadas em orações declarativas com sujeito expresso em posição pré-verbal são realizadas sem preposição, qualquer que seja o estatuto do objeto.

##### ( 2.26 ) Variante não preposicionada

90. **... & os seus Governadores, não castigaraõ este inimigo, quando vos tomou a fortaleza de Paacem ... ( F. Mendes Pinto; p. 51 )**
91. **Os inimigos tomando o triste Rey que jazia morto no campo, lhe tiraraõ as tripas ... ( F. Mendes Pinto; p. 80 )**
92. Porque eu conheço mestre *Michael Angelo* (tornou ella) conheci isso. ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 227 )
93. Pirro como degolla o Priamo ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 272 )
94. Porque o grande pintor pintará Venus aos pés de Jupiter chorosa ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 274 )
95. Que êle não vinha ali a deservir ElRei de Portugal em cousa alguma ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 12 )
96. E a maravilha foi, que ali onde o Rei de Zeilá degolou Dom Christovão, e seu sangue se derramou, nasceo logo uma fonte de água, que dava saude aos enfermos, que se lavavam com ela. ( D. Couto; séc. XVI; p. 49 )
97. O Imperador recebeo a mãe, o Patriarca, e os Portuguezes muito bem, saindo a os esperar ao caminho, e então soube da morte de Dom Christovão, porque mostrou muito grande sentimento. ( D. Couto; séc. XVI; p. 73 )

98. James Lobo recolheu todos os da Companhia de António de Almeida muito mal feridos ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 89 )
99. O Governador recebeu Diogo da Silveira. ( D. Couto; séc. XVI; p. 106 )
100. ElRei recebeu êste homem bem ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 143 )
101. O Rei de Geilolo mandou logo buscar sua filha. ( D. Couto; séc. XVI; p. 150 )

Nesta configuração, encontramos nos dados de D. João III, nascido em 1502, uma ocorrência de estrutura acusativa sem preposição formada no contexto de oração optativa.

( 2.27 ) Variante não preposicionada

102. Nosso Señor por muytos tempos comserve vossa Sanctidade a seu sancto serviço. ( D. João III; séc. XVI; p. 6 )

Temos nesta ocorrência a realização de oração optativa diferente das orações optativas de uso comum nos textos de gênero carta de autores nascidos nos séc. XVII – XVIII.

Nesta oração optativa, o verbo em uso é **conservar**. O objeto é um pronome de tratamento em segunda pessoa.

Nesta configuração, encontramos nos dados F. Mendes Pinto e D. Couto ocorrências de estruturas acusativas sem preposição no contexto de orações adverbiais.

A variante preposicionada não é assinalada nos dados desses e dos outros dois autores nascidos na primeira metade do séc. XVI.

( 2.28 ) Variante não preposicionada

103. **... que quando là chegardes vos recebem os vossos como o antigo Salamão recebo a nossa Raynha Sabaa na casa admirável de sua grandeza.**  
( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 22 )

104. Tanto que os Mouros viram o seu Rei daquela maneira, começaram-se a pôr em desbarato ( D. Couto; séc. XVI; p. 77 )
105. Tanto que o Governador despedio o Mealecan, e o Embaixador do Idalcan, parecendo-lhe obrigação mandá-lo também visitar ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 133 )

Encontramos nos dados de Francisco de Holanda e Diogo Couto ocorrências de acusativo preposicionado formadas em orações relativas.

Coloco no contexto de estruturas acusativas projetadas na ordem S V O, as ocorrências de acusativo preposicionado formada em orações relativas que apresentam o sujeito e/ou outro constituinte da oração matriz como elemento de referência do pronome relativo.

( 2.29 ) Variante preposicionada

106. ... por ventura vos fará pior de crêr que haver em Italia tão mãos pintores,

que vão pintar ao Emperador com pernas de cranguejo ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 287 )

107. O Judeo, que guiou a Dom Christovão da Gama, vendo as maravilhas que os Portugueses fizeram, ficou pasmado ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 39 )

( 2.30 ) Variante não preposicionada

108. ... homem nobre, que vendo o Capitão dos Mouros diante, enrestando a lança, o encontrou de meio a meio, e tomando-o pelos peitos, o derribou logo morto. ( D. Couto; séc. XVI; p.74 )

### 2.3.2 O uso do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII

#### 2.3.2.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O

Nos dados dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e no séc. XVII, nome de pessoa sem determinante é fator categórico de formação do acusativo preposicionado no contexto de orações declarativas raízes e encaixadas de ordens ( X ) V S O / V S O.

Nos dados referentes aos autores nascidos naquele período, encontramos ocorrências apenas da variante preposicionada com objetos dessa natureza.

( 2.31 ) Variante preposicionada

109. ... se puserão em armas: & avisando Codor Laomor a Sameo, ou Amraphael ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 88 )

110. Festejaram todos a Solino ... ( R. Lobo; séc. XVI; p. 50 )

111. ... visitou o Estudante em companhia de Píndaro ao Doutor Lívio ... ( R. Lobo; séc. XVI; p. 76 )

112. ... & deste lugar mandou elRey a Martim Moab, & outros dous companheiros a Santarem ... ( A. Brandão; séc. XVI; p. 199 )

113. Com semelhantes sentenças exortava o santo anacoreta a Eulógio ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 162 )

114. ... neste caso não tivera por demasia vencer eu a Vossa Mercê ... ( F. Manuel de Melo; séc. XVII; p. 121 )

115. **... que desde Roma poderia fomentar Portugal, instava ElRei Dom Filippe em todos os correios ao Duque seu Embaixador... ( A. de Barros; séc. XVII; p. 48 )**

116. Seguia a Corte aos seus Príncipes ... ( A. de Barros; séc. XVII; p. 52 )

Sendo o objeto nome de pessoa com determinante, o acusativo preposicionado somente é realizado quando esses nomes se apresentam precedidos de um modificador.

Na condição de nome de pessoa precedido de determinante e modificador a variante preposicionada é a forma realizada.



### ( 2.33 ) Variante preposicionada

117. Castigou Deos ao fraticida Caim com huma maldição gravissima  
( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 35 )
118. Assim honrou el-rei Achab ao grande Elias, el-rei Joram ao profeta  
Eliseu, Jeroboão a Abias, Ezequias a Isaías, Nabucodonosor a Jeremias,  
Dário e Baltasar a Daniel; aqueles também reis soberanos, e estes também  
profetas do Senhor. ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 103 )

Sendo o objeto representado por nome de família, precedido ou não por modificador e determinante, as duas formas variantes são assinaladas no corpus.

Também há variação quando o objeto é nome de pessoa precedido de outros títulos diferente de **Dom** e/ou quando o objeto vem representado por um título não especificado por nome de pessoa. Com objetos dessa natureza, as duas formas variantes de estruturas acusativas são assinaladas nos textos desses autores. A variante não preposicionada tem frequência maior de ocorrência.

### ( 2.34 ) Variante não preposicionada

119. Com a chegada das letras apostólicas e confirmação de Sua Santidade,  
mandou o Arcebispo a Braga o Doutor Martim Salvador Aspilcueta ... ( L. de Sousa; séc.  
XVI; p. 54 )
120. Chamou logo o Senhor Rey os Bispos, os nobres, & os procuradores ...  
( R. Lobo; séc. XVI; p.119 )
121. Louvaram os companheiros a Providência Divina ... ( L. de Sousa;  
séc. XVI; p. 147 )
122. Apenas se soube nela, que vinha ali o Grande VIEIRA, despediu o  
Governador à caravela o Sargento mor da praça com primeiro, e segundo  
recado ( A. de Barros; séc. XVII; p. 71 )

No contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas de ordem ( X ) V S O / V S O, encontramos nos dados desses autores ocorrências de acusativo preposicionado formado em estruturas de mini-orações.

Nos textos desses autores, há formação do acusativo preposicionado em estruturas de mini-orações nas configurações [ suj + pred ] e [ pred + suj ].

Ocorrências da variante não preposicionada também são assinaladas nesses textos.

### ( 2.35 ) Variante preposicionada

123. Elegeo elRey nosso Senhor a Tristão de Mendoza por General ... ( M. de  
Galhegos; séc. XVI; p. 5 )
124. Despachou elRey nosso Senhor ao Marquez de Montavão por  
Vedor da fazenda, com superintendencia nas armadas, e tomou posse  
a treze do mes. ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 40 )
- 125.... pois fez Deus a Vossa Excelência o mais nobre, o mais valente ...

( M. da Costa; séc. XVII; p. 50 )

126. Pinta o profeta David a Deus armado de arco e settas... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 83 )
127. ... tomará ele a Vossa Mercê por instrumento de meu remédio. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 104 )
128. Levantou Deus no mundo a Jeremias por seu ministro ... ( A. Vieira; H. do Fut.; séc. XVII; p. 118 )

#### ( 2.36 ) Variante não preposicionada

129. Viu Itália o marquês de Laganhez armado e Dom Francisco de Mello arrastando a toga; depois Milão o cardeal que empenhava a espada ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 60 )
130. Despedido o servo de Deus com quem fallava, encontrou a Madre Elena a criada muyto enfadada ... ( M. do Céu; séc. XVII; p. 156 )
131. ... vio a Madre Elena o santo animado ... (M. do Céu; séc. XVII; p. 160 )

No contexto de mini-orações projetadas na ordem [ pred + suj ], apenas a variante preposicionada é registrada .

#### ( 2.37 ) Variante preposicionada

132. **Tinha Hercules, quando se partio de Italia, deixado por Senhor de huma parte della a Kitim, irmão de Hespero ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p.177 )**
133. ... que tendo ja os povos de Portugal levantado por Rey ao Infante Dom Afonso Henriques. ( A. Brandão; séc. XVI; p.126 )

Neste contexto, encontramos também o acusativo preposicionado formado com objetos representados por nomes de membros de família precedidos de pronome possessivo.

Objeto com este estatuto é contexto de variação que implica, na diacronia, em mudança de comportamento quanto ao uso do acusativo preposicionado.

Nos dados de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e no séc. XVII, objetos dessa natureza são realizados com preposição.

#### ( 2.38 ) Variante preposicionada

134. ... & aos cincoenta & quatro teve Sarug a seu filho Nachor ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 65 )
135. Tambem vio a Veneravel Madre a sua Tia a Madre Brites das Chagas depois de morta ... ( M. do Céu; séc. XVII; p. 176 )

Nos dados de Bernardo de Brito, objetos com este estatuto formam o acusativo preposicionado em outras configurações. Há ocorrência do acusativo preposicionado com nome de membros de família no contexto de oração completiva.

( 2.39 ) Variante preposicionada

136. ... emvejando interiormente a familiaridade com que Deos  
tratava a seu irmão Abel .. ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 34 )

E também no contexto de mini-oração de ordem [ pred + suj ].

( 2.40 ) Variante preposicionada

137. ... oferecendolhe elRei Nino por molher a sua filha Sosanes ( B. de Brito; séc. XVI; p.  
77 )

Os dados de Bernardo de Brito registram uma ocorrência de estrutura de acusativo preposicionado com o nome comum **filho** precedido do artigo indefinido **um**.

( 2.41 ) Variante preposicionada

138. **Por morte de Jasio criou Siceleo, Rey de Italia, a hum filho do defuncto, chamado Coribanto ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 212 )**

Esta estrutura de acusativo preposicionado é formada no contexto de oração declarativa raiz que apresenta um sintagma preposicional em posição pré-verbal.

Nos dados desses autores, objetos com o estatuto de quantificador e nome quantificado são contextos de variação. Objetos dessa natureza são encontrados nas duas formas variantes de estruturas acusativas.

( 2.42 ) Variante preposicionada

139. Vendo Hercules a muita gente, que os tres Geriões tinham junta ...  
( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 141 )
140. Por morte de Jasio criou Siceleo, Rey de Italia, a hum filho do defuncto,  
chamado Coribanto ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 212 )
141. Assistiu este servo de Deus a certo moribundo avarento... ( M. Bernardes;  
séc. XVII 117 )
142. ... assim laura Deos a huns cegando a outros. ( M. do Céu; séc.XVII;  
p. 142 )

( 2.43 ) Variante não preposicionada

143. Logo pera a terceira sexta-feira convidou o Arcebispo muitos prelados  
italianos ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 181)
144. Della ouve Nino hum filho, a quem deu seu proprio nome ( Bernardo de

Brito; séc. XVI; p. 77 )

Com objetos nomes comuns, encontramos apenas uma ocorrência de acusativo preposicionado neste contexto. Esta variante preposicionada é assinalada nos dados de Luís de Sousa, nascido em 1556.

Ocorrências da variante não preposicionada são registradas nos dados de F. Manuel de Melo e de Maria do Céu.

( 2.44 ) Variante preposicionada

145. Persuadia o Arcebispo, mas não obrigava, a seus súbditos, visto ser cousa desusada nos tempos presentes. ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 90 )

( 2.45 ) Variante não preposicionada

146. Imitarão elles bem os fieis vassallos do poderoso Rey, & profeta Santo ...  
( A Brandão; séc. XVI; p. 204 )

147. Costumavam os reis da Europa e os de Portugal com grande freqüência ouvir em público os seus vassallos... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 162 )

No contexto de ordem V S O, encontramos nos Sermões de Vieira, uma ocorrência de acusativo preposicionado formada em oração imperativa.

Ocorrências da variante não preposicionada são registradas também nas Cartas de Vieira e no texto de Antonio Chagas.

( 2.46 ) Variante preposicionada

148. Ouçam estes loucos a Santo Agostinho ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 143 )

( 2.47 ) Variante não preposicionada

149. ... conheça Vossa Mercê as sentinelas e guarde-se. ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 12 - CARTA IV )

150. ... e, quando se haja de fazer a compra em Hamburgo ou Lubeque, nomeiem estes dois mercadores outros dois ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 121 )

151. Ajude Vossa Mercê essas almaszinhas de Deus ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 51 )

Nestas estruturas acusativas, os objetos são representados por nomes comuns no plural.

Nesta configuração, o acusativo preposicionado é encontrado com elevada freqüência nos dados de autores nascidos no séc. XVII em orações optativas com o verbo guardar. Trata-se das expressões formuláicas de uso comum nas despedidas de cartas.

Nestes dados, não encontramos ocorrências da variante não preposicionada formada em orações optativas de ordem V S O.

( 2.48 ) Variante preposicionada

152. Guarde Deus a Vossa Excelência muitos anos como desejo. ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 101 )
153. E sôbre tudo guarde Nosso Senhor a Vossa Mercê muitos anos, como desejo. ( F. M. de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 125 )

Encontramos ocorrências de acusativo preposicionado no contexto de orações completivas projetadas na ordem V S O nos dados de F. Manuel de Melo. Os dados dos outros autores nascidos no período referido não apresentam ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado neste tipo de oração.

( 2.49 ) Variante preposicionada

154. Sem embargo, neste caso não tivera por demasia vencer eu a Vossa Mercê ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 121 )
155. Disseram que de noite recebera Dom Diogo o general em seu navio a sete pessoas ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 63 )

**2.3.2.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O**

Nestas configurações, os dados dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII apresentam o acusativo preposicionado formado em orações raízes e encaixadas.

Nos dados desses autores, o acusativo preposicionado no contexto de orações declarativas raízes e orações com verbo no gerúndio apresenta maior número de ocorrência com objetos com o estatuto de nomes de pessoas, nomes próprios títulos, pronomes de tratamento, nomes Deus e Cristo, e quantificadores. Com objetos nomes quantificados e nomes comuns, a variante não preposicionada é a forma mais realizada.

( 2.50 ) Variante preposicionada

156. ... em que Cristo, nosso Redentor, significou as obrigações do verdadeiro pregador evangélico, louvando ao glorioso Bautista ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 26 )
157. Chegando Enos a idade de noventa annos, gerou a Cainam ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 38 )
158. ... & com tanta vontade persuiu ao innocente Sabbacio .. ( B. de Brito; séc. XVI; p. 67 )
159. ... & andando deste modo matou a Learcho seu filho com huma seta, & fizera outro tanto a Ino sua molher ( B. de Brito; séc. XVI; 259 )
160. .. como aponta Budeo, seguindo a Sérvio, e a Donato ( M. Severino de Faria; séc. XVI; p.136 )
161. ... e sendo outro Platão nas peregrinações, imitou no naufrágio a César, contentando-se de livrar só das ondas seus Poemas ( M. Severino de Faria; séc. XVI; p.150 )
162. Imitara a Apeles, que pondo suas pinturas em público ( M. Pires de

Almeida, séc. XVI; p. )

163. Na praia andava passeando Christo: *Ambulans Jesus juxta mare Galilææ*, e na ribeira viu a Pedro, e a seu irmão. ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 212 )
164. Vae o mesmo Christo ás praias da Galilea, chama a Pedro e André, e aos filhos do Zebedeu ... (A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 202 )
165. Chamou e prendeu depois a Lourenço de Brito. ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 149 )
166. Lá tem a Moisés e aos Profetas e, se a estes não dão crédito ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p.176 )

Estes dados indicam que no português da segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, objeto nome de pessoa sem determinante é fator categórico de formação do acusativo preposicionado também no contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas com sujeito não expresso.

Sendo o objeto representado por nome de pessoa com determinante, a variante não preposicionada é formada. Se o objeto nome de pessoa com determinante se apresentar precedido de modificador, o acusativo preposicionado é formado.

Esta mesma condição é observada com objetos representados pelo nome Cristo. Este nome é encontrado com determinante quando se apresenta precedido de modificador.

A estrutura de acusativo preposicionado em ( 2.50 : 156 ), encontrada nos dados de Luís de Sousa, nascido em 1556, é realizada em oração com verbo no gerúndio. O objeto é representado por nome de pessoa precedido de determinante e modificador.

Esta regularidade de formação do acusativo preposicionado com objeto nome de pessoa sem determinante não é observada quando este constituinte tem o estatuto de nome de pessoa precedido de títulos e/ou vem representado somente por um título. Com objetos dessa natureza, os dados desses autores apresentam ocorrências das duas formas variantes de estruturas acusativas neste contexto.

( 2.51 ) Variante preposicionada

167. Lá, costumava servir ao Senhor em ordenar e trazer a direito o temporal do Mosteiro da Batalha ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 146 )
168. E não contente com seu damno, convidou a nosso Padre Adam ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 33 )
169. ... & vencendo em batalha campal ao Rey de Sodoma ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 87 )
170. ... foi o seu gracioso banquete, pera o qual convidou a Dom Francisco de Almeida, Dom Vasco de Ataíde, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, e Francisco de Melo ... ( M. Severino de Faria; séc. XVI; p. 105 p. 118 )
171. ... foi vassalo del-Rei Dom Afonso V (título muito principal naquele tempo) e serviu ao mesmo Rei nas guerras de África, e Castela. ( M. Severino de Faria; séc. XVI; p. 105 )
172. ... se prostou de novo por terra e adorando ao Senhor lhe disse... ( A Brandão; séc. XVI; p. 13 )
173. ... e vio a nosso Senhor em Cruz na maneira que dissera ... ( A Brandão; séc. XVI; p. 54 )
174. Esperamos ao Senhor Bispo de Laon ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII;

p. 310 )

175. ... assim servia ao Príncipe, e à pátria ( A. de Barros; séc. XVII; p. 26 )

176. Mais adiante encontrei em uma gôndola aos Padres Manoel de Lima, e Manoel de Souza ... ( A. de Barros; séc. XVII; p. 59 )

( 2.52 ) Variante não preposicionada

182. Bem parece que entendia esta verdade Halaono, Emperador da Tartária, que, vencendo em Baldaco o Calife, Mestre da seita Maométrica ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 130 )

183. ... & invocando o Apostolo Santiago, derão os nossos com tanto impeto nos Mouros ... ( A. Brandão; séc.XVI; p. 17 )

184. Obedeci, & prostrado em terra com muita reverencia, venerei o Embaixador, & quem o mandava ... ( A Brandão; séc. XVI; p. 49 )

185. Dom Ligel foi tembem natural de Frandes, & acompanhou elRey Dom Afonso em o cerco de Lisboa. ...(A Brandão; séc.XVI; p.252 )

186. Aqui ferirão o capitam Jorge de Goes ... ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 81 )

187. Achei êste Senhor e logo me perdi por êle.... ( A Chagas; séc. XVII; p. 5 )

188. Foy logo buscar a Madre Elena a quem contou o successo, e offereceo os votos... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 194 )

189. ... à porta do Paço achei o Mestre do navio do Maranhão... ( A. de Barros; séc. XVII; p. 57 )

Sendo o objeto representado por pronomes de tratamento, encontramos nos dados desses autores ocorrências apenas da variante preposicionada no contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas com sujeito não expresso.

( 2.53 ) Variante preposicionada

190. Deus, que ordenou a entrada, disporá o processo e guardará a saída de toda culpa, ajudando a Vossa Reverência com Sua divina graça ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 46 (

191. ... nunca vi, nunca servi em nada a Vossa Mercê ... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 96 )

192. Apenas servi ontem a Vossa Senhoria, já vou pedir hoje que me pague. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 132 )

193. ... avisarei a Vossa Mercê a que Deus guarde. ( A. Chagas; séc. XVII; p. 113 )

194. No coração de Cristo meto a Vossa Mercê quanto posso, e lhe peço nos guarde a Vossa Mercê ... . (A Chagas; séc. XVII; p. 128 )

195. Louvo muito a Vossa Mercê e dou muitas graças a Deus por vencer aquela dificuldade. (A. Chagas; séc. XVII; p. 152 )

196. ... antes de eu ir para as Caldas tinha avisado a Vossa Mercê ficar entregue deles ... ( A Gusmão; séc. XVII; p. 108 )

197. Mas, com a mesma confiança que permite a nossa amizade, previno a Vossa Mercê ( A. Gusmão; séc. XVII; p. 108 )

Nos textos desses autores, os nomes Deus e Cristo sem determinante também são fatores categóricos de formação do acusativo preposicionado neste contexto.

( 2.54 ) Variante preposicionada

198. ... quando se resolveo em lhe dar por escrito leys, em que vivessem & cerimonias com que invocassem a Deos ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 60 )
199. Buscamos a Deus quando o mundo não nos busca. ( M. da Costa; séc. XVII; p. 19 )
200. ... almas ditosas, pois que do instante em que foram buscar a Deus, logo começaram a ser bem-aventuradas! ( M. da Costa; séc. XVII; p. 108 )
201. E que hão de ouvir a Deus os que tão mal ouvem aos homens? ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 91 )
202. ... ou ir logo para o Céu com a certeza, ou ficar servindo a Deus n'este mundo com a incerteza da salvação. ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 97 )
203. D'ahi a pouco levaram a Christo ao calvário ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 153 )
204. ... abateriam a Deus, ainda que tremulassem vitoriosas suas católicas bandeiras ... ( A.Vieira; H. do Fut. Séc. XVII; p. 117 )
205. De dous modos vemos a Deus ... ( A. Chagas; séc. XVII; p. 11 )
206. ... perdereis a Deus, e perdereis tudo. ( A.Chagas; séc. XVII; p. 12 )
207. ... louvo muito a Deus por achar ... ( A. Chagas; séc. XVII; p. 27 )

Nos Sermões de Antonio Vieira, encontramos a variante não preposicionada com o nome Deus. Nesta ocorrência, o objeto nome Deus é precedido do artigo indefinido **um**.

( 2.55 ) Variante não preposicionada

208. ... mas agora trabalhe e ande, que temos um Deus que gosta muito de nos não ver parar em o começado querer. ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 167 )

Sendo os nomes **Deus** e/ou **Cristo** substituídos por epítetos, os dados indicam ocorrências das duas formas variantes de estruturas acusativas.

( 2.56 ) Variante preposicionada

209. E com isto perseguiram depois ao Salvador do mundo ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 13 )
210. ... vio ao Menino que estava em a manjedoura, em carne, e desta forma sahio della, e se lhe poz em o regasso. ( M. do Céu ; séc. XVII; p. 160 )

( 2.57 ) Variante não preposicionada



211. .... veria com seus olhos antes de entrar nella, o Salvador do mundo ...  
 ( A Brandão; séc. XVI; p.10 )
212. Achei êste Senhor e logo me perdi por êle.... ( A Chagas; séc. XVII; p. 5 )
213. ... não deixo por ele o meu Salvador Jesus ... ( M. Bernardes; séc. XVII;  
 p. 83 )

Neste contexto, o acusativo preposicionado também é realizado com grande freqüência na forma de mini-oração.

Há realização do acusativo preposicionado em estruturas de mini-orações projetadas nas ordens [ suj + pred ] e [ pred + suj ], com objetos nomes de pessoa sem determinante, nomes próprios títulos, pronomes de tratamento, com os nomes Deus e Cristo e /ou epítetos, e também com nomes comuns, quantificados e não quantificados.

Nestas duas configurações, a variante não preposicionada é também assinalada nestes dados.

No contexto de mini-orações de ordem [ suj + pred ], os dados indicam, entre outras, as seguintes ocorrências:

#### ( 2.58 ) Variante preposicionada

214. Em nacendo, já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado ...  
 ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 17 )
215. ... deixando ao senhor da casa magoado de se acabar tão depressa a  
 conversação ( R. Lobo; séc. XVI; p. 27 )
216. ... saíram de todo desbaratados, e deixando a seu General cativo ...  
 ( M. Severino de Faria; séc. XVI; p. 15 )
217. ... ainda bem que encontro a Vossa Ilustríssima tão benigno ( M. de  
 Galhegos; séc. XVI; p. 80 )
218. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre que todas; porque  
 toma a Deos por objecto. ( M. da Costa; séc. XVII; p. 65 )
219. ... fez a Mermitides mais famoso, que a outros as grandes esculturas dos  
 mayores Colossos ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 65 )
220. ... e declarou a Christo por inocente ... (A.Vieira; Sermões; séc. XVII;  
 p.127 )
221. Tendo a Vossa Paternidade por orador ... ( F. Manuel de Melo; Cartas  
 Familiares; séc. XVII; p. 87 )
222. Uma da mercê, que se nos fez, promovendo a Vossa Mercê ao lugar do  
 Conselheiro... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 104 )
223. Nomeou a Dom António de Melo por camareiro-mor ... ( F. Manuel de  
 Melo; T. Português; séc. XVII; p. 28 )
224. ... nomeou logo a Joane Mendes de Vasconcelos conselheiro de guerra e,  
 pouco depois, mestre-de-campo-general do Exército do Alentejo. ...

( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 148 )

( 2.59 ) Variante não preposicionada

225. ... que, vendo seu senhor cativo de Turcos, e depois morto ...  
( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 95 )
226. Por muytas vezes vio em esta clara noite os Anjos da gloria animados, e vistidos de luzes ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 160 )
227. Já que vio todas redusidas à sua obrigaçã ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. )

No contexto de mini-orações de ordem [ pred + suj ], a frequência de ocorrência de estruturas de acusativo preposicionado também é elevada.

( 2.60 ) Variante preposicionada

228. Desejava fazer letrado ao senhor Dom António, seu filho ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 29 )
229. ... que adoptou por seu filho a Osiris, que nacera de Zoroastes & de Rhea, & a Isis sua irmã, aos quais chamarão os gentios Juppiter & Juno ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 78 )
230. ... que tinham os moradores oprimos, lhes deixou por Rey a Macedo seu filho, ou sobrinho... (B. de Brito; séc. XVI; p 113 )
231. **Por onde he possível, que vindose do Egypto deixasse por governador a Menas ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 149 )**
232. ... nomeou por seu successor a Saturno ( B. de Brito; séc. XVI; p. 207 )
233. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a Vossa Alteza ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 52 )
234. Tenho aqui de alguns dias a esta parte por companheiro a Ene.  
( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 89 )
235. ...donde procedia haver anos depois nomeado por Secretário de Estado no Conselho a Fernando de Matos, irmão de Afonso ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 87 )
236. **Tomou por seu companheiro ao Padre João de Sotto-maior, de cujas**
237. **Apostólicas façanhas na Gentilidade do Maranhão dará ilustre notícia**  
**( A. de Barros; séc. XVI; p. 53 )**

( 2.61 ) Variante não preposicionada

239. E trouxe-lhes logo pera mestre o Padre Frei Simão das Chagas, varão de singular exemplo de virtude ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 31 )
240. ... que houve quem lhe ouviu dizer que pedia a Deus fizesse imortais os prelados de Portugal ( L. de Sousa; séc. XVI; p. )
241. E, com não menos honra da Ordem dos Pregadores e da Província de Portugal, foi dado por secretário dela o Mestre Frei Francisco Foreiro.  
( L. de Sousa; séc. XVI; p. 174 )

242. ... & deixou por governador do Egypto, sua molher Isis ou Juno ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 90 )
243. POR morte delRey Luso (a memoria do qual foy sempre muy grata a nossos antigos Portuguezes) foy recebido por universal Senhor de Espanha Siculo seu filho, (B. de Brito; séc. XVI; p. 229 )
244. ... que importa é que nos venham boas do Reino, porque trago muito atravessado êste Langanez e Cosmander. ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 223 )
245. Bem parece conimbricense; e que teve por mestra nossa tia, senhora Ene , e por mestre seu pai. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 171 )
246. Agora, vendo o duque Dom João, armado e vizinho, que por causa do seu exercicio ... (F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 73 )
247. ... tenho por sócios três mancebos, que foram condenados à mesma pena ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 65 )

Em outras ocorrências de estruturas acusativas no contexto de orações declarativas raízes e orações com verbo no gerúndio e sujeito não expresso, estes objetos são encontrados nas duas formas variantes.

( 2.62 ) Variante preposicionada

248. ...& tirandolhe huma costa do lado esquerdo (como diz Alcimo Avito) formou a nossa mãy Eva ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 31 )
249. Foy Caim o primeiro hereje que ouve no mundo, porque ensinou a seus nettos a não temer pelos males desta vida ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 36 )

( 2.63 ) Variante não preposicionada

250. E vendose acabar fora de Espanha, chamando seu filho Luso, & os principaes Capitães do exercito, lhes fez huma animosa pratica ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 212 )
251. Deixo seu pai, Dom João de Almeida, Conde de Abrantes ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 67 )
252. ... em poucos meses depois perdi meu pai e senhor ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 119 )

Na condição de sintagmas não precedidos de pronome possessivo e com determinante, esses nomes comuns também são encontrados nas duas formas variantes.

( 2.64 ) Variante preposicionada

253. ...chamando ao marido que, com os mesmos efeitos o festejou, e conheceu ao primo, em quem o tempo não fizera mudança que nêle os trabalhos de tão estreita vida. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 198 )

( 2.65 ) Variante não preposicionada

254. ... e, conhecendo o filho, que com os ricos vestidos e galas de soldado fazia parecer em tudo maior sua gentileza, com infinitas lágrimas de alegria abraçou ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 198 )

No texto Tácito Português, de F. Manuel de Melo, encontramos uma ocorrência da variante não preposicionada formada com o nome **irmão**, realizado como sintagma quantificado.

( 2.66 ) Variante não preposicionada

255. Tendo só um irmão e enfermo, cuja herdeira a consideravam todos os juízos e vaticínios ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 31 )

Sendo o objeto representado por quantificador, os dados desses autores apresentam, neste contexto, maior ocorrência da variante preposicionada.

A frequência maior de formação de estruturas de acusativo preposicionado com objetos dessa natureza é verificada com o quantificador **todos**.

( 2.67 ) Variante preposicionada

256. ... confiado na Providência divina, repartia francamente tudo por eles e consolava a todos. ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 34 )

257. Depois que viu e ouviu e tratou a todos e a cada um por si ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 65 )

258. ... que os agravos propios, os consolou, & animou a todos... ( B. de Brito; séc. XVI; p.164 )

259. ...e com ela convidassem a outros ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 108 )

( 2.68 ) Variante não preposicionada

260. ... falando de Jacob e seu irmão: que amara um e aborrecera outro ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 9 )

261. Para a hora da cea não chamava ninguém ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 63 )

262. Acharemos outro que enjeita as ofertas do soberbo Alexandre ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 114 )

Tendo o objeto o estatuto de nome quantificado, a variante não preposicionada é a forma mais realizada.

( 2.69 ) Variante preposicionada

263. E como estava desembaraçado do cargo de prior, continuava com mais assistência, e com a mesma acuidade a todas as comunidades ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 53 )
264. ... porque abrangia a muitos pobres ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 101 )
265. ... e confundio a todos os senhores de Palacio ... ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 68 )
266. ... como temos vencido e venceremos a todos os inimigos. (A Vieira; H. do Fut. Séc. XVII; p. 83 )

( 2.70 ) Variante não preposicionada

267. Abraçava todos aqueles religiosos ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 55 )
268. ... que cá ando colhendo, ouvindo muitos prudentes. ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 176 )
269. Ithamar Judeo em suas origens Hebraicas, diz, que nesta confusão das línguas se não achou nenhum dos dous filhos de Noe Sem, & Japhet, mas só Cam & os de sua familia ... ( B. de Brito; séc. XVI; p.51 )
270. ... entre os descendentes de Caim Lamech, que foy o primeiro bigamo do mundo, & que ousou a tomar duas mulheres juntas, chamadas Adda, & Sella ( B. de Brito; séc. XVI; p. 40 )
271. ... e deram os negros neles, e mataram alguns, ao que acudiu Francisco Marinho... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 12 )
272. Os Turcos entraram os vallos por duas partes, e vinham já rompendo pelo arraial dentro, matando muitos. ( R. Lobo; séc. XVI; p. 46 )
273. ... se não achou em todo ele um só homem de espírito tão humilde ... ( A Vieira; H. do Fut. Séc. XVII; p.106 )

**Nestes dados, há ocorrências de acusativo preposicionado com nomes comuns não quantificados. Com objetos dessa natureza, a forma não preposicionada tem frequência maior de ocorrência.**

( 2.71 ) Variante preposicionada

274. ... que assi persuadiriam eficazmente ao mundo, e aos hereges ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 182 )
275. .... e meteu aos homens em mais perigosos trabalhos que o ouro, a quem com muita razão podiam todos chamar peste do mundo? ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p.140 )
276. ...chamando ao marido que, com os mesmos efeitos o festejou, e conheceu ao primo, em quem o tempo não fizera mudança que nêle os trabalhos de tão estreita vida. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 198 )
277. Amam aos padres, dão-lhe todos os seus filhos para os ensinarem ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 478 )
278. ... tratou a esta serva de Deus com palavras desconhecidas, ásperas e ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 120 )
279. Porque o primeiro, havendo duas vezes vencido aos romanos com grande

estrago dos seus ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 188 )

280. ... amava muyto a esta filha ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 139 )

281. ... vio a este adversario, que com hum pivete lhe hia defumando a cella ...  
( M. do Céu; séc.XVII; p. 198 )

( 2.78 ) Variante não preposicionada

282. Edificado ficou o prior, não só satisfeito, do que achava no moço; chamou o mestre dos noviços e alguns padres outros que o examinassem na latinidade ... (L. de Sousa; séc. XVI; p. 18 )

283. ... e êle, vendo o hóspede, de novo se lhe inclinou com mais autoridade ( R. Lobo; séc. XVI; p. 50 )

284. ... com esta espada vos livreí, & venci nossos inimigos... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p.119 )

285. Recolheram os hóspedes com o agasalho de sua pobreza ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 198 )

286. Ontem servi o seu afilhado ... ( A. Gusmão; séc. XVII; p. 149 )

**No contexto de ordem O V, os dados desses autores apresentam o acusativo preposicionado formado também em orações imperativas. Seus dados não indicam ocorrências da variante sem preposição.**

( 2.79 ) Variante preposicionada

287. Acompanhemos ao Doutor (disse o Fidalgo) ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p.27 )

288. Ouçamos a Scaligero ... ( M. Pires de Almeida; séc. XVI; p. )

289. Se vos achais em disposição belígera, armemos esta gente ... (F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 66 )

290. ... Servi a Deus de veras, amai-o ... (A Chagas; séc. XVII; p. 12 )

291. Ame mais a Deus, que ainda o pode mais amar. (A Chagas; séc. XVII; p. 58 )

292. ... louve a Deus, que está no caminho da salvação ... (A Chagas; séc. XVII; p. 121 )

293. Segui pois a Cristo ... (A Chagas; séc. XVII; p. 204 )

294. Para tirar toda a duvida, oiçamos ao mesmo Christo em caso muito mais apertado ... ( A. Vieira; Semões; séc. XVII; p. 70 )

295. Chamai aqui logo a Filemon ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 71 )

296. ... amais a sua pessoa, mais que a sua felicidade, e queria-a mais nos perigos do mundo, que nos seguros da Religiaõ. ( M. do Céu; séc. XVII; p. 137 )

**Nesta configuração, encontramos também nos textos desses autores o acusativo preposicionado formado no contexto de orações com os verbos de controle querer e poder.**

Nestas ocorrências, os objetos são representados por nomes de pessoas e títulos, pronome de tratamento e também nomes comuns.

Com objetos representados por nomes de pessoas sem determinante e pronomes de tratamento, o acusativo preposicionado é sempre formado.

Sendo o objeto representado por nome comum e/ou pelo título **ElRei**, há variação. Com esses objetos, as duas formas variantes de estruturas acusativas são encontradas também neste contexto.

( 2.80 ) Variante preposicionada

297. ... quero convencer a Vossa Reverendíssima e mostrar-lhe ...  
( L. de Sousa; séc. XVI; p. 43 ).
298. ... que póde ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, se não se der por satisfeito ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 177 )
299. Umaz vezes quer livrar a seus amigos, outras quer derribar e destruir a seus inimigos. ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 84 )
300. Foi Deus servido de me dar alguma luz, com que de muitas maneiras pudesse servir ao Príncipe e a pátria .... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 127 )
301. Estava Deus querendo aliviar aos povos castelhanos e portugueses do raio ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p.59 )
302. Querendo este consolar a um amigo seu, o levou a uma torre ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 64 )
303. ... queria matar a ElRey, para cazar com o Papa ... ( M. do Céu; séc. XVII; p.187 )

( 2.81 ) Variante não preposicionada

304. Polo rifão (respondeu Leonardo) entendo que quereis defender o vosso moço. ( F.Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 92 )
305. ... se quiserem matar elRey, não sejam nobres, nem elles, nem seus filhos para sempre ... ( A Brandão; séc. XVI; p. 122 )
306. Estará à vela no pôrto de Texel de aqui a quinze dias, para se poder embarcar o embaixador Francisco de Andrada ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 174)
307. Todos podiam ordenar os fidalgos de sua casa que El-Rei depois confirmava. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 48 )

Nestes dados, o título ElRei se apresenta como contexto de variação. A condição de contexto de variação com objeto dessa natureza é assinalada na ocorrência (2.80 : 303 ) acima, de Maria do Céu, que apresenta o acusativo preposicionado com esse objeto e na ocorrência da variante não preposicionada em ( 2.81: 305 ), de Antonio Brandão, formada com este mesmo sintagma.

Tendo o objeto nome comum o estatuto de membro de família, a variante preposicionada é registrada nos dados de Bernardo de Brito.

( 2.82 ) Variante preposicionada

308. ... o qual (como quer Laymundo) desejando ver a seu avó Noe ...  
( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 79 )

**No contexto de ordem V O, os dados dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e no séc. XVII apresentam o acusativo preposicionado formado em orações completivas de outra natureza.**

## **Nestes dados, a variante não preposicionada também é concomitantemente formada.**

### ( 2.83 ) Variante preposicionada

309. Tinha o Provincial a cargo persuadir a Frei Bertolameu ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 42 )
310. ... nem hum só mostrou má vontade de hir servir a Vossa Magestade ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 102 )
311. ...prometendo-me achar a Vossa Excelência por todo fevereiro ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 81 )
312. ... pois avisam que mataram em Taparica ao Rebelinho, e a outros oficiais, e que com trinta embarcações estavam esperando a nossa armada"... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 137 )
313. ... que o desobrigou de amar e servir a ElRei. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 88 )
314. Necessário é, se desejarmos agradar ou imitar a Cristo, que padeçamos por êle alguma cousa ... (A. Chagas; séc. XVII; p. 202 )
315. Basta por agora ouvir ao grande Crisóstomo ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 88 )
316. O imperador Otão II, desejoso de conhecer de vista a São Nilo ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 102 )
317. ... com que não acabam, com o temor de descontentar a muitos que no serviço gastaram todo o seu bem. (C. Brochado; séc. XVII; p. 19 )
318. ... porque El-Rei e eu desejamos servir aos Padres ... ( A. Gusmão, séc. XVII; p. 43 )

### ( 2.84 ) Variante não preposicionada

319. Com a entrada do ano novo determinou começar a visitar o arcebispado. ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 74 )
320. Este me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que fulmine o Céu. ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 77 )
321. ... que obrigassem Vossa Alteza a Levantar imediatamente o interdito, para mostrar-se oficioso em servir Vossa Excelência ( A. Gusmão; séc. XVII; 40 )
322. ... me ordena o dito Senhor que avise Vossa Senhoria para que se empenhe com a maior eficácia com o Governador de Buenos Aires a favor de Feliciano Velho Oldemberg ... ( A. Gusmão; séc. XVII; 54 )

Dos autores representativos do português daquele período, Alexandre Gusmão, nascido em 1695, apresenta um comportamento lingüístico diferente. Em seus dados encontramos estruturas acusativas sem preposição com objetos pronomes de tratamento em segunda pessoa, conforme indicam as ocorrências ( 2.84 : 321; 322 ) acima.

No contexto de orações completivas, o acusativo preposicionado é assinalado nos dados desses autores em estruturas de mini-orações.

### ( 2.85 ) Variante preposicionada



323. Desejava fazer letrado ao senhor Dom António, seu filho (que depois foi Prior do Crato) ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 29 )
324. Eroles, escravo de Marco António, se matou de pesar de ver a seu senhor vencido de Augusto. ( R. Lobo; séc. XVI; p. 94 )
325. ... desejo ver a Vossa Mercê no estado mais perfeito. ( A. Chagas; séc. XVII; p. 70 )

**Nestas ocorrências, nome de pessoa precedido da forma de tratamento senhor é fator de inserção da preposição.**

Na configuração VO, o acusativo preposicionado também é formado em estruturas causativas.

Os textos dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI não apresentam estruturas de acusativo preposicionado neste contexto. Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas nos dados de Luís de Sousa e M. de Galhegos. Os dados de autores nascidos no séc. XVII apresentam ocorrências de acusativo preposicionado em estruturas causativas na configuração [ **verbo causativo + verbo infinito intransitivo + sujeito do verbo infinito** ].

A variante preposicionada é encontrada também nos dados de Alexandre Gusmão.

( 2.86 ) Variante preposicionada

326. Bem aparelhado está Deus, se sempre com as papinhas doces do seu amor e favores deixar engatinhar a Vossa Mercê ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 34 )
327. Por isso o sacerdote Heli, quando viu a Ana orar com gestos ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 32 )
328. ... mandou sair ao presidente da Tebaida, lançar-lhe grilhões e algemas e cadeias de bronze, e pendurar ao pescoço uma grande pedra, e que nesta forma fosse derribado no fundo da cova ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 83 )
329. Tem Sua Majestade razão em não deixar embarcar a Vossa Senhoria nas frotas do Brasil ...( C. Brochado; séc. XVII; p. 57 )
330. ... com que vira na Corte castelhana padecer suplício a Dom Rodrigo Calderon, marquês de Sete Igrejas ( A. Brochado; séc. XVII; p. 115 )
331. ... que disse ao Padre Geral da Companhia de JESUS, que se ele Geral não mandasse logo sair de Roma ao Padre ANTÓNIO VIEIRA, ele o havia de mandar matar. ( A. de Barros; séc. XVII; p. 48 )

( 2.87 ) Variante não preposicionada

332. Depois de missa dava audiência gèral, mandando entrar primeiro todas as mulheres que havia ... ( L. de Sousa; séc.XVI; p. 52 )
333. El Rey Felipe mandou passar alguma gente de guerra das fronteiras para os portos de mar da costa de Andaluzia ... ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 25 )
334. Com cada uma das freiras fará Vossa Mercê partir dous soldados de cavalo ... ( A Gusmão; séc. XVII; p. 42 )

Nestas variantes não preposicionadas, os sujeitos dos verbos infinitos são representados por nomes quantificados.

Nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, o acusativo preposicionado também é realizado em estruturas causativas que projetam as ordens [ **verbo causativo + verbo infinito transitivo + sujeito do verbo infinito + estrutura oracional** ] e/ou [ **verbo causativo + verbo infinito transitivo + objeto** ].

Nestas ocorrências, os objetos são representados por nomes de pessoas sem determinante, títulos, nomes de pessoas precedido do título **Dom**, pronomes de tratamento e pelo quantificador **outros**.

Neste contexto, encontramos nos dados de Bernardo de Brito uma ocorrência da variante não preposicionada com objeto representado por nome de membro de família ( filho ) especificado por nome de pessoa e sem determinante.

#### ( 2.88 ) Variante preposicionada

335. ... que comsigo tinha, fez adorar a seu Pay Ramesso, debaixo de nome de Saturno ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p.225 )
336. Em Italia reynou Morgete, irmão de Roma, alguns annos livre já da tutoria, mas vendose esteril, e sem esperança de ter filhos, mandou chamar a Saturno o moço, seu cunhado, casado com Electra sua irmão ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 207 )
337. ... o que não importa menos aos titulares e fidalgos que mandam visitar a outros, em ocasiões de pêsames ou parabéns ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 90 )
338. ... e disse que o senhor Ene estimara muito aquela ocasião para mandar visitar a sua Majestade. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 91 )
339. El-Rei, já resoluto na mudança, mandou acomodar ao Baracho no governo do Rio de Janeiro, o bispo em seu exercício. ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 149 )
340. ... mandou chamar a Dom Duarte de Castellobranco seu cunhado, marido de sua segunda irmã Dona Luiza de Mendocça ... ( M. do Céu; séc. XVII; p. 139 )
341. ... que o desembargador Chanceler dessa Relação fizera prender a Manuel José Viegas por uma suposta culpa ... ( A Gusmão; séc. XVII; p. 42 )

#### (2.89 ) Variante não preposicionada

342. **... pera onde mandou chamar seu filho Tusco ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p.166 )**

Em orações encaixadas projetadas na ordem O V , o acusativo preposicionado também é assinalado nos dados desses autores em orações adverbiais.

( 2.90 ) Variante preposicionada

343. **Cento & sesenta & dous annos erão ja passados de idade de Jared, quando gerou a seu filho primogenito Henoch ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p.39 )**
344. ... os quais, depois de ouvirem a Frei Henrique, juntos em câmara com todos os nobres da vila e gente da governança e povo ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 121 )
345. ... contudo temos a Homero por de mais raro juízo na consideração do decoro particular: ( M. Pires de Almeida; séc. XVI; p. )
346. Vem mais alguns Monsiures a servir a el Rey nosso Senhor nestas guerras ( M. de Galhegos; p. 17 )
347. E entretanto despacha um barco a Lisboa a avisar a Sua Majestade ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 111 )
348. **Para comboiar a Monsieur de Andrada e Monsieur Soares, são partidos de aqui 300 cavalos, mandados pelos Estados a petição sua, e os esperamos dentro em breves dias. (Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 169 )**
349. .... e isto ainda depois de ouvir a Micheas, em cujo parecer não havia risco ... (A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 197 )
350. Veja Vossa Senhoria logo quanto tem errado caminho, pois mais tem trabalhado pelo amor do mundo que pelo amor de Deus; mais por imitar a
351. César, que está no Inferno, ou a Tácito e a Tito Lívio, que também lá estão, que por imitar a Cristo ... (A. Chagas; séc. XVII; p. 24 )

Dados da variante não preposicionada são assinalados no texto de F. Rodrigues Lobo, nascido em 1579 e no texto Cartas Familiares, de F. Manuel de Melo, nascido em 1608. Nestas estruturas acusativas, os objetos são representados por nomes de pessoas precedidos, respectivamente, pelo título senhor e título de função religiosa.

( 2.91 ) Variante não preposicionada

352. Os dias atrás, sendo eu ainda inocente deste costume, me deram uma carta de um amigo que dizia: Para ver o senhor Solino ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 33 )
353. Mas respondi noutra letra muito pior e pus no sobrescrito: Para cegar o senhor Fuão ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 33 )
354. ... como quem manda lançar tapete de madrugada em Sam Roque para ouvir o Padre Vieira. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 173 )

### 2.3.2.3 Contextos de ordens O V S / O V

Nos contextos de estruturas oracionais de ordens O V S / O V, os dados referentes a autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII apresentam frequência elevada de ocorrências de acusativo preposicionado. A variante não preposicionada também é encontrada nesses dados.

Dos autores nascidos naquele período, é Maria do Céu quem apresenta maior número de ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado neste contexto.

Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas nos dados de Maria do Céu e de outros autores.

( 2.92 ) Variante preposicionada

355. A todos agasalhava bem assombrado no gesto ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 57 )
356. Aos curas que achava de boa vida e costumes, que faziam bem seu officio, honrava... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 80 )
357. ... a esta matou Perseo, por escusar com sua morte muitos damnos nacidos de sua fermosura. ( B. de Brito; séc. XVI; p. 245 )
358. A Túlio degolaram, e por mais o afrontarem, lhe cortaram aquela língua . ( M. Severino de Faria; séc.XVI; p.146 )
359. ... a todos pode enganar, só a si não. ( M. da Costa; séc. XVII; p. 119 )
360. Ao Senhor Embaixador tivemos em cama estes oito dias ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 241 )
361. A ninguém quero mais; a ninguém devo mais. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 97 )
362. Ao Senhor N amo e devo amar muito ... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 156 )
363. ... que a Vossa Mercê obrigam a estar nesta Corte. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 22 )
364. A este acompanhou Francisco de Andrade, do Supremo Senado da Justiça. ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 92 )
365. **A todos os anjos e serafins, a todos êsses espíritos bem-aventurados deixaria eu bem-aventurados ... ( A. Chagas; séc. XVII; p.14 )**
366. A esta Religiosa hauia previsto a Madre Elena a sua morte pouco antes de sucedida (M. do Céu; séc.XVII; p. 172 )
367. A hum menino filho de sua sobrinha a Marquesa de Anjeja, que em mezes de nacido, passou à fortuna de glorioso, vio logo que acabou ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 180 )
368. A Dona Joanna de Castro Tia do Correo Mor, vio logo, que espirou ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 180 )
369. A uma senhora que exercitaua muytas virtudes, e hauia sò tido a falta de hauer sido muyto excessiva nos enfeytes, sem outro fim mais, que o de seguir nestanimiandade o seu genio, vio depois de fallecida ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 180 )
370. A Diogo de Pina, homem singular no officio de embrexador, e mais apurado nos esmeros de sua alma que nas obras de suas mãos, pois a adornou, nas abrutezas nas abruteza das conchas, mas com as perolas das virtudes, vio a illustrada Madre assim que espirou, glorioso ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 181 )
371. Ao Correo mor vio tambem em huma graue doença, que padeceo ...

(M. do Céu; séc.XVII; p.185 )

372. A algumas pessoas que encomendou a Deos, em doenças de que liuraraõ; vio, sendo leuada em seus misteriosos sonhos ao aposento adonde estauaõ ... ( M. do Céu; séc.XVII; p.185 )
373. A todos os seus devotos convidaua a que entrassem nesta cazinha, ou Adega do Amor, que de uma, e outra sorte a nomeaua ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 203 )

Nestas ocorrências de acusativo preposicionado, os objetos são representados por nomes de pessoas sem determinante, nomes próprios títulos, nomes comuns, quantificadores e nomes quantificados, na condição de sintagmas com o traço [ + humano ].

( 2.93 ) Variante não preposicionada

374. ... e um conheci eu a que caíram as luvas e o chapéu da mão ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 90 )
375. ... & este tal se não chamarà Rey, senão despois que tiver da Rainha filho varão. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 120 )
376. Doutores tem a Santa Madre Igreja, que está em Roma... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 189 )
377. Muytas pessoas vio na doença da morte, e com outras se achou neste ultimo transe ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 185 )

Nestas ocorrências da variante sem preposição, os objetos são nomes com o traço [ + humano ].

No contexto de orações declarativas raízes, encontramos nestes dados ocorrências de acusativo preposicionado formadas em estruturas de mini-orações.

( 2.94 ) Variante preposicionada

378. A muitos tenho eu por inimigos (disse Feliciano) ... (F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 94 )
379. A Guilherme criou Marquês de Monferrato ... ( R. Lobo; séc. XVI; p. 199 )
380. Aos Reys de Portugal servio por vezes de assento de sua Corte. ( A. Brandão; séc. XVI; p. 195 )
381. Ao Conde de Gebrian General do exercito, que venceu a Lamboi, fez elRey Christianissimo Mariscal, e a Monsiur de la Mota de Ancour. ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 83 )
382. E a Vossa Excelência como herdeiro conhecerei sempre por meu amo e senhor ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. )
383. ... e a Francisco de Sousa Coutinho elegeu para regedor na corte de Castela ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 28 )
384. A todos os anjos e serafins, a todos êsses espíritos bem-aventurados deixaria eu bem aventurados ( A. Chagas; séc. XVII; p. 14 )

385. A esta soberana e augustíssima Senhora intitulam os Santos Padres  
mãe da alegria, raiz do contentamento e gozo universal do mundo ...  
( M. Bernardes; séc. XVII; p. 37 )

( 2.95 ) Variante não preposicionada

386. Alguns ( disse o Doutor ) conheci eu culpados nesse modo  
impertinente de falar ... ( R. Lobo; séc. XVI; p. 179 )

Na configuração O V S, encontramos nos dados de autores nascidos no séc. XVII, o acusativo preposicionado formado em orações optativas, configurando formas variantes das expressões formuláicas de uso comum nas despedidas de cartas.

( 2.96 ) Variante preposicionada

387. A muito alta e muito poderosa pessoa de Vossa Majestade guarde Deus,  
como a cristandade e vassalos de Vossa Majestade havemos mister.  
( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 472 )

388. ... e a Vossa Mercê guarde Deus quanto lhe peço e desejo. ( A. Chagas;  
séc. XVII; p. 61 )

389. A pessoa de Vossa Excelência guarde Deus como desejo ... ( A. Gusmão;  
séc. XVII; p.129 )

Encontramos nos dados de F. Rodrigues Lobo, autor nascido em 1556, o acusativo preposicionado formado no contexto de oração optativa com o objeto fronteado e presença da conjunção **que**.

( 2.97 ) Variante preposicionada

390. A meu filho o licenciado em Salamanca, que Deus guarde ...  
( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 35 )

Objetos preposicionados em fronteamento são encontrados em estruturas causativas nos dados F. Rodrigues Lobo, nascido em em 1579, e Manuel Bernardes, nascido em 1644.

Este tipo de ocorrência não é verificado nos textos dos outros autores nascidos no período mencionado.

( 2.98 ) Variante preposicionada

391. ... a esta mandou visitar outra parenta sua por uma pessoa de autoridade ...  
( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 91 )

392. A este mandou chamar Apolónio e, corrompendo-o com ouro ...  
( M. Bernardes; séc. XVII; p. 70 )

Em ambas as ocorrências o verbo causativo é **mandar** e o objeto é representado pelo pronome

demonstrativo **este** ( a ).

Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas nos dados de Alexandre Gusmão, nascido em 1695.

( 2.99 ) Variante não preposicionada

393. Que aquelas religiosas se mandam conduzir a conventos remotos ...

( A Gusmão; séc. XVII; 65 )

394. Os soldados se mandam aquartelar nas estalagens da Ribeira daquela

vila ... ( A Gusmão; séc. XVII; 64 )

#### 2.3.2.4 contextos de ordem S V O

Diferentemente do comportamento lingüístico dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, que apresentam restrição de formação do acusativo preposicionado em estruturas oracionais de ordem S V O, nos dados de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, este tipo de estrutura é encontrada com regular freqüência tanto em orações raízes quanto em orações encaixadas.

Nestes dados, há freqüência elevada de estruturas de acusativo preposicionado formado em orações declarativas raízes. Nestas ocorrências, o objeto pode ser nome de pessoa sem determinante, título de nobreza e/ou função, pronome de tratamento, nome Deus/ Cristo, quantificador e também nome comum.

( 2.100 ) Variante preposicionada

395. O Arcebispo abraçava a todos e consolava o prior. ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 151 )

396. Vós ( disse Píndaro ) temestes ao Doutor ... ( F. Rodrigues. Lobo; séc. XVI; p. 130 )

397. Virgílio consultou a Varo, Ovídio a Propércio ... ( M. Pires de Almeida; séc. XVII; p. )

398. ... estes seguiam a Aristóteles mais literalmente ... ( M. da Costa; séc. XVII; p.119 )

399. Baltasar de Sousa Pereira tem servido a Vossa Majestade neste ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 444 )

400. Santo Agostinho, para representar mais claro e mais patentemente esta conta, introduz ao mesmo Christo fazendo-nos por sua propria Pessoa os cargos do que lhe devemos ... ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 140 )

401. Anna orava a Deus ... ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 160 )

402. Pedro seguiu a Christo para vêr o fim ... ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 163 )

403. Já de ontem tenho lançado minha tenção. Ela vai a copiar a Ene... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 80 )

404. Ele ouviu a muitos, porém elegeu; se não por voto o seu ditame, e voto menos proporcionado à sua conveniência. ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 11 )

405. Alguns políticos bem informados e zelosos representaram a ElRei ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 144 )

406. Eu não cumprimentei ao novo Rei, como diz o gazeteiro, mas lhe fiz a minha reverência ... ( C. Brochado; séc. XVII; p.118 )

407. Quem deixa o deserto ordinariamente torna ao mundo; mas quem ama a meu Senhor Jesu Cristo, ainda metida no mundo, vive como no deserto;

- porque sem a vontade não há criaturas ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 169 )
408. Por isso, o profeta Jehu estranhou e repreendeu a el-rei Josafat de ser amigo de el-rei Achab ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 135 )
409. Aquele deveras ama a seu amigo que ama a Deus nesse amigo ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 135 )
410. **Chegou esta carta do Cabido ao tempo, que os Tapuias mataram ao Padre Manoel Moniz, e aos mais Padres ( A de Barros; séc. XVII;.p. 103 )**

Na ocorrência ( 2.100 : 400 ) o objeto é representado pelo nome Cristo precedido do modificador **mesmo** e do determinante **o**.

( 2.101 ) Variante não preposicionada

411. Que o pai de verdade ama o filho ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 66 )
412. Os Papas em suas Bullas tratão os Reys Portuguezes com extraordinarios favores, louvando suas empresas, seu zelo, suas vitorias ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 138 )
413. Pigmalion matou o seu cunhado Siqueu ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 155 )
414. Os Juizes Castelhanos julgavaõ, e sentenceavaõ os Portuguezes, que se achavaõ em Castella ... ( M. da Costa; séc.XVII; p. 158 )
415. El-Rei despediu alguns Capelães e outros officiais por suspeitos de quietismo... ( C. Brochado; séc. XVII; p. 34 )
416. O senhor Marquês Dom Álvaro hospedou a tia; Sua Excelência hospedou o sobrinho; Vossa Senhoria vira hospedar o irmão ... ( C. Brochado; séc. XVII; p. 75 )

As mesmas condições observadas na formação do acusativo preposicionado quanto à natureza dos objetos nas estruturas transitivas de ordens V S O / V O são verificadas nas variantes preposicionadas em ( 2.100 ). Também nestas ocorrências, os objetos são representados por sintagmas com e sem determinante, na condição de nomes de pessoas e títulos.

Na ocorrência da variante não preposicionada em ( 2.101 : 413 ), o objeto nome de membro de família precedido de pronome possessivo é realizado com determinante.

No contexto de orações declarativas raízes de ordem S V O, os dados referentes a esses autores indicam ocorrências de acusativo preposicionado em estruturas de mini-orações projetadas nas ordens [ suj + pred ] e [ pred + suj ].

( 2.102 ) Variante preposicionada

417. Os Franceses têm por Senhor a Paris ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 260 )
418. ... que eu miseravel peccador vi com estes olhos indignos a nosso Senhor Jesu Christo estendido na Cruz ... ( A Brandão; séc. XVI; p. 48 )
419. Saül condenou tantas vezes à morte a David ... ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 156 )



420. Ainda eu considero mais descansado a David ... ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 211 )
421. **El-Rei nomeou por general daquela guerra ao mesmo Tristão de Mendonça e por segundo-cabo a Dom Francisco. ( A. Chagas; séc. XVII; p. 135 )**
422. A natureza dotou a Vossa Excelência de uma alma grande, superior a todas as adversidades ... ( A. Gusmão; séc. XVII; p. 136 )

Nesta configuração o acusativo preposicionado é encontrado nos dados desses autores com frequência elevada de ocorrência em orações optativas com os verbos **guardar** e **servir**.

Neste contexto, encontramos ocorrências da variante não preposicionada nos dados de Alexandre Gusmão.

Também são os dados de Alexandre Gusmão que indicam uma ocorrência de estrutura acusativa no contexto de oração optativa em configuração diferente das formas congeladas dos finais de cartas.

( 2.103 ) Variante preposicionada

423. Nosso Senhor guarde a Vossa Excelência muitos anos. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 3 ).
424. Deus guarde a Vossa Excelência como desejo e o nosso reino há mister. ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 80 )
425. Ele guarde a Vossa Mercê como desejo. ( F. Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p.163 )
426. Deus guarde a Vossa Mercê como desejo. ( A. Chagas; séc. XVII; p. 3 )
427. Este Senhor guarde a Vossa Mercê como desejo. ( A Chagas; séc. XVII; p. 5 )
428. Deus guarde a Vossa Senhoria muitos anos. ( C. Brochado; séc. XVII; p. 19 )
429. Deus guarde a Vossa Ilustríssima Reverendíssima ( A Gusmão; séc. XVII; 27 )

( 2.104 ) Variante não preposicionada

430. Deus guarde Vossa Senhoria Reverendíssima ... ( A. Gusmão; séc. XVII; p. 32 )
431. ... posto que com a mesma tolerância, que Sua Majestade proteja os seus vassallos interessados no mesmo comércio ... ( A Gusmão; séc. XVII; p. 54 )
432. Deus guarde Vossa Mercê muitos anos. ( A. Gusmão; séc. XVII; p. 85 )

Encontramos nas Cartas e nos Sermões de Vieira ocorrências de acusativo preposicionado formado em orações completivas de ordem S V O. Nestas ocorrências, os objetos são representados, respectivamente, por nomes de pessoas precedidos de título de função religiosa e o nome Deus.

( 2.105 ) Variante preposicionada

433. Com êste aviso dos padres chegou outro, de que o Padre António Ribeiro deixara na serra ao Padre Pedro Pedrosa ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 475 )
434. ... que importa é que El-rei premeie ao Padre frei Francisco como merece ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 158 )
435. Foi necessario que o Propheta consultasse a Deus ... ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 207 )

Nestes textos, a variante não preposicionada também é formada com objetos representados., respectivamente, por um título de função religiosa e pelo título El – Rei não seguidos de nome de pessoa.

( 2.106 ) Variante não preposicionada

436. Aqui nos dizem que o Ouvidor do Maranhão prendera o Bispo ... ( C. Brochado; séc. XVII;p. 66 )
437. É, pois, de última necessidade que El-Rei Nosso Senhor nomeie hoje êstes três Ministros ... (C. Brochado; séc. XVII; p. 114 )

No contexto de ordem S V O, encontramos ocorrências de acusativo preposicionado formadas em orações adverbiais no texto de Bernardo de Brito e nos Sermões de Antonio Vieira.

Uma ocorrência da variante não preposicionada é assinalada nos Sermões de Vieira.

( 2.107 ) Variante preposicionada

438. **... quando Jochabeth, molher de Amram, pario a Maria irmã de Moyses, a quem puserão seus Pays este nome ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 200 )**
439. Quando o Senhor chamou a Pedro e os demais ... (A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 202 )

**( 2.108 ) Variante não preposicionada**

440. Quando o Padre ab æterno gera o Filho, gera-o por puro acto de entendimento, sem intervenção ainda da vontade: quando o Padre e o Filho produzem o Espirito Santo, produzem-no por acto da vontade ... (A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p.151 )

Incluo no contexto de ordem S V O as estruturas acusativas formadas em orações relativas.

Neste contexto, os dados de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII apresentam freqüência elevada de ocorrência de acusativo preposicionado.

( 2.109 ) Variante preposicionada

441. ... todos criados da mesma casa, onde se acharam sempre em grande cópia espíritos que honrem a Marte e engrandeçam a Minerva ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI;

p. 89 )

442. ... que admirados do intimo affeito, com que o povo acclamava a Sua Magestade. ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 11 )
443. ... porque o sobrinho, que excluía a seu tio, ou tia, por representação de melhor gráo, ou melhor sexo, muito melhor excluirá a seus primos filhos do tal tio, pois são já mais remotos, e não pôdem representar couza, que a outro não tenha já vencido. ( M. da Costa; séc. XVII; p. 30 )
444. Aristoteles, que sempre contradiz a seu Mestre Plataõ ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 167 )
445. ... com que o duque seu pai socorria a alguns fidalgos pobres .. ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 29 )
446. E depois, falando do anjo que soltou a São Pedro aprisionado por Herodes ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 49 )

### 2.3.2.5 Ordem V O S

Este é um contexto categórico de formação do acusativo preposicionado no português da segunda metade do séc. XVI e séc. XVII. Não há, nos dados dos autores nascidos naquele período, ocorrências da variante não preposicionada de estrutura acusativa realizada nesta ordem.

Embora este seja um contexto categórico de formação do acusativo preposicionado, ele não é de uso comum no português clássico. Nesta configuração, encontramos ocorrências de acusativo preposicionado nos dados de Luís de Sousa e F. Rodrigues Lobo, autores nascidos no séc. XVI e no texto de André de Barros, nascido no séc. XVII.

Nestas ocorrências de acusativo preposicionado, os objetos são representados, respectivamente, por títulos seguidos ou não de nomes de pessoas, e pronome de tratamento.

( 2.110 ) Variante preposicionada

447. Guiavam ao Arcebispo a abadessa ou regente e outra religiosa ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p.163 )
448. Com a mesm a confiança busca a Vossa Excelência esta côrte na aldeia ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 1 )
449. **Assombrou ao Padre VIEIRA esta novidade ... ( A. de Barros; séc.XVII; p. 65 )**
450. **Presidiu a todos o Duque de Aveiro ... ( A. de Barros; séc. XVII; p. 97 )**
451. ... que fazia ao Cardeal o Padre ANTÓNIO VIEIRA ... (A. de Barros; séc. XVII; p. 31 )
452. **No mesmo ponto, em que se despedira a licença, entraram a visitar ao Capitão mor as duas pessoas de maior posto, e autoridade da terra; e como acharam presente ao Padre VIEIRA ... ( A. de Barros; séc. XVII; p. 103 )**

### 2.3.3 O uso do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos no séc. XVIII

Nos textos dos autores nascidos no séc. XVIII, observamos um comportamento lingüístico diferente do comportamento verificado nos textos dos autores nascidos entre 1556 e 1675. Nestes textos, o acusativo preposicionado tem freqüência menor de ocorrência do que a forma variante não preposicionada.

Este resultado fica por conta da freqüência menor de ocorrência de estruturas acusativas formadas nas configurações ( X ) V S O / V S O; O V S / O V.

A freqüência menor de ocorrência do acusativo preposicionado nestes textos se deve também ao fato de que objetos com o estatuto de nomes de pessoas e pronomes de tratamento deixam de ser fatores categóricos de formação do acusativo preposicionado. Nos dados desses autores, objetos dessa natureza são encontrados formando o acusativo preposicionado e não preposicionado, tendo a variante não preposicionada freqüência maior de ocorrência.

#### 2.3.3.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O

Nestas configurações, encontramos nos dados de autores nascidos no séc. XVIII estruturas acusativas formadas em orações declarativas raízes e estruturas gerundivas .

No contexto de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas de ordem V S O, encontramos ocorrências de acusativo preposicionado nos textos de Cavaleiro de Oliveira, Correia Garção e Marquesa de Alorna. Nestas ocorrências, os objetos são nomes de pessoas sem determinante e pronomes de tratamento em terceira pessoa.

( 2.111 ) Variante preposicionada

453. ... acho-me muito disposto a crer que, aborrecendo Horácio a Canídia ...  
( C. de Oliveira; séc. XVIII; p 71 )
454. Levantando Natan a Mitridates, o abraçou carinhosamente ... ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 194 )
455. Assim imita Virgílio a Homero na sua *Eneida*; assim imita a Teócrito na sua *Bucólica*. Assim imitou Camões a Virgílio; António Ferreira a Horácio; Sófocles a Teócrito; Bion a Mosco. ( C. Garção; séc. XVIII; p. 135 )
456. ... quando eu tenho a certeza que, se a sua alma de Vossa Excelência estivesse no grau de elevação da alma do Patriarca e da minha, acharia Vossa Excelência a Sua Alteza como nós o achamos – heróico, justo e generoso ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 154 )

Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas no texto de Correia Garção, nascido em 1724, e no texto *Viagem na Minha Terra*, de Almeida Garrett, nascido em 1799.

Nestas ocorrências, os objetos têm o estatuto, respectivamente, de nome comum e título não especificado por nome de pessoa.

( 2.112 ) Variante não preposicionada

457. Assim amparou o Céu a Sacratíssima Pessoa de Vossa Magestade ...  
( C. Garção; séc. XVIII; p.158 )
458. Formou Deus o homem ... (A Garret; Viagem na Minha Terra;  
séc. XVIII; p. )
459. Mas em que distrito daquelas regiões acharei eu o primeiro ministro de  
el-rei Dom José? ( A. Garrett; Viagem na Minha Terra; séc. XVIII; p. )

2.3.3.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O

**No texto de C. de Oliveira e no texto Viagem na Minha Terra, de A. Garrett, encontramos ocorrências de acusativo preposicionado na configuração ( X ) V O / V O. Estas estruturas são formadas no contexto de orações imperativas.**

( 2.113 ) Variante preposicionada

460. Imitai ao filósofo no mais. ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p 83 )
461. **Joana, acuda a sua avó que não está boa”.** ( A. Garrett;  
**Viagem na Minha  
Terra; séc. XVIII; p. )**

**Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas nos dados de C. de Oliveira e J. Daniel Rodrigues da Costa.**

( 2.114 ) Variante não preposicionada

297. Escutai Ovídio. Não, creiais, diz ele, determinar uma mulher a que vos  
ame dando-lhe um filtro. ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p 72 )
298. Cale-se, mana. Não aflija o pai. ( J. Daniel Rodrigues da Costa;  
séc. XVIII; p. 149 )

**Estas ocorrências de estruturas acusativas indicam uma situação inversa da situação mostrada na formação do acusativo preposicionado nos dados de autores nascidos nos séculos precedentes. Objetos com o estatuto de nome comum formam o acusativo preposicionado no contexto**

**de orações imperativas enquanto que objeto nome próprio de pessoa sem determinante é realizado na forma não preposicionada.**

**Nas configurações ( X ) V O / V O, o acusativo preposicionado também é formado nos dados referentes a autores nascidos no séc. XVIII no contexto de orações com os verbos de controle querer e poder.**

Estas ocorrências são assinaladas nos dados de C. de Oliveira, M. de Alorna e J. Daniel Rodrigues da Costa. Os objetos dessas estruturas de acusativo preposicionado são representados, respectivamente, por nome de pessoa sem determinante e pronomes de tratamento.

( 2.115 ) Variante preposicionada

299. Perguntou-lhe Mitridates se poderia ver a Natan ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 182 )

300. ... se ainda posso instruir a Vossa Excelência da parte moral ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 38 )

301. ... como homem que pode servir a Vossa Majestade, porque se tem aplicado à economia política ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 74 )

302. **Não quero mortificar a Vossas Mercês com o seu extracto ( J. Daniel Rodrigues da Costa; séc. XVIII; p. 59 )**

A variante não preposicionada é concomitantemente formada nos dados desses mesmos autores e nos dados de C. Garção e M. de Alorna.

Nestas ocorrências da variante não preposicionada, os objetos são representados por nomes próprios títulos e também por nome de pessoa sem determinante

( 2.116 ) Variante não preposicionada

303. ... e se eu pudesse ver agora a Madre Deus ... ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 82 )

304. ... talvez lá como em Roma, que eu torcia as orelhas, e não me deitavam sangue, por não ter querido servir o Senhor Visconde de Vila Nova ... ( A Costa; séc. XVIII; p. 106 )

305. Muitos, querendo imitar Virgilio, fazem uma má tradução desta ou daquela imagem de tão grande poeta; e escravos de suas palavras não passam de tradutores. ( C. Garção; séc. XVIII; p. 133 )

306. ... que dois homens como o Manuel Francisco e João Diogo podem constantemente enternecer e enganar o Príncipe ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 105 )

307. Se é verdade que pude vencer o Marquês de Ponte de Lima ao ponto de olhar para a verdade e abraçar tão vivamente as vontades de Vossa Alteza Real ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 102 )

Os dados do Teatro de A. Garrett, apresentam uma ocorrência de acusativo preposicionado neste contexto com nome comum precedido do artigo indefinido **um**.

( 2.117 ) Variante preposicionada

308. Terei muito gosto de poder servir e ajudar a um companheiro nos trabalhos litterarios ( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. 142 ).

## **O acusativo preposicionado é formado em textos de autores nascidos no séc. XVIII em orações completivas projetadas nas ordens ( X ) V O / V O.**

Encontramos no texto de Diogo Ignacio de Pina Manique, nas Cartas e no Teatro de Almeida Garrett, ocorrências de acusativo preposicionado neste contexto com objetos representados, respectivamente, por pronomes de tratamento em segunda e terceira pessoas e nome de pessoa sem determinante.

( 2.118 ) Variante preposicionada

309. ... para ter o gosto de servir a Vossa Senhoria eu mando partir sem demora alguma o Ajudante do Castello ( D. Ignacio de Pina Manique; séc. XVIII; p. 61 )

310. No proprio dia em que sahi de Bruxellas para ter a honra de acompanhar a Sua Alteza Real o Principe Dom Augusto ... ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 116 )

311. Não tenho certeza de incontrar a Vossa Excelência ésta tarde ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 39 )

312. Meu pae é que o não entende assim: e eu não sei como hei de avisar a Duarte. ( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p.7 )

313. Muita satisfação de vêr a vossa senhoria em Lisboa. ( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. 25 )

Nas Cartas e no Teatro de A. Garrett, encontramos ocorrências da variante não preposicionada formadas neste contexto. Nestas ocorrências, os objetos são representados por pronomes de tratamento em segunda e terceira pessoas.

( 2.119 ) Variante não preposicionada

314. ... prompto em que eu tenha a fortuna de encontrar Vossa Excelência ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 49 )

315. Muito gosto tenho em conhecer sua mercê; e desejo que Deus o ajude em todas as suas obras. ( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. 114 )

A presença de estrutura acusativa com e sem preposição com objeto pronome de tratamento nos dados desse autor indica uma mudança de comportamento lingüístico em relação ao comportamento lingüístico dos autores nascidos entre 1556 e 1675, apresentados acima.

Nos dados daqueles autores, objeto com o estatuto de pronome de tratamento é contexto categorico de formação do acusativo preposicionado. Nos dados de A. Garret, pronome de tratamento é contexto de

variação.

Com objetos pronomes de tratamento em segunda pessoa, os dados de Cavaleiro de Oliveira, nascido em 1702, também apresentam ocorrências de acusativo preposicionado no contexto de orações completivas com sujeito não expresso. Estas ocorrências de acusativo preposicionado são formadas em estruturas de mini - orações de ordem [ suj + pred ].

( 2.120 ) Variante preposicionada

316. Talvez que se julguem muitos deles com as qualidades do pássaro, aspirando a servirem a Vossa Mercê no seu lugar. ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p 13 )
317. ... sendo certo que teríamos a Vossa Mercê por insensível. ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p 13 )

Nas Cartas de Garrett, encontramos ocorrências de acusativo preposicionado no contexto de orações completivas com objetos representados, respectivamente, por nome de membro de família precedido de pronome possessivo e seguido de nome de pessoa, e nome comum precedido do artigo indefinido **um**.

( 2.121 ) Variante preposicionada

318. ... tem o maior desejo em conhecer a sua prima Maria ... ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 132 )
319. Terei muito gosto de poder servir e ajudar a um companheiro nos trabalhos litterarios ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 142 ).

Os dados de Antonio Costa e Marquesa de Alorna apresentam ocorrências da variante não preposicionada com objetos representados por títulos, seguidos ou não de nome de pessoa.

( 2.122 ) Variante não preposicionada

320. Mercia, Maria, Marselhac – , me disse que vira em Gibraltar a bordo de um navio turco o padre João de Almeida ... ( A Costa; séc. XVIII; p. 36 )
321. ... não pode perder-se ocasião de servir os nossos Príncipes ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 137 )

No contexto de ordens ( X ) V O / V O, encontramos nos dados referentes aos autores nascidos no séc. XVIII ocorrências de estruturas acusativas sem preposição formadas em estruturas causativas.

Não há registro nesses dados da variante preposicionada formadas neste tipo de oração.

( 2.123 ) Variante não preposicionada

322. ... muitas vezes se põem os músicos assentados entre cena e cena, a verem representar



- os outros ... ( A Costa; séc. XVIII; p. 63 )
323. ... e que faça esquecer a gente do que está vendo ... (A Costa; séc. XVIII; p. 66 )
324. ... assim se ouve gritar Clitemnestra, quando é ferida por Oreste ...  
( C. Garção; séc. XVIII; p. 115 )
325. Grande felicidade é a minha se consigo ver tourear o meu filho e ver as  
minhas filhas damas de um teatro, ganhando para os seus alfinetes.  
( J. Daniel Rodrigues da Costa; séc. XVI; p.78 )
326. E agora busco o recreio da sua casa, para nela ter o gosto de ouvir cantar  
as meninas ... ( J. Daniel Rodrigues da Costa; séc. XVI; p. 84 )
327. A velha estremeceu, mas tornou logo a si, fez sair as crianças que  
brincavam ao pé dela ... ( A. Garrett; Viagem na Minha Terra; séc. XVIII; p. )

No contexto de ordem V O, encontramos uma ocorrência de acusativo preposicionado formado em oração adverbial no Teatro de Garrett. Nesta estrutura de acusativo preposicionado, o objeto é um pronome de tratamento em terceira pessoa.

( 2.124 ) Variante preposicionada

328. Sou capitão de ordenanças, á falta d'elles, para servir a sua mercê. ( A.  
Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )

Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas no texto de M. de Alorna e no texto Viagem na Minha Terra, de Garrett.

( 2.125 ) Variante não preposicionada

329. ... pela sua mão é que deveriam passar as somas, e seja a minha vida e a  
de meus filhos a hipoteca, se tanto é preciso, para servir o Príncipe – único e  
sagrado objecto de todo o meu zêlo. ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 120 )
330. Tomara que o Céu deparasse alguém mais hábil que eu para servir bem o  
Príncipe e a causa justa da Monarquia ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 157 )
331. Saímos a visitar o nosso bom amigo, o velho D ... (A Garrett; Viagem na  
Minha Terra; séc. XVIII; p. )

### 2.3.3.3 Contextos de ordens O V S / O V

Dos autores nascidos no séc. XVIII, apenas Matias Aires e Almeida Garrett, apresentam ocorrências de acusativo preposicionado nestas configurações. Nestas ocorrências, os objetos são representados, respectivamente, por quantificadores , nomes quantificados e o nome Deus.

( 2.126 ) Variante preposicionada

332. Aos outros Reis servem os homens por força do preceito; a Vossa  
Majestade servem por obrigação da lei, e também por obrigação do amor  
( M. Aires; séc. XVIII; p. 4 )
333. ... a ninguém se obriga a que prometa ... ( M. Aires; séc. XVIII; p. 54 )
334. A todos sustenta a terra ... ( M. Aires; séc. XVIII; p. 59 )

335. Irmã Francisca, a Deus não se engana. ( A. Garrett; Viagem na Minha Terra; séc. XVIII ; p. )

Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas no texto de C. de Oliveira e no Teatro de Garrett.

Nestas estruturas acusativas, os objetos são representados, respectivamente, por um nome comum quantificado e pelo pronome demonstrativo **este**.

( 2.127 ) Variante não preposicionada

336. Dois dignos vassalos escolheu o soberano para lhe sucederem nos empregados. ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 98 )

337. Este conheço eu; este é dos nossos ... ( A Garrett; Viagem na Minha Terra; séc. XVIII; p. )

Nesta configuração, encontramos nos dados de M. Aires uma ocorrência de acusativo preposicionado formada em oração optativa com o verbo **guardar**.

( 2.128 ) Variante não preposicionada

338. A real pessoa de Vossa Majestade guarde Deus infinito anos. ( M. Aires; séc. XVIII; p. 5 )

### 2.3.3.4 Contexto de ordem S V O

Os dados de autores nascidos no séc. XVIII apresentam ocorrências de acusativo preposicionado formado em orações raízes e encaixadas projetadas nesta ordem.

Encontramos ocorrências de acusativo preposicionado no contexto de orações declarativas raízes nos dados de D. Ignacio da Pina Manique e M. de Alorna. Nestas ocorrências, os objetos são pronomes de tratamento em segunda pessoa.

( 2.129 ) Variante preposicionada

339. **... eu que sinceramente Amo a Vossa Senhoria ( D. Ignacio da Pina Manique; séc. XVIII; p. 106 )**

340. Inglaterra sustenta a Vossa Alteza Real como necessita ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 186 )

**No contexto de orações declarativas raízes de ordem S V O, os dados de C. de Oliveira e Matias Aires apresentam ocorrências de acusativo preposicionado formadas em estruturas de mini-orações com objetos representados pelo nome Deus, nome próprio título de função e nomes comuns.**

( 2.130 ) Variante preposicionada

341. Eu vi a Deus pelos pés, quando vi que a princesa me dava a mão para a conduzir ao coche ... ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 3 4 )
342. Autor do mundo fez ao homem sobre uma mesma ideia uniforme ... ( M. Aires; séc. XVIII; p. 34 )
343. ... ninguém adora ao homem por entendido, e à mulher todos a idolatram por formosa ... ( M. Aires; séc. XVIII; p. 50 )
344. Os antigos pintaram ao amor cego. ( M. Aires; séc. XVIII; p. 83 )
345. Diodoro trata de fabulista aos Escritores. ( M. Aires; séc. XVIII; p. 163 )

Outros dados indicam neste contexto ocorrências da variante não preposicionada com objetos nomes de pessoas, nomes próprios títulos e nomes comuns, inclusive em estruturas de mini-orações.

( 2.131 ) Variante não preposicionada

336. Medeia matou os próprios filhos para se vingar dos ciúmes que tinha de seu marido ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 44 )
337. Clitemnestra, para se gozar de Egisto, matou seu marido Agamémnon, rei vitorioso de Tróia, ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p 63 )
338. Outros tomam por Amazonas uns exércitos de homens comandados por mulheres (M. Aires; séc. XVIII; p. 166 )
339. Os Reis são os que glorificam os homens, isto é os que os enobrecem; e desta sorte recebem a Nobreza por graça, e não por sucessão; por favor, e não por herança ... ( M. Aires; séc. XVIII; p. 177 )
340. Vossa Mercê repararia em eu meter no rol Tomás Cipriano... (A Costa; séc. XVIII; p. 51 )
341. Eu conheço muitas que não sabem, por seus pecados, nem ler nem escrever; outras que, sendo muito estimáveis e de qualidades pessoais excelentes, são uma miséria ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 6 )
342. Quem serve por êste modo o Príncipe, merece ao menos que lhe aceitem os serviços. (M. de Alorna; séc. XVIII; p. 172 )
343. O Patriarca avisará a Condessa de Oeynhausen ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 173 )
344. **Santa Iria resolveu consolar o pobre Britaldo ... (A Garret; séc. XVIII; p. )**
345. Tu amas outra mulher. (A Garret; séc. XVIII; p. )
346. O falso Deus adora o verdadeiro! ( Garret; séc. XVIII; p. )

Nestas ocorrências, temos objetos não preposicionados representados por nome de membro de família precedido de pronome possessivo e sem determinante, nome de pessoa sem determinante, nome de pessoa com determinante e precedido de modificador.

Nesta configuração, os dados de autores nascidos no séc. XVIII apresentam freqüência elevada de ocorrências de expressões formuláicas das despedidas de cartas.

( 2.132 ) Variante preposicionada

336. Deus guarde a Vossa Senhoria de andar no estado em que se acham quase todos os seus contrários ... ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p 132 )

337. ... e que Deus guarde a Vossa Excelência como desejo e preciso. ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 9 )

338. Deus guarde a Vossa Excelência. ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 1 )

Os dados de Marquesa de Alorna, nascida em 1750, apresentam uma ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de oração completiva na ordem S V O. Nesta ocorrência, o objeto é um pronome de tratamento em segunda pessoa.

( 2.133 ) Variante preposicionada

339. ... que o meu coração puro e fiel merece a Vossa Alteza Real mesmo ..

( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 123 )

340. Alguém procurará mais a Vossa Senhoria sobre este negócio ( A. Garrett;

Cartas; séc. XVIII; 73 )

( 2.134 ) Variante não preposicionada

341. Para o poeta chegar a este fim não é preciso que Medea diante do povo

despedace os filhos; que Atreu preprasse a nefanda ceia ... (C. Garção;

séc. XVIII; p. 109 )

342. Debaixo do maior segrêdo revelo ... que esta concordância da Espanha

está quási obtida; que o Príncipe da Paz acolheu com grande estima o General-em-Chefe. (

M. de Alorna; séc. XVIII; p. 171 )

Os dados de D. Ignacio da Pina Manique e M. de Alorna apresentam ocorrências de acusativo preposicionado no contexto de orações relativas. Não encontramos este tipo de ocorrência nos dados dos outros autores nascidos no séc. XVIII.

( 2.135 ) Variante preposicionada

343. Vossa Senhoria pode supor de hum Pay que ama a seus filhos o quanto

lhe sera sensível queira ( D. Ignacio Pina Manique; séc. XVIII; 120 )

344. ... e outro é que Vossa Alteza Real nomeie um homem que sirva a Vossa

Alteza Real e não a si.... ( M. de Alorna; séc. XVIII; 125 )

### **2.3.4 O uso do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos no séc. XIX**

A pesquisa mostra que a mudança observada nos textos dos autores nascidos no séc. XVIII de não formação de estruturas transitivas projetadas nas ordens ( X ) V S O / V S O; O V S / O V; V O S é acentuada nos textos dos autores nascidos no séc. XIX. Os dados referentes a autores nascido naquele período apresentam restritas ocorrências de estruturas acusativas formadas em orações de ordens V S O / V O.

#### **2.3.4.1 Contextos de ordens ( X ) V S O / V S O**

Nestes textos, não há formação do acusativo preposicionado no contexto de orações de ordens ( X ) V S O / V S O.

Ocorrências da variante não preposicionada são assinaladas nos dados de M. da Fronteira e d'Alorna. Nestas estruturas acusativas, os objetos são representados, respectivamente, por nome comum no plural e por nome comum quantificado.

( 2.136 ) Variante não preposicionada

345. Acautela ele os maridos ... ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 49 )  
346. Tínhamos nós então duas velhas creadas dos nossos quartos, Quiteria Rosa e Sebastiana Maria ... ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 53 )

#### 2.3.4.2 Contextos de ordens ( X ) V O / V O

**Nestas configurações, encontramos uma ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de oração declarativa raiz. Esta estrutura de acusativo preposicionado é formada na ordem V adv O. O elemento adverbial realizado entre o verbo e o objeto tem o estatuto de advérbio de modo. O objeto é representado pelo título ElRei seguido de nome de pessoa. Não há presença nestes dados da variante sem preposição.**

#### ( 2.137 ) Variante preposicionada

347. ... vi que no preambulo calumniava indignamente a ElRei D. João VI e aos fidalgos ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 84 )

Neste contexto, os dados de Ramalho Ortigão apresentam ocorrências da variante sem preposição. Nestas ocorrências, o advérbio, realizado entre o verbo e o objeto, tem o estatuto de advérbio de **tempo**. Os objetos dessas construções são representados, respectivamente, por título de nobreza e nome de pessoa com determinante.

( 3.138 ) Variante não preposicionada

348. Vi de novo a Condessa de Paço de Lumiar. ... ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 132 )  
349. Vi ontem o José ... ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 143 )

**Nestas configurações, encontramos ocorrências de acusativo não preposicionado no contexto de orações imperativas. Nestes dados, não há registro da variante preposicionada.**

**As ocorrências de estruturas acusativas no contexto de orações imperativas são assinaladas nos dados de M. da Fronteira e d'Alorna e C. Castelo Branco.**

#### ( 3.139 ) Variante não preposicionada

350. Chamem o frade ... ( M. de Fronteira e Alorna; séc. XIX; p. 9 )  
351. Não mate o homem, senhor João! - disse o filho do corregedor. ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )  
352. Deixe-me deitar na terra, e vá chamar o Senhor vigário para me absolver. ( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. )

Na configuração V O, os dados de Ramalho Ortigão indicam uma ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de oração completiva. Esta estrutura de acusativo preposicionado é formada com o verbo **servir**. O objeto é um nome comum quantificado.

( 3.140 ) Variante preposicionada

353. Basta dizer que tem constantemente na gare dois criados, com a libré do hotel agaloada de prata e o bonet com um grande letreiro a ouro, encarregados de servir aos hóspedes ... ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 145 )

**Encontramos nos dados de M. da Fronteira e d'Alorna, uma ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de verbo causativo formada em estrutura de mini-orção de ordem [ pred + suj ].**

Seus dados também indicam uma ocorrência da variante não preposicionada, realizada em estrutura de mini-orção projetada nesta mesma ordem.

( 2.141 ) Variante preposicionada

354. ... fez com que Sua Magestade nos nomeasse por tutor ao **Desembargador José Guilherme de Miranda ...** ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 68 )

( 2.142 ) Variante não preposicionada

355. ... fizesse nomear para tutor de seus sobrinhos José Guilherme de Miranda, a intelligencia mais limitada que tem havido na Relação de Lisboa!. ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. )

**Estas estruturas acusativas refletem um procedimento diferente do procedimento verificado nos dados de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII. Nestas duas ocorrências, objeto com o estatuto de nome de pessoa sem preposição não é fator de inserção da preposição em estrutura de mini-orção de ordem [ pred + suj ], enquanto que objeto representado por nome de pessoa precedido de título de função o é.**

**Podemos observar que os ambientes de formação dessas duas variantes são diferentes. Na variante preposicionada, o predicado da mini-orção tem natureza adjetiva. O predicado da mini-orção da variante não preposicionada é representado por um sintagma preposicional de natureza adverbial.**

Nos dados dos autores nascidos no séc. XIX , as únicas ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado no contexto de orações adverbiais são formadas com pronomes de tratamento.

Estas ocorrências são assinaladas nos dados de M. da Fronteira e d'Alorna. Nestas estruturas de

acusativo preposicionado, os objetos são representados, respectivamente, por pronome de tratamento de segunda e terceira pessoas.

( 2.143 ) Variante preposicionada

356. Para defender a Vossa Alteza ... ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 112 )

357. ... e sobre a estrada de Mafra o de cavalaria de Alcantara para escoltar a Sua Alteza ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 31 )

Este mesmo autor apresenta ocorrências da variante não preposicionada com pronome de tratamento em terceira pessoa.

( 2.144 ) Variante não preposicionada

358. Logo que avistei Sua Alteza, tremi de mêdo... ( M. da F. e d'Alorna; séc. XIX; p. 9 )

359. ... e corre a Queluz para informar Sua Alteza de que a diligencia estava ultimada com o melhor exito. ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 16 )

Não sendo pronomes de tratamento, objetos de outra natureza são encontrados apenas na variante não preposicionada.

( 2.145 ) Variante não preposicionada

360. .. o castelhano que entrou em Portugal a servir el-rei Dom Fernando ... ( C. Castelo Branco; séc. XIX; p. )

361. ... só me recordo do grande prazer que tive quando tornei a vêr meus irmãos ... ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 10 )

362. ... entendeu que a circumstancia mais oportuna para abandonar o seu Rei e as suas bandeiras .. ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p. 85 )

363. ... em que tinhamos andado por alguns annos de ir á Junqueira vêr nossa irmã, á Calçada da Gloria vêr nossa tia Castello Melhor ... ( M. da Fronteira e d' Alorna; séc. XIX; p. 79 )

### 2.3.4.3 Contexto de ordem S V O

Nos dados referentes aos autores nascidos no séc. XIX, não há ocorrências de acusativo preposicionado em orações de ordem S V O.

Nesta ordem configuracional, os dados desses autores apresentam apenas ocorrências da variante não preposicionada, seja em orações declarativas raízes e encaixadas de qualquer natureza.

( 2.146 ) Variante não preposicionada

364. O vigário recusou-se e avisou Cristóvão de Queiroz, pai do cadete.

( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. ).

365. O general estreitou ao peito o padre Bento, beijou-lhe as cãs ...  
( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. ).
366. O vigário de Santa Marinha também avisou Cristóvão de Queiroz do  
suicídio da rapariga ( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. ).
367. O general ouvira apenas a toada confusa das fortes razões que o  
inofensivo reitor de Santo Aleixo queria o Senhor Dom Miguel. ( C. Castelo  
Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. ).
368. Eu nunca imaginei conquistar ninguém. Nunca me meti a desencaminhar  
ninguém. ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 84 )
369. Eu não conheço o Faria, nunca o vi ... ( E. de Queiróz e O. Martins;  
séc. XIX; p. 76 )
370. ... que não vêm de Bernardo del Carpio - o qual matou o rei dos  
Longobardos em Itália ... ( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. )
371. ... castelhano que entrou em Portugal a servir el-rei Dom Fernando ...  
( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. )

## 2.4 Quantificação dos dados

A frequência de ocorrência do acusativo preposicionado do português clássico de acordo com a ordem dos constituintes oracionais e a natureza do objeto apresenta o resultado que indico nas tabelas abaixo :

Tabela I : Ocorrências de acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI

<b>Dados de autores nascidos entre 1502 – 1542</b>	
<b>Ordem</b>	<b>Ordem &amp; natureza do objeto</b>



	Nome de pessoa	Nome próp título	Nome Deus e Cristo	Pron de tratam	Quantificador	Nome quantific.	Nome Comum	Total
<b>V SO</b>	0,0 % ( 0/9 )	80,0 % ( 5 / 6 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/2 )	0,0 % ( 0/3 )	25,0 % ( 5/20 )
<b>VO</b>	9,1 % ( 7 / 77 )	17,7 % ( 14 / 79 )	100,0 % ( 2/2 )	0,0 % ( 0/0 )	16,6 % ( 2/12 )	14,2 % ( 2 / 14 )	8,3 % ( 2/24 )	13,9 % ( 29/208 )
<b>OV(S)</b>	0,0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 1/1 )	100,0 % ( 1/1 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 1/1 )	100,0 % ( 3/3 )
<b>SVO</b>	10,0 % ( 1/10 )	20,0 % ( 3/15 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/1 )	0,0 % ( 0/3 )	0,0 % ( 0/1 )	0,0 % ( 0/4 )	11,8 % ( 4 / 34 )
<b>VOS</b>	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0 / 0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )
<b>Total</b>	8,3 % ( 8/96 )	22,7 % ( 23/101 )	100,0 % ( 3/3 )	0,0 % ( 0/1 )	13,3 % ( 2/15 )	11,7 % ( 2/17 )	9,3 % ( 3/32 )	

Tabela II : Ocorrências de acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII.

<b>Dados de autores nascidos entre 1556 – 1695</b>								
<b>Ordem</b>	<b>Ordem &amp; natureza do objeto</b>							
	Nome de pessoa	Nome próp título	Nome Deus e Cristo	Pron de tratam	Quantificador	Nome quantific	Nome Comum	Total
<b>V SO</b>	47,3 % ( 9/19 )	27,2 % ( 6/22 )	100,0 % ( 3 / 3 )	100,0 % ( 5/5 )	66,6 % ( 4/6 )	55,5 % ( 5/9 )	30,0 % ( 9/30 )	43,6 % ( 41/94 )
<b>VO</b>	94,3 % ( 84/89 )	49,3 % ( 72/146 )	47,6 % ( 123/126 )	97,0 % ( 97/100 )	65,7 % ( 23/35 )	10,8 % ( 5/46 )	33,6 % ( 66/196 )	63,6 % ( 470/738 )
<b>OV(S)</b>	75,0 % ( 6/8 )	100,0 % ( 9/9 )	100,0 % ( 10/10 )	100,0 % ( 3/3 )	90,9 % ( 10/11 )	85,7 % ( 6/7 )	80,0 % ( 12/15 )	88,8 % ( 56/63 )
<b>SVO</b>	63,6 % ( 14/22 )	60,7 % ( 17/28 )	100,0 % ( 15/ 15 )	92,3 % ( 12/ 13 )	72,7 % ( 8/11 )	66,6 % ( 4/6 )	50,0 % ( 4/8 )	71,8 % ( 74/103 )
<b>VOS</b>	0,0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 6/6 )	0,0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 1/1 )	100,0 % ( 1/1 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 8/8 )
<b>Total</b>	81,8 % ( 113/138 )	52,1 % ( 110/211 )	98,1 % ( 151/154 )	96,6 % ( 118/122 )	71,8 % ( 46/64 )	29,4 % ( 20/68 )	36,5 % ( 91/249 )	

Tabela III : Ocorrências de acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos no séc. XVIII

<b>Dados de autores nascidos entre 1702 – 1799</b>								
<b>Ordem</b>	<b>Ordem &amp; natureza do objeto</b>							
	<b>Nome de pessoa</b>	<b>Nome próp título</b>	<b>Nome Deus e Cristo</b>	<b>Pron de tratam</b>	<b>Quantificador</b>	<b>Nome quantific</b>	<b>Nome Comum</b>	<b>Total</b>
<b>V S O</b>	100,0 % ( 3/3 )	33,3 % ( 1/3 )	0, 0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 1/1 )	0,0 % ( 0/1 )	25,0% ( 1/4 )	0,0 % ( 0/5 )	35,2 % ( 6/17 )
<b>VO</b>	21,4 % ( 3/14 )	7,6 % ( 4/52 )	81,8 % ( 9/11 )	92,1 % ( 59/64 )	15,3 % ( 4/26 )	24,0 % ( 6/25 )	11,9 % (18/151)	30,1 % ( 103/343 )
<b>O V (S)</b>	0, 0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 1/1 )	100,0 % ( 1/1 )	0, 0 % ( 0/0 )	100,0 % ( 4/4 )	0,0 % ( 0/0 )	33,3 % ( 1/3 )	77,7 % ( 7/9 )
<b>S V O</b>	0,0 % ( 0/4 )	28,5 % ( 2/7 )	100,0 % ( 1/ 1 )	85, 7 % ( 6/7 )	0,0 % ( 0/1 )	0,0 % ( 0/4 )	29,1 % ( 7/24 )	33,3 % ( 16/48 )
<b>V O S</b>	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )
<b>Total</b>	28,5 % ( 6/21 )	12,6 % ( 8/63 )	84,6 % ( 11/13 )	91,6 % ( 66/72 )	25,0 % ( 8/32 )	21,2 % ( 7/32 )	14,2 % ( 26/183 )	

Tabela IV: Ocorrências de acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos no séc. XIX.

Dados de autores nascidos entre 1802 – 1845								
Ordem	Ordem & natureza do objeto							
	Nome de pessoa	Nome próp título	Nome Deus e Cristo	Pron de tratam	Quantificador	Nome Quantific	Nome Comum	Total
<b>V S O</b>	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/1 )	0,0% ( 0/4 )	0,0 % ( 0/5 )
<b>V O</b>	0,0 % ( 0/16 )	7,4 % ( 2/ 27 )	0,0 % ( 0/0 )	40,0 % ( 2/5 )	8,3 % ( 1/12 )	11,1 % ( 3/27 )	2,2 % ( 2/90 )	5,2 % (10/177)
<b>O V ( S )</b>	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % 0/0	0,0 % ( 0/0 )
<b>S V O</b>	0,0 % ( 0/12 )	0,0 % ( 0/15 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/5 )	0,0 % ( 0/4 )	0,0 % ( 0/11 )	0,0 % ( 0/47 )
<b>V O S</b>	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )	0,0 % ( 0/0 )
<b>Total</b>	0,0 % ( 0/28 )	4,7 % ( 2/42 )	0,0 % ( 0/0 )	40,0 % ( 2/5 )	5,8 % ( 1/17 )	9,13 % ( 3/32 )	1,9 % ( 2/105 )	

O resultado apresentado nas tabelas I e II indica haver evolução no uso do acusativo preposicionado do português da primeira metade do séc. XVI para o português da segunda metade daquele século e séc. XVII.

Os dados computados nas tabelas III mostram que o uso do acusativo preposicionado sofre acentuada diminuição no português do séc. XVIII.

A tabela IV indica que o acusativo preposicionado tem uso restrito no português do séc. XIX.

Conforme é indicado na tabela I, nos dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, no contexto de ordem V S O, o acusativo preposicionado apresenta 25,0 % de frequência.

Nesta ordem, acusativo preposicionado tem frequência maior de ocorrência do que a variante não preposicionada quando o objeto tem o estatuto de títulos de nobreza e função ( 80,0 % ). Com objetos nomes de pessoas, nomes comuns e nomes quantificados, a variante não preposicionada é a forma mais realizada.

Na ordem V O, com objetos representados por epítetos do nome Deus, apenas a variante preposicionada é formada. Sendo o objeto de outra natureza, a variante não preposicionada é a forma mais realizada.

Nesta ordem, o resultado indica uma frequência de 13,0 % de ocorrência de acusativo preposicionado.

Nas ordem O V ( S ) apenas a variante preposicionada é encontrada. Nestas ocorrências, os objetos são representados, respectivamente, por nome próprio título ( uma ocorrência ), um epíteto do nome Deus ( uma ocorrência ), nome comum ( uma ocorrência ).

Na ordem S V O, o acusativo preposicionado é realizado com objeto nome de pessoa sem determinante ( uma ocorrência ) e nomes próprios títulos ( três ocorrências ). Com objetos de outra

natureza, apenas a variante não preposicionada é formada. Neste contexto, o resultado indica 11,8 % de frequência de ocorrência de acusativo preposicionado neste contexto.

Não há formação de estruturas acusativas no contexto de ordem V O S nesses dados.

O resultado apresentado na tabela II, referente aos dados dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, indica que somente a variante preposicionada é formada no contexto de ordem V S O, com objetos pronomes de tratamento e os nomes Deus e Cristo. Não sendo objetos dessa natureza, há ocorrências das duas formas variantes de estruturas acusativas.

Neste contexto, o acusativo preposicionado tem frequência maior de ocorrência do que a variante não preposicionada quando o objeto tem o estatuto de quantificador (66,6 %) e nome quantificado ( 55,5 % ).

No contexto de estruturas acusativas de ordem V O, a variante preposicionada tem frequência maior de ocorrência do que a variante não preposicionada quando o objeto é representado por nome de pessoa sem determinante ( 94,3 % ), o nome Deus e/ou Cristo ( 97,6 % ), pronome de tratamento ( 97,0 % ) e quantificador ( 65,7 % ).

Com objetos representados por nomes próprios títulos, nomes quantificados e nomes comuns, a variante não preposicionada é formada com maior frequência.

Neste contexto, o resultado colocado na tabela II indica uma frequência de 63,6 % de ocorrência de acusativo preposicionado.

No contexto de ordem O V ( S ), apenas a variante preposicionada é formada quando o objeto é representado por pronomes de tratamento e os nomes Deus / Cristo. Com objetos de outra natureza, a variante preposicionada tem frequência maior de ocorrência. Os dados indicam uma frequência de 75,0 % com objetos nomes de pessoas, 90,9 % com objetos quantificadores, 85,7 % com objetos nomes quantificados e 80,0 % com objetos nomes comuns.

Neste contexto, o resultado indica 88,8 % de ocorrência de acusativo preposicionado.

No contexto de ordem S V O, apenas com objetos nomes comuns a variante preposicionada deixa de ser a forma mais realizada ( 42,8 % ).

Sendo o objeto representado pelo nome Deus, a variante preposicionada é a única forma encontrada. Com objetos pronomes de tratamento, os dados indicam ocorrências das duas formas variantes. A variante preposicionada é predominantemente a forma mais usada ( 90,0 % ).

Os dados indicam 63,6 % de frequência de acusativo preposicionado com objetos nomes de pessoa; 60,7 % com títulos; 72,7 % com objetos quantificadores e 60,0 % com nomes quantificados. No total, os dados indicam 71,8 % de ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de ordem S V O.

No contexto de ordem V O S, apenas a variante preposicionada é formada. Nestas ocorrências, os objetos são representados, respectivamente, por nomes próprios títulos, ( seis ocorrências ), pronome de tratamento ( uma ocorrência ) e quantificador ( uma ocorrência ).

Diferentemente do resultado apresentado na tabela I, a quantificação dos dados na tabela II indica a predominância no uso do acusativo preposicionado nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII.

Na tabela III, referente aos dados de autores nascidos no séc. XVIII, a quantificação desses dados exhibe um resultado diferente do resultado verificado na tabela II. O resultado desta tabela mostra que o acusativo preposicionado tem frequência menor de ocorrência.

Na ordem V S O, o resultado indica 100,0 % de frequência quando o objeto é nome de pessoa ( três ocorrências ) e pronome de tratamento ( uma ocorrência ). No cômputo geral, nos dados referentes aos autores nascidos no séc. XVIII, o acusativo preposicionado no contexto de ordem V S O apresenta uma frequência de 35,0 % de ocorrência.

No contexto de ordem V O, a variante preposicionada apenas tem frequência maior de ocorrência com objetos representados pelo nome Deus ( 81,8 % ) e pronomes de tratamento ( 92,0 % ). Com objetos de outra natureza, a variante não preposicionada é mais formada. Neste contexto, o resultado final indica 30,1 % de ocorrência de acusativo preposicionado.

Na ordem O V ( S ), os dados dos autores nascidos no séc. XVIII apresentam apenas ocorrências da variante preposicionada com objeto nome próprio título ( uma ocorrência ), nome Deus ( uma

ocorrência ) e quantificador ( uma ocorrência ). Nesta ordem o acusativo preposicionado também é formado com objeto nome comum ( uma ocorrência). Há formação da variante não preposicionada com objeto dessa natureza ( duas ocorrências ).

O resultado final indica uma freqüência de 77,0 % de ocorrência de acusativo preposicionado no contexto de ordem O V ( S ).

Na ordem S V O, os dados indicam 100,0 % de freqüência de acusativo preposicionado com objeto representado pelo nome Deus ( uma ocorrência ). Com objetos pronomes de tratamento, o acusativo preposicionado apresenta 85,7 % de freqüência. Com objetos de outra natureza, a variante não preposicionada é a forma mais realizada.

No total, os dados indicam uma freqüência de 33,0 % de ocorrência de acusativo preposicionado neste contexto.

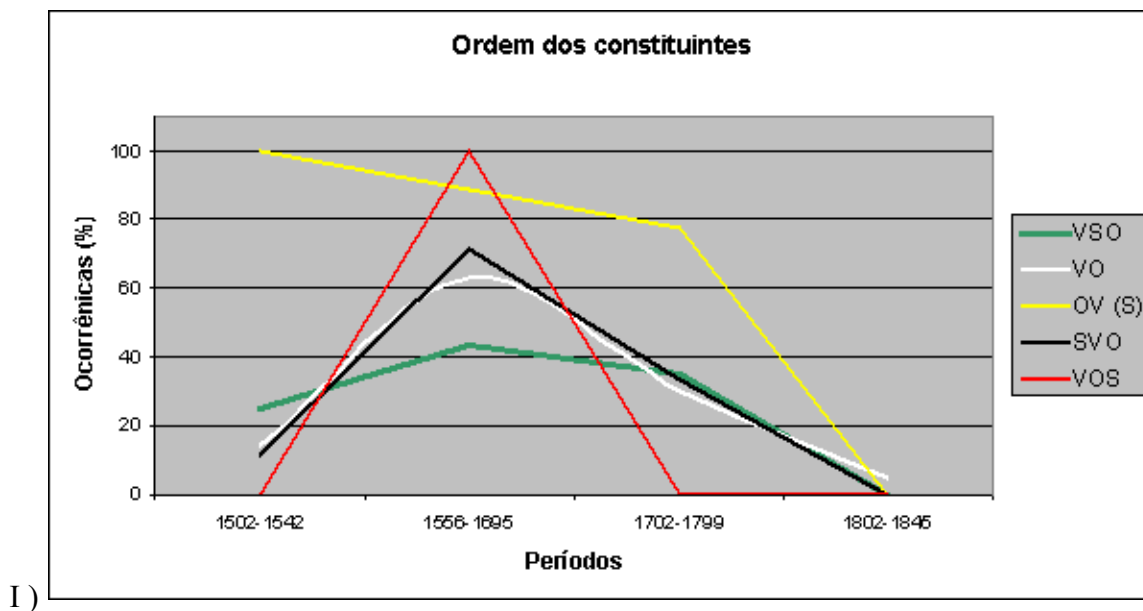
Conforme é mostrado na tabela III, não há formação de estruturas acusativas na ordem V O S nos dados dos autores nascidos no séc. XVIII.

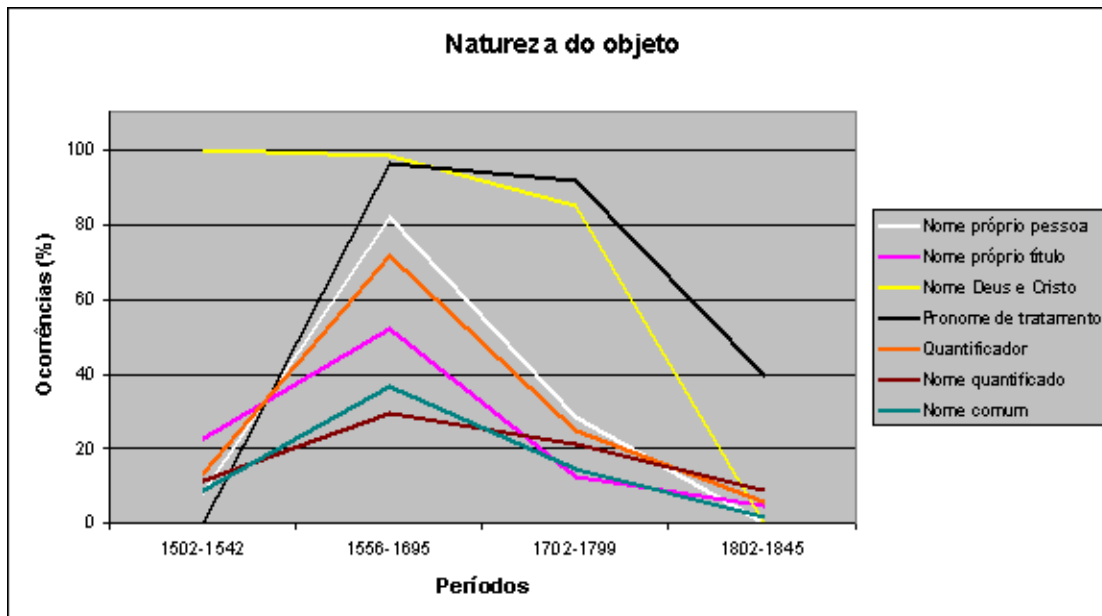
A quantificação dos dados apresentada na tabela IV, referentes aos autores nascidos no séc. XIX, mostra o predomínio de uso da variante não preposicionada em todos os contextos. O acusativo preposicionado é formado apenas em restritas ocorrências em orações de ordem V O, indicando uma freqüência de 7,4 % com objetos nomes próprios títulos ( duas ocorrências ); 40,0 % com pronome de tratamento ( duas ocorrências ); 8,3 % com quantificador ( uma ocorrência ); 11,1 % com nomes quantificados ( três ocorrências ); 2,2 % com nomes comuns ( duas ocorrências ).

Neste contexto, o resultado colocado na tabela indica que o acusativo preposicionado é realizado com uma freqüência de 5,2 %.

Não há formação do acusativo preposicionado nas outras ordens configuracionais nos dados dos autores nascidos no séc. XIX.

## 2.5 Evolução do uso do acusativo preposicionado ao longo dos séculos





II )

Com respeito ao contexto ordem dos constituintes, o gráfico ( I ) indica haver evolução no uso do acusativo preposicionado do português da primeira metade do séc. XVI para o português da segunda metade daquele século e séc. XVII no contexto de orações de ordens V S O / V O , S V O e V O S, indicando o seguinte resultado :

- Ordem V S O : de uma frequência de 25,0 % de ocorrência para uma frequência de 43,6 %.
- Ordem V O : de uma frequência de 13,9 % de ocorrência para uma frequência de 63,6 % .
- Ordem S V O : de uma frequência de 11,8 % de ocorrência para uma frequência de 71,8 % .
- Ordem V O S : de uma frequência de 0,0 % de ocorrência para uma frequência de 100,0 % .

No contexto de ordem O V ( S ), o resultado indica diminuição na frequência de ocorrência de acusativo preposicionado do português da primeira metade do séc. XVI para o português da segunda metade daquele século e séc. XVII : de uma frequência de 100,0 % de ocorrência para uma frequência de 88,8 %.

Este resultado se deve à ocorrência apenas da variante preposicionada nos dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI e à ocorrência da variante não preposicionada nos dados dos autores nascidos na segunda metade daquele século e séc. XVII ( 7 ocorrências ).

O resultado apresentado neste gráfico indica que o uso do acusativo preposicionado é menor nos dados dos autores nascidos no séc. XVIII em relação aos dados dos autores nascidos no período precedente nas ordens acima referidas :

- Ordem V S O : de uma frequência de 43,6 % de ocorrência para uma frequência de 35,2 %.
- Ordem V O : de uma frequência de 63,6 % de ocorrência para uma frequência de 30,1 %.

- Ordem O V ( S ): de uma frequência de 88,8 % de ocorrência para uma frequência de 77,9 %.
- Ordem S V O : de uma frequência de 71,8 % de ocorrência para uma frequência de 33,3 %.
- Ordem V O S <sup>(2)</sup>: de uma frequência de 100,0 % de ocorrência para uma frequência de 0,0 %.

( 2 ) Deixei de considerar para efeito de quantificação a ocorrência de acusativo preposicionado formada no contexto de ordem V O S assinalada nos dados de C. de Oliveira, autor nascido em 1702. Sua inclusão na quantificação desses dados apresentaria uma frequência de 100 % de ocorrência de acusativo preposicionado neste contexto, resultado este incompatível com a mudança observada de restrição de formação desse tipo de estrutura nos demais contextos.

“ **Deslustrou a Júlio César o louco amor de Servília ... ( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 64 ) “**

Nos dados referentes aos autores nascidos no séc. XIX, o resultado assinalado no gráfico indica o uso do acusativo preposicionado em restritas ocorrências no contexto de ordem V O ( 5,2 % ). Nestes dados, não há formação do acusativo preposicionado nos contextos de ordens V S O, O V ( S ), S V O, V O S.

O resultado assinalado no gráfico II referente ao contexto natureza do objeto mostra que o uso do acusativo preposicionado evolui do português da primeira metade do séc. XVI para o português da segunda metade daquele século e séc. XVII no contexto de objeto nome próprio de pessoa, nome próprio título, pronome de tratamento, quantificador, nome quantificado e nome comum, apresentando o seguinte resultado :

- Nome próprio de pessoa : de uma frequência de 8,3 % de ocorrência para uma frequência de 81,8 %.
- Nome próprio título : de uma frequência de 22,7 % de ocorrência para uma frequência de 52,1 %.
- Pronome de tratamento : de uma frequência de 0,0 % de ocorrência para uma frequência de 96,6 %.
- Quantificador : de uma frequência de 13,3 % de ocorrência para uma frequência de 71,8 %.
- Nome quantificado : de uma frequência de 11,7 % de ocorrência para uma frequência de 29,4 %.
- Nome comum : de uma frequência de 9,3 % de ocorrência para uma frequência de 36,5 %.

No contexto de objetos nomes Deus / Cristo, o resultado apresentado neste gráfico indica diminuição na frequência de uso do acusativo preposicionado do português da primeira metade do séc. XVI para o português da segunda metade daquele século e séc. XVII : de uma frequência de 100,0 % de ocorrência para uma frequência de 98,1 %.

Este resultado se deve à presença apenas da variante preposicionada neste contexto nos dados de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI e à presença da variante não preposicionada nos dados de autores nascidos na segunda metade daquele século e séc. XVII ( 3 ocorrências ).

O resultado apresentado neste gráfico mostra que há diminuição na frequência de uso do acusativo preposicionado em todos os contextos referentes à natureza do objeto nos dados dos autores nascidos no séc. XVIII em relação aos dados dos autores nascidos no período precedente acima referido.

- Nome próprio de pessoa : de uma frequência de 81,8 % de ocorrência para uma

freqüência de 28,5 %.

- Nome próprio título : de uma freqüência de 52,1 % de ocorrência para uma freqüência de 12,6 %.
- Nomes Deus / Cristo : de uma freqüência de 98,1 % de ocorrência para uma freqüência de 84,6 %.
- Pronome de tratamento : de uma freqüência de 96,6 % de ocorrência para uma freqüência de 91,6 %.
- Quantificador : de uma freqüência de 71,8 % de ocorrência para uma freqüência de 25,0 %.
- Nome quantificado : de uma freqüência de 29,4 % de ocorrência para uma freqüência de 21,2 %.
- Nome comum : de uma freqüência de 36,5 % de ocorrência para uma freqüência de 14,2 %.

Nos dados dos autores nascidos no séc. XIX, o acusativo preposicionado tem uso em freqüência menor nos contextos referentes à natureza do objeto do que nos dados dos autores nascidos no séc. XVIII :

- Nome próprio de pessoa : de uma freqüência de 28,5 % de ocorrência para uma freqüência de 0,0 %.
- Nome próprio título : de uma freqüência de 12,6 % de ocorrência para uma freqüência de 4,7 %.
- Nomes Deus / Cristo: de uma freqüência de 84,6 % de ocorrência para uma freqüência de 0,0 %.
- Pronome de tratamento : de uma freqüência de 91,6 % de ocorrência para uma freqüência de 40,0 %.
- Quantificador : de uma freqüência de 25,0 % de ocorrência para uma freqüência de 5,8 %.
- Nome quantificado : de uma freqüência de 21,2 % de ocorrência para uma freqüência de 9,13 %.
- Nome comum : de uma freqüência de 14,2 % de ocorrência para uma freqüência de 1,9 %.

## 2.6 Estruturas de redobrimento de clítico

**A pesquisa revela haver no português clássico a realização de uma outra forma configuracional de estrutura de acusativo preposicionado. Trata-se das estruturas de redobrimento de clítico acusativo.**

**O fato significativo mostrado nesta pesquisa é a formação de estrutura de redobrimento de clítico concomitantemente à formação do acusativo preposicionado. Nos textos dos autores de uso nesta pesquisa, estes dois tipos de estruturas coocorrem. Ambas as estruturas têm manifestação mais acentuada nos dados de autores nascidos no séc. XVII.**

**Em semelhantes condições à manifestação do acusativo preposicionado, as estruturas de redobrimento de clítico também sofrem declínio de uso nos dados de autores nascidos no séc. XVIII. Nos dados de autores nascidos no séc. XIX, ambas as estruturas são encontradas em restritas ocorrências.**

**Os dados indicam ocorrências concomitante de estruturas de redobrimento de clítico acusativo e dativo. Na diacronia, as estruturas de**



**redobramento de clítico dativo têm freqüência maior de ocorrência do que as estruturas de redobramento de clítico acusativo.**

**Sua manifestação também é mais abrangente. Encontramos estruturas de redobramento de clítico dativo nos dados referentes a autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, no séc. XVII, no séc. XVIII e também no séc. XIX.**

**As estruturas de redobramento de clítico são realizadas em quatro formas estruturais variantes. Há formação de estruturas de redobramento de clítico acusativo e dativo com pronomes pessoais, com pronomes de tratamento em segunda pessoa, com sintagmas nominais e com o pronome indefinido todos. Com este pronome, os dados mostram apenas ocorrências de redobramento de clítico acusativo.**

**A freqüência maior de ocorrência de estruturas de redobramento é verificada com os objetos representados por pronomes pessoais. Sendo o objeto redobrado representado por pronomes de tratamento em segunda pessoa e/ou sintagmas nominais, os dados indicam restritas ocorrências com clítico acusativo. Sendo o clítico dativo, há maior número de ocorrências.**

**Apresento a seguir dados de estruturas de redobramento de clítico acusativo e clítico dativo assinalados no corpus.**

#### **2.6.1 Com pronomes pessoais**

Os dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI indicam ocorrências de estruturas de redobramento de clítico acusativo e dativo com pronomes pessoais.

Observamos haver nestes dados um uso restrito de ambas as estruturas.

As ocorrências de redobramento de clítico acusativo são assinaladas nos dados de Francisco de Holanda, Fernão Mendes Pinto e Diogo Couto. Os dados de D. João III não apresentam este tipo de estrutura.

As ocorrências de redobramento de clítico dativo são verificadas nos dados de D. João III e Francisco de Holanda.

( 2.147 ) Clítico acusativo

**372. ... em que me affirmaraõ que matara mais de mil de  
vosoutros, afora a  
presa riquissima que tomou nellas, logo foy para elle me  
destruyr a mim ...  
( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 52 )**

373. ... ja te dirião como os dias passados matara eu meu pay, o qual fiz porque  
sabia que me queria elle matar a mim ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 57 )

374. ... sabia que me queria elle matar a mim, por mexericos que homens

- ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p.59 )
375. ... e quando me aqui a mi muito acusarem de mandar o que não faço...  
( F. de Holanda; séc. XVI; p. 80 )
376. ... porque a vós cegou-vos vê-la , e eu não vos entendo, nem vejo, senão porque a vejo a ella. ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 228 )
377. ... assi o mundo a tem roubado a ella de sua fermosura e ornamento ...  
( F. de Holanda; séc. XVI; p. 36 )
378. ... que o fizesse Chistão a ele e a toda sua família ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 39 )
379. ... onde o poriam a êle ... ( Couto; séc. XVI; p. 119 )

## ( 2.148 ) Clítico dativo

380. ... outra forma o Remedio de tantos malles de que me por elle a elle muytas vezes mamdey queyxa; ( D. João III; séc. XVI, p. 9 )
381. ... asy lhe faço a elle boa amizade e lhe guardo ho que elle a mym no que atee aguora pasou ... ( D. João III; séc. XVI, p. 9 )
382. ... como lhe a elle cumpre, que por tanto seja contente de ele ir por capitão d'ella .. ( D. João III; séc. XVI, p. 90 )
383. ... e esta sabeis que me ficuava a mym ... ( D. João III; séc. XVI; p.15 )
384. ... como no do concerto ou desconcerto vos a vos parecer que compre a meu serviço ... ( D. João III; séc. XVI; p.50 )
385. ... & que o Rey lho não acoimaria a elle como fazia aos seus ...  
( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 55 )
386. ... esta nossa lhe importa a elle mais que todas as outras para este seu danado proposito ( F.Mendes Pinto; séc. XVI; p. 56 )
387. ... & por isso tinha determinado de me dar a morte, quislha eu dar primeiro a elle ... ( F.Mendes Pinto; séc. XVI; p. 57 )
388. A mim me mandou o Capitão agasalhar em casa de hum escrivão ...  
( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 75 )
389. ... que me a mi por meu destino coube em sorte: ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 8 )
390. ... a mym me acenou que olhasse para alyesta nossa lhe importa a elle mais que todas as outras para este seu danado proposito ...  
( F. de Holanda; séc. XVI; p. 56 )
391. ... ainda que lhe bem pareça a elle nem a todos, este não crerá nem terá por bom. ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 73 )
392. ... seja-me licito a mi fallar a verdade ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 82 )
393. E se este homem é tão moderado que não quer de vós nada, vós a elle que lhe quereis? ( F. de Holanda; séc. XVI; p 232 )
394. ... nem lhe debuxáram despois a elle um cranguejo em Roma ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p 284 )
395. Ao seguinte dia me mandou a mim dizer *Messer Lactancio* que já nos não

podíamos ajuntar aquelle dia ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 249 )

396. ... e querendo alevantar o irmão, lhe deram a êle outra espingardada ...

( D. Couto; séc. XVI; p. 44 )

**Os dados dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI apresentam freqüência maior de uso de estruturas de redobramento de clítico dativo.**

**Nos dados de Bernardo de Brito, apenas uma ocorrência de estrutura de redobramento de clítico acusativo é assinalada. Com clítico dativo, seus dados indicam quatro ocorrências com pronome me.**

**Os dados de Antonio Brandão apresentam duas ocorrências de redobramento de clítico acusativo, mas não indicam ocorrências desse tipo de estrutura com clítico dativo.**

**Os dados referentes aos outros autores nascidos naquele período também não registram ocorrências de redobramento de clítico acusativo. Nestes dados, são assinaladas em freqüência restrita estruturas de redobramento de clítico dativo.**

**Um comportamento diferente é mostrado nos textos de autores nascidos no séc. XVII. Seus dados apresentam freqüência elevada de estruturas de redobramento de clítico acusativo e dativo.**

### **( 2.149 ) Clítico acusativo**

397. ... donde resultou amaldiçoalo a elle & sua geração, & lançar a benção a Sem & Japhet, que vendoo mal composto acudirão ao cubrir ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 48 )

398. ...para que vos não percais a vós juntamente com o Reyno, e a nossas molheres e filhos. ( A. Brandão; séc. XVI; p. 6 )

399. ... porque não he justiça que ella viva, & que o matem a elle.  
( A. Brandão; séc. XVI; p. 124 )

400. ... deixando-o a elle amarrado ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 186 )

401. ... diminua-os Vossa Alteza a elles ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 54 )

402. ... para que tratem de o servir antes a ele... (A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 106 )

403. ... para que a Holanda nos enfraqueça a nós ... (A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 156 )

404. Deus nos guarde a nós . (A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 170 )

405. ... a vós vos tirarão dos olhos e dos ouvidos do mundo ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 15 )

406. ... que os imitaram a elles ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 133 )

407. ... vos tratem e vos julguem a vós os homens ... (A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 162 )

408. ... para os pescar a elles ... (A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 212 )

409. Livre-nos a nós Deus de aquela ... (F. Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 176 )

410. ... e que vos ama a vós .. ( A Chagas; séc. XVII; p. 8 )

411. E quem vos moveu a vós ... (A Chagas; séc. XVII; p. 241 )  
 412. ... as riquezas vos enganaram a vós ... (M. Bernardes; séc. XVII; p. 163 )  
 413. .... que achemos as dificuldades antes que a dificuldade nos ache a nós ...  
 ( C. Brochado; séc. XVII; p. 86 )

## ( 2.150 ) Clítico dativo

414. ... nem fazerem tantas diligencias por descobrir os segredos delle, como a mim me conveo fazer... ( Bernardo de Brito, séc. XVI; p. 13 )  
 415. ... a mim me satisfaz muito a opinião de Floriano ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 81 )  
 416. & darlhes a elles, como desconhecidos ao bem, que receberão, hum castigo, (Bernardo de Brito; séc. XVI;p 136 )  
 417. Donde me a mi parece que naceo a diligencia grande ... ( Bernardo de Brito, séc. XVI; p. 149 )  
 418. ... que o Reyno de Espanha lhe convinha a elle por direito ... ( Bernardo de Brito; séc. XVI; p.178 )  
 419. ... por onde me a mim parece, que lhe derão a dirivação do rio Sicoro ... ( Bernardo de Brito, séc. XVI; p. 197 )  
 420. ... que a mim me davam graça. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 7 )  
 421. Nem a mi me descontenta (disse Leonardo), se o Doutor nos abrir o caminho. . ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 158 )  
 422. Porém a nós não nos caíram em sorte êstes escravos ... ( F. Rodrigues; Lobo; séc. XVI; p. 96 )  
 423. ... e padecêram elles o dano, que nos querião fazer a nós: ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 40 )  
 424. ... sem lhe terem gerado a elle ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 145 )  
 425. ... porque lhe devamos tudo a êle ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 133 )  
 426. ... a mercê que o senhor Rui de Moura me fez a mim ... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 9 )  
 427. Deus lhe dera o que vos deu a vós. ( A Chagas; séc. XVII; p. 134 )  
 428. ... estão de desagradar-me a mim ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 147 )  
 429. ... lhe falara o santo a ella ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 139 )

Nos textos de autores nascidos no séc. XVIII, as estruturas de redobrimento de clítico dativo e acusativo com pronomes pessoais apresentam freqüência menor de ocorrência em relação à freqüência verificada nos textos de autores nascidos no séc. XVII.

Observamos haver nestes dados uma mudança em relação à formação desse tipo de estrutura nos dados referentes a autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e no séc. XVII. Nestes dados, as ocorrências de redobrimento há freqüência elevada no uso de estruturas de redobrimento de clítico com o pronome de primeira pessoa **me** – **a mim** / **nos** – **a nós**.

## ( 2.151 ) Clítico acusativo

430. Deus me livre a mim de Vossa Paternidade ( C. de Oliveira; séc. XVII;

p. 46 )

431. ...foi necessário tirar-lhe a ele a vida e a ela dar-lhe o sangue a beber.  
( C. de Oliveira; séc. XVIII; p. 62 )
432. ... a mim me chamaram de uma casa ... ( A. Costa; séc. XVIII; p. 60 )
433. ... e que me estime a mim mesmo pelo único homem de capacidade que há no mundo. ( A. Costa; séc. XVIII; p. 69 )
434. .. consola-me a mim particularmente. ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 36 )
435. ... que também nos sacrificou a nós ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 166 )
436. Vossa mercê é que nos veio tentar a nós ... ( J. Daniel Rodrigues da Costa; séc. XVIII; p. 64 )
437. ... e escoceou-nos a nós depois. ( A. Garrett; Viagem na Minha Terra; séc. XVIII; p. )
438. ... nem nós os compreendemos a elles ... ( A. Garrett ; Viagem na Minha Terra; séc. XVIII; p. )
439. ... meu officio é prender gente, e a menina prendeu-me agora a mim ... ( A. Garrett ; Teatro; séc. XVIII; p. )
440. ... e enfado-me a mim quando enfado os amigos. ( A. Garrett ; Teatro; séc. XVIII; p. )

( 2.152 ) Clítico dativo

441. ... me fazia a mim uma visita o senhor estupor, meu amo ... ( A Costa; séc. XVIII; p. 111 )
442. ...e se a mais minuciosa vigilância não descobrir todos os laços que me tendem a mim ... ( C. Garção; séc. XVIII; p. 129 )
443. E que me importam a mim as antiguidades, as ruínas e as demolições? ( A. Garrett; Viagem na Minha Terra; séc. XVIII; p. )
444. ... pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim. ( A Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )
445. ... que a mim me parece é que no Porto deram em falar por enygmas ... ( A Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )
446. Não senhor, toca-me a mim: eu é que heide arranjar esse negocio. ( A Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )
447. Agradeço-te a ti e a elle a lembrança das cubertas ... ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 133 )

O redobramento de clítico acusativo e dativo com pronomes pessoais também é assinalado nos dados de autores nascidos no séc. XIX. Sua presença nestes textos é verificada com menor freqüência do que nos dados de autores nascidos no séc. XVII.

Observamos também nestes dados a prevalescência no uso dessas estruturas com os pronomes **me - a mim**.

( 2.153 ) Clítico acusativo

448. Difamá-los na sua presença era afrontarem-no a ele ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )
449. ... e disse a Simão que o seguisse a ele e ao cunhado na distância de vinte passos ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )
450. Isso há de ser para o não esfolarem a ele, quando ele nos esfolam com os

peditórios. ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )

451. ... e a mim não me deixa sair do quarto. ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )
452. Deixe-me ler a mim ... ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. ).
453. ... que eu não conhecia, nem me conhecia a mim. ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 116 )
454. Os nevoeiros dos últimos dias enervam-me muito a mim e creio que a toda a gente. ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 160 )
455. ... já no largo do Rossio eu fui educado, e eduquei-me a mim mesmo ... ( E. de Queiróz e O. Martins; séc. XIX; p. 54 )

#### ( 2.154 ) Clítico dativo

456. ... tratado pelos seus velhos parentes como tal, se nos impunha a nós outros, como se fosse um velho de sessenta annos. ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p.149 )
457. ... a mim me bastariam a felicidade ( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. )
458. Não serás frade! - disse-lhe o coração a ele. ( C. Castelo Branco; Maria Moisés; séc. XIX; p. )
459. ... me dissesse a mim ... ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )
460. A mim me darás conta das despesas. ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )
461. A mim faz-me o efeito de desaparecer metade da sociedade de Lisboa. ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 83 )
462. E desde que há cerca de 10 anos veio ela espontaneamente a mim pedir-me que frequentasse a sua casa ... ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 83 )

#### 2.6.2 Com o pronome indefinido todos ( as )

**Concomitantemente à realização de estruturas de redobramento de clítico com pronomes pessoais, há no corpus ocorrências de redobramento com o pronome indefinido todos.**

**Com este pronome, somente são formadas estruturas de redobramento de clítico acusativo.**

**Observamos haver nos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI um uso restrito de estrutura de redobramento de clítico com pronome dessa natureza.**

**Desses autores, é Fernão Mendes Pinto quem apresenta com maior**

**freqüência este tipo de estrutura.**

**Nos dados de D. João III, não há registro de nenhuma ocorrência de redobramento de clítico com este pronome.**

**( 2.155 ) Clítico acusativo**

464. ... & tomandoos a todos, que eraõ dezassete, lhos trouxeraõ atados.

( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 22 )

465. ... **o que a todos nos animou, & nos consolou muyto.** ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 24 )

466. ... **mandou cercar a casa dos convidados , & tomandoos a todos, que eraõ dezassete, lhos trouxeraõ atados.** ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 56 )

467. ... **os mandou matar a todos com uma morte crudelissima** ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 56 )

468. ... como os eu vy depois a todos. ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 56 )

469. ... e achei-os a todos tão senhores d'isso ... ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 87 )

470. ... que os tratavam de os matar a todos ... ( D. Couto; séc. XVI; p. )

Os dados de F. Mendes Pinto e Diogo Couto apresentam ocorrências da variante sem preposição de estruturas de redobramento de clítico com esse pronome.

**( 2.156 ) Variante não preposicionada**

471. ... & mãdãdo muyto depressa lâçar os remeyros da lanchara ao mar, os metemos todos dentro ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 93 )

472. ... hum dos quais foy o Fernão Gil Porcalho Capitão do junco , & cinco moços Christãos, os quais todos lâçamos de noite ao mar... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 94 )

473. ... & acudindo cõ muytas panellas de pólvora sobre os que estavam a bordo nas tres embarcações, os acabaraõ de axorar de todo, & lançalos todos ao mar, ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 110 )

474. Assim os deixaremos todos em sua tristeza, até tornarmos a êles. ( D. Couto, séc. XVI; p. 53 )

475. ... e achando-os todos vivos. ( D. Couto, séc. XVI; p. 127 )

**Os dados dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI mostram uso maior de estrutura de redobramento com o pronome indefinido todos. Encontramos esta estrutura de redobramento nos dados de Luís de Sousa,**

## Bernardo de Brito, F. Rodrigues Lobo e Alexandre Gusmão.

### ( 2.157 ) Clítico acusativo

476. ... & vindo a singular batalha, os matou a todos tres ( B. de Brito; séc. XVI; p. 142 )
477. Mas Joseph, que nada tinha menos no pensamento, que os agravos proprios, os consolou, & animou a todos, dizendo ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 164 )
478. **... porque o desejo de socorrer a seus naturaes, os incitava a todos a tomar as armas ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 195 )**
479. ... que tomais a graça e nos tendes pendurados a todos no desejo de vos ouvir? ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 100 )
480. ... e dar ocasião a Solino de saber a ventagem que nisso nos tem a todos. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 185 )
481. ... porém com a minha vos tenho a todos cansados, sem eu ficar ocioso. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 188 )
482. ... e a todos tres os enforçarão. ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 1 )  
... e prendem a todos os que confessam obediencia ao Papa ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 24 )
483. ... que depois de os tripularem a todos, os alojarão em prisidios fechados, ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 71 )
484. ... e que os queria mandar a todos para o Ceo ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 98 )

Também nos dados referentes aos autores nascidos no séc. XVII, o redobramento de clítico com o pronome indefinido **todos** é verificado com maior freqüência.

### ( 2.158 ) Clítico acusativo

485. ... livre-nos Deos a todos de offerecimentos secretos ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 72 )
486. ... de os trazer a todos em regra ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 167 )
487. ... se sirva de nos assistir a todos ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 102 )
488. ... o eco da trombeta do juizo universal nos chame a todos. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 219 )
489. Deus nos alumie a todos. ( A Chagas; séc. XVII; p. 28 )
490. Dai graças a Deus, que vos guarde e nos ajude a todos. ( A Chagas; séc. XVII; 162 )
491. Inveja-as a todas, festejando seus aumentos ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 174 )
492. ... nos deseja salvar a todos ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 112 )
493. ... que ele os amansaria a todos, como firmemente esperava ... ( A. de



Barros; séc. XVII; p. 200 )

Nos dados referentes aos autores nascidos no séc. XVIII, encontramos apenas uma ocorrência de estrutura de redobrimento de clítico com o pronome indefinido **todos**. Ela é realizada no texto de Marquesa de Alorna.

( 2.159 ) Clítico acusativo

494. ... para defender-se da multidão de riscos que nos levarão a todos ...

( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 165 )

Encontramos também nos dados de autores nascidos no séc. XIX ocorrências de redobrimento de clítico acusativo com este pronome.

( 2.160 ) Clítico acusativo

495. A isto levantou-se minha Avó e fez-nos levantar a todos ( M. da Fronteira e d'Alorna; séc. XIX; p.

496. Queres ir para tua casa, e esquecer o maldito que nos faz a todos. ( C. Castelo Branco; Amor de Perdição; séc. XIX; p. )

497. Considero-os a todos completamente por educar ... ( R. Ortigão; séc. XIX; p. 148 )

498. ... e essa idéia enche-nos de regozijo a todos os *vencidos da vida* ( E. de Queiróz e O. Martins; séc. XIX; p. 80 )

499. Invejo-vos a todos os que tendes filhos. ( E. de Queiróz e O. Martins; séc. XIX; p. 148

### 2.6.3 Com pronomes de tratamento

Encontramos no corpus duas ocorrências de estruturas de redobrimento de clítico acusativo com pronomes de tratamento. Sendo o clítico dativo, os dados indicam frequência maior de ocorrência, inclusive nos dados de autores nascidos no séc. XVIII.

Embora os dados apresentem restritas ocorrências de estruturas de redobrimento de clítico acusativo com pronome de tratamento, sua presença é significativa por mostrar que este tipo de estrutura é formada no português clássico.

Os dados referentes aos autores nascidos no séc. XVI não indicam ocorrências de redobrimento de clítico com pronomes de tratamento.

Nos dados referentes a autores nascidos no séc. XVII, encontramos uma única ocorrência de redobrimento de clítico acusativo neste contexto. Esta ocorrência é assinalada no texto Cartas Familiares,

de Francisco Manuel de Melo, nascido em 1608.

( 2.161 ) Clítico acusativo

500. ... por servi-los e vê-los a Vossas Mercês ... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 130 )

( 2.162 ) Clítico dativo

501. ... e quem lhe disse a Você, Senhor amo, que eu fiz tal aleivozia? ( M. da Costa; séc. XVII; p. 80 )

502. ... e lhe traga a Vossa Excelência muito cedo as ordens ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 240 )

503. Não lhe será novo a Vossa Paternidade o ouvir quanto deve a profissão eclesiástica à militar. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 71 )

504. ... vendo-os, possa melhor empregar-se nesta obra, a cujo rascunho Vossa

505. Mercê dará na emenda a perfeição e na execução a felicidade, que Deus lhe dará a Vossa Mercê ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 82 )

506. Fortaleza de ânimo lhe encomendo a Vossa Mercê ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 65 )

507. ... que Deus lhe dá a Vossa Senhoria para tratar da sua salvação.. ( A Chagas; séc. XVII; p. 23 )

508. A carta de Sua Alteza não lhe dê a Vossa Mercê cuidado ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 57 )

509. Fortaleza de ânimo lhe encomendo a Vossa Mercê ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 65 )

510. Deus lhe dê a Vossa Mercê paciência ... ( C. Brochado; séc. XVII; p. 77 )

Outras duas ocorrências de redobrimento de clítico acusativo com pronome de tratamento são encontradas nos dados Marquesa de Alorna, nascida em 1750 e A. Garrett, nascido em 1799.

( 2.163 ) Clítico acusativo

511. Quis a natureza orná-la a V. daquelas graças exteriores ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 76 )

512. Vê-lo eleito pelo Porto a Vossa Senhoria é um de nossos empenhos ... ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. )

Estes dados apresentam estruturas de redobrimento de clítico dativo com pronomes de tratamento com frequência maior de ocorrência. A maioria dessas ocorrências é assinalada no texto de Antonio Costa.

( 2.164 ) Clítico dativo

513. E parece-lhe a Vossa Paternidade pouca matéria de admiração ...

( A Verney; séc. XVIII; p. 137 )

514. Bem me lembro que já lhe falei a Vossa Mercê nisto ( A Costa; séc. XVIII; p. 63 )

515. ... pedindo-lhe que lhe mandasse a Vossa Mercê o retrato ...  
( A Costa; séc. XVIII; p. 135 )

516. Peço-lhe a Vossa Excelência porque sei que é capaz de me compreender

517. ... e de tomar no sentido que o valem, as minhas palavras. ( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. 169 )

518. ... por este anno ainda lhe pertence a vossa senhoria pagá-los...  
( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. 169 )

Nos textos dos autores nascidos no séc. XIX, não há ocorrências de estruturas de redobrimento de clítico com pronome de tratamento.

#### 2.6.4 Com sintagmas nominais

Encontramos no corpus duas ocorrências de estruturas de redobrimento de clítico com sintagmas nominais. Em semelhante condição de realização das estruturas de redobrimento com pronomes de tratamento, no contexto de sintagmas nominais, há produtividade maior de estruturas de redobrimento de clítico dativo.

Uma das ocorrências de estrutura de redobrimento de clítico acusativo com sintagma nominal é assinalada no texto Cartas Familiares, de Francisco Manuel de Melo, autor nascido em 1608.

Ocorrências de estruturas de redobrimento de clítico dativo com sintagmas nominais são encontradas nos dados desse autor e de outros autores nascidos no séc. XVII.

##### ( 2.165 ) Clítico acusativo

519. Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos ...

( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p.89 )

##### ( 2.166 ) Clítico dativo

520. Nem o Provincial nem o Prepósito lhe parecem muito a propósito ao Padre Pontilier. ( A Vieira; Cartas; séc XVI; 223 )

521. ... foi porque lhe não succedesse a David com seus irmãos, o que tinha

522. succedido a José com os seus ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 210 )

523. E que lhe importou a Daniel esta tão triste interpretação? ( A Vieira; H. do Fut. Séc. XVII; p. 56 )

524. Não lhe ficava ao duque Teodósio na terra outra vontade que pudesse regular suas acções, senão a da duquesa sua mãe, a quem sempre obedeceu

525. com igual afeição que respeito. ( F. M de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 9 )

526. Faltava-lhe à Madre Elena o mostrar que assim como soube ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 194 )

A outra ocorrência de estrutura de redobramento de clítico acusativo com sintagma nominal é assinalada no Teatro, de Almeida Garrett.

Uma ocorrência de estrutura de redobramento de clítico dativo com sintagma nominal é assinalada nos dados de Antonio da Costa, autor nascido em 1714.

( 2.167 ) Clítico acusativo

527. Guarde-o Deus ao senhor Procopio, nosso amigo velho ?  
Ora guarde-o Deus, senhor vizinho !  
( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )

( 2.168 ) Clítico dativo

528. Diga-me também como lhe vai ao Senhor João ... ( A Costa; séc. XVIII; p. 79 )

#### **2.6.5 Estrutura de Deslocação à Esquerda Clítica ( CLLD )**

No corpus, há também presença de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica ( CLLD ) com clítico acusativo e dativo. Ambas as estruturas são realizadas em restritas ocorrências. Em Diogo Couto, encontramos uma ocorrência com clítico dativo. As outras ocorrências são registradas nos dados de autores nascidos no séc. XVII.

( 2.169 ) Clítico acusativo

529. Aos bravos leões domam os benefícios; aos homens, em vez de os obrigar, os enfurecem. ( F. M. de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 165 )  
530. ... que a Hércules convidaram-no os conflitos e fizeram-no Hércules os trabalhos. ( A Chagas; séc. XVII; p. 104 )  
531. A huma pessoa grande que lhe communicou o intento que tinha na escolha de marido, para a herdeyra de sua caza, a persuadia que mudasse de intento ... ( M do Céu; séc.XVII; p. 186 )

( 2.170 ) Clítico dativo

532. Aos Turcos lhes pezou muito da morte de Dom Christovão ... ( D.Couto; séc. XVI; p. 49 )  
533. ... quando a Vossa Excelência lhe pareça podia êle também comprar ... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 109 )  
534. Por isso aos Anjos lhes sobejam para explicar-se os conceitos... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc.XVII; p. 136 )  
535. A Vossa Mercê lhe mando que tôda esta quaresma ... ( A Chagas; séc. XVII; p. p. 58 )

536. A mim e aos outros, toca-nos chorar e pedir a Deus ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 114 )

537. Aos apóstolos sagrados trocou-lhes a pesca de peixes pela de homens ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 67 )

## 2.7 Conclusão

Descrevi neste capítulo os contextos de formação do acusativo preposicionado do português clássico, tomando como base de pesquisa dados de trinta e oito textos pertencentes ao Corpus Tycho Brahe de autores portugueses nascidos entre 1502 e 1845.

Esta tarefa me permitiu verificar que o uso do acusativo preposicionado naquela gramática não é uniforme ao longo dos séculos. A não uniformidade no uso do acusativo preposicionado na diacronia é verificada tanto quanto à frequência de realização quanto aos contextos formadores deste tipo de estrutura.

Observei que o acusativo preposicionado tem uso mais regular e é formado em contextos mais abrangentes nos dados dos autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e no séc. XVII.

Os dados de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI e os dados de autores nascidos nos séc. XVIII - XIX apresentam ocorrências com maior frequência de estruturas acusativas sem preposição.

A presença nestes dados de estruturas acusativas com e sem preposição, formadas nos mesmos ambientes sintáticos, me permitiu assumir a presença de duas gramáticas em competição na produção escrita desses autores.

A pesquisa mostra haver evolução quanto ao uso do acusativo preposicionado nos dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI.

Dos quatro autores representativos do português daquele período, é Diogo Couto, nascido em 1542, quem apresenta maior frequência de estruturas de acusativo preposicionado. Seus dados apresentam estruturas de acusativo preposicionado e estruturas de acusativo não preposicionado formadas em semelhantes ambientes sintáticos. Há também em seus dados ocorrências de estruturas acusativas sem preposição em ambientes sintáticos que não são contextos de formação do acusativo preposicionado.

Estas estruturas de variação encontradas nos textos de Diogo Couto assinalam a atuação de duas gramáticas diferentes. Uma dessas gramáticas é responsável pela legitimação das ocorrências de acusativo preposicionado e também da variante sem preposição formada em ambientes sintáticos não favoráveis à sua inserção. A outra gramática legitima a variante não preposicionada formada no mesmo contexto do acusativo preposicionado.

Considerando os efeitos - V2 assinalados nas estruturas de acusativo preposicionado, assumo ser esta a natureza da gramática legitimadora deste tipo de estrutura. A atuação dessa gramática de natureza V2 nos textos dos autores de uso na pesquisa explica a presença de estruturas variantes sem preposição formadas nos contextos de ordens ( X ) V S O / ( X ) V O ; O V S / O V e também S V O.

A outra gramática presente nos textos desses autores seria responsável pelas variantes não preposicionadas formadas em estruturas acusativas sem efeitos V2. Nestas variantes, apenas as ordens S V O / VO são realizadas.

No cômputo geral, os dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI indicam

domínio maior da gramática não formadora do acusativo preposicionado.

Um comportamento lingüístico diferente é verificado nos dados dos autores nascidos entre 1556 e 1675. Nesses dados, observamos um domínio maior da gramática que legitima o acusativo preposicionado.

De acordo com a pesquisa, é nos textos desses autores que o acusativo preposicionado é realizado com maior regularidade e em contextos mais abrangentes.

Seus dados indicam haver naquela gramática contextos categóricos e não categóricos de formação do acusativo preposicionado. Há contextos categóricos implicados na ordem configuracional de projeção dos constituintes oracionais e há contextos categóricos implicados na natureza dos objetos. Nestes dados, as ordens configuracionais V S O , O V ( S ) , V O S e a natureza de objetos nomes de pessoas sem determinante, nomes Deus / Cristo, pronomes de tratamento e quantificadores se mostram como contextos categóricos de formação da variante preposicionada.

O uso de contextos não categóricos e/ou as restrições sintático-semânticas de inserção da preposição, presentes na própria estrutura transitiva, explicam a formação concomitante da variante não preposicionada nesses dados.

A regularidade de formação do acusativo preposicionado deixa de ser observada nos textos de autores nascidos nos séc. XVIII – XIX. Em condições semelhantes aos dados dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, nestes dados, a variante não preposicionada é a forma mais realizada. Objetos com o estatuto de nomes de pessoa e pronomes de tratamento deixam de ser fatores categóricos de formação do acusativo preposicionado.

A presença de duas formas variantes com objetos pronomes de tratamento e a formação do acusativo preposicionado em orações declarativas raízes e gerundivas projetadas nas ordens V S O / V O reafirmam a atuação de duas gramáticas nestes textos.

Diferentemente do comportamento verificado nos textos de autores nascidos no séc. XVI, nos quais a competição entre as duas gramáticas é motivada pelo estabelecimento na língua da gramática formadora do acusativo preposicionado, nos dados dos autores nascidos nos séc. XVIII – XIX, uma situação inversa é assinalada. Nesses dados, a competição de duas gramáticas é motivada pelo estabelecimento na língua da gramática que não legitima o acusativo preposicionado.

Seguindo a descrição dos contextos formadores do acusativo preposicionado, apresentei também neste capítulo dados de estruturas de redobrimento de clíticos acusativo e dativo. Nestas ocorrências, há formação de estruturas de redobrimento de clítico acusativo com pronomes pessoais, com pronomes de tratamento e com sintagmas nominais. Com o pronome indefinido **todos**, os dados indicam unicamente a realização de estruturas de redobrimento de clítico acusativo. Sendo o clítico acusativo, restritas ocorrências de redobrimento com pronomes de tratamento e sintagmas nominais são registradas no corpus. Embora a formação de estruturas de redobrimento de clítico acusativo com pronomes de tratamento e sintagmas nominais sejam assinaladas em restritas ocorrências, sua presença no corpus é suficiente para mostrar que estas estruturas de redobrimento também são legitimadas no português clássico. A formação concomitante de estruturas de acusativo preposicionado e estruturas de redobrimento de clítico naquela gramática me leva a propor serem essas ocorrências formas variantes de manifestação de um mesmo fenômeno lingüístico. De outra parte, as semelhanças de comportamento quanto ao uso e à frequência de ocorrência dessas estruturas ao longo dos séculos me permitem assumir a atuação de uma mesma gramática nesta produção.



## Capítulo 3

---

### O acusativo preposicionado do português clássico : formas variantes de estruturas de redobramento de clítico

#### 3.1 Introdução

O objetivo deste capítulo é a apresentação dos fatos empíricos levantados dos dados descritos no capítulo 2 que me levam a assumir o acusativo preposicionado do português clássico como formas variantes de estruturas de redobramento de clítico.

As hipóteses apresentadas estão assentadas na observação das condições de formação dessas estruturas no corpus pesquisado.

Assumo estar na inserção da preposição o fator que assegura a referencialidade das estruturas de acusativo preposicionado sem violação dos princípios B e C da teoria de ligação. Na apresentação desta hipótese, apóio – me na proposta de Kato ( 1993, 1994 ) de uma posição de não C - comando nas relações que permitem a condição referencial do clítico - nulo em estruturas acusativas do português brasileiro.

Tendo em vista a presença no corpus de estruturas acusativas com e sem preposição, com objetos com traços quantitativos em posição pré-verbal, proponho duas posições distintas de realização desses elementos : Spec CP e TOP, respectivamente.

De outra parte, as condições de realização desses objetos fronteados me levam a assumir uma gramática de natureza V2 na formação dessas estruturas acusativas.

Considerando as semelhanças dos contextos formadores do acusativo preposicionado do português clássico com os contextos de sua formação no espanhol e no romeno, faço uso de dados e de propostas centradas no quadro teórico do modelo de regência e ligação adotado por Lois ( 1982 ) e Dobrovie – Sorin ( 1987 ) para dar conta deste fenômeno naquelas gramáticas.

#### 3.2 Os ambientes sintáticos de uso do acusativo preposicionado : síntese

A descrição dos dados apresentada no capítulo 2 indica haver a coocorrência de duas gramáticas nos textos de autores portugueses que compõem o corpus desta pesquisa : uma gramática que legitima o acusativo preposicionado e outra, que não forma este tipo de estrutura.

Os dados mostram também que a gramática legitimadora do acusativo preposicionado apresenta contextos categóricos que motivam a inserção da preposição em objetos com o traço semântico [ + humano ]. Há contextos categóricos ligados à ordem dos constituintes na oração e há contextos categóricos relacionados à natureza do objeto.

As estruturas raízes de ordens V S O / O V / V O S se apresentam como contextos categóricos de formação do acusativo preposicionado. Na ordem V S O, o acusativo preposicionado é formado quando o objeto tem os mesmos traços formais do sujeito. Esta exigência não é verificada para a sua formação no contexto de orações de ordem O V.

A ordem V O S se apresenta no corpus como contexto categórico de inserção da preposição. Nestas ocorrências, o objeto é representado por pronomes de tratamento, nomes de pessoas sem determinante e/ou nomes de pessoas precedidos de títulos.

As estruturas acusativas projetadas na ordem V O, com sujeito não expresso, são contextos de formação do acusativo preposicionado quando o objeto tem o estatuto de nome de pessoa sem determinante e/ou quando o nome de pessoa é precedido do título **Dom**.

Sendo o objeto representado por pronome de tratamento, pelos nomes Deus / Cristo sem



determinante, o acusativo preposicionado é sempre formado, quaisquer que sejam a natureza da oração e a ordem de projeção de seus constituintes.

Não sendo nestas condições, objetos nomes próprios precedidos de outros títulos, nomes comuns, quantificados ou não, são encontrados nas duas formas variantes: com e sem preposição.

Um fato significativo transparecido nos dados do português clássico é a semelhança dos contextos formadores do acusativo preposicionado com os contextos formadores deste tipo de ocorrência nos dados do espanhol medieval, apresentados por Lois ( 1982 : 1 ), conforme é mostrado no capítulo 1 desta Dissertação.

Naqueles dados, extraídos do texto Cantar de Mío Cid, escrito no começo do séc. XII, objetos representados por nomes de pessoas sem determinante, por nomes de pessoas precedidos dos títulos **Dom/ Dona**, pelo quantificador **todos** e por títulos de nobreza são contextos de formação do acusativo preposicionado em orações que apresentam ordem livre dos constituintes.

Repito aqueles dados aqui.

### ( 3.1 ) Variante preposicionada

... como sirva a doña Ximena et las fijas que há, e a todas sus dueñas que  
com ellas están ...

... como serve a dona Ximena e as filhas que tem, e a todas suas donas  
que com ela estão .

... catando están a Mio Cid cuantos há en la cort ...

... cantando estão ao Meu Cid quantos estão na corte ...

... prisolo al conde ...

... prende-o ao conde ...

... reciben a Minaya ...

... recebiam a Minaya ...

... veré a la mugier ...

... verá à mulher ...

... porque perdonaste a Roldano ...

... porque perdoaste a Roldano ...

... vido a don Roldán acostado a un pilare ...

... viu a Dom Roldano encostado em um pilar ...

... tú que a todos guías, val a Mio Cid el campeador ...

... você que a todos guia, vá a Meu Cid o Campeão ...

... el Cid a doña Ximena íbala abraçar ...

... el Cid a dona Ximena a vai abraçar ...

Naquele texto do espanhol medieval, o acusativo preposicionado não é formado justamente com objetos que no português clássico são contextos de variação.

### ( 3.2 ) Variante não preposicionada

... vos casades Ø mis fijas ...

... vós casastes minhas filhas ...

- ... veremos Ø a vuestra mugier ...
- ... veremos a vossa mulher ...
- ... que mataras Ø el moro ...
- ... que matarás o mouro ...
- ... Minaya va veer Ø sues primas ...
- ... Minaya vai ver suas primas ...
- ... vido yacer Ø su fijo entre las mortalidades...
- ... viu estendido seu filho entre os mortos ...

Entre os dados de estruturas de acusativo preposicionado do texto *Cantar de Mio Cid*, apresentados por Lois, há ocorrências de redobrimento de clítico acusativo com sintagmas nominais.

( 3.3 )

- ... yo las caso a vuestras fijas ...
- ... eu as caso a vossas filhas ...
- ... prisolo al conde ...
- ... prende-o ao conde ...
- ... el Cid a doña Ximena íbala abraçar ...
- ... el Cid a dona Ximena a vai abraçar ...

O espanhol peninsular moderno apenas legitima estruturas de redobrimento de clítico acusativo com pronomes pessoais ( cf. Lois, 1982; Dobrovie – Sorin, 1987; Jaeggli, 1986, entre outros ).

Considerando que este tipo de ocorrência é encontrado nos dados que formam o corpus desta pesquisa, mais uma semelhança pode ser traçada entre a formação do acusativo preposicionado no português clássico com sua formação no espanhol medieval.

( 3.4 )

- Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos ...
- ( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 89 )
- Guarde-o Deus ao senhor Procopio, nosso amigo velho ?
- ( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )

Conforme o trabalho de Lois ( 1982 ) mostra, no espanhol moderno, objetos [ + animados ] com os mesmos traços formais do sujeito, expresso ou não na estrutura frasal, formam o acusativo preposicionado.

No português clássico, a exigência do objeto se apresentar com os mesmos traços formais do sujeito para a inserção da preposição é verificada nas estruturas acusativas de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas projetadas na ordem V S O. Em orações de outra natureza, o acusativo preposicionado pode ser formado com objetos com traços formais diferentes dos traços do sujeito.

Diferentemente do espanhol moderno, no português clássico, a condição de objetos [ + animado ] é necessária mas não suficiente para a formação do acusativo preposicionado.

( 3.5 ) Variante não preposicionada

- Imitarão elles bem os fieis vassallos do poderoso Rey, & profeta
- Santo ... ( A Brandão; séc. XVI; p. 204 )
- Viu Itália o marquês de Laganhez armado e Dom Francisco de Mello

arrastando a toga; depois Milão o cardeal que empenhava a espada ...  
( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 60 )

Costumavam os reis da Europa e os de Portugal com grande frequência  
ouvir em público os seus vassallos... ( F. Manuel de Melo; T. Português;  
séc. XVII; p. 162 )

### **O acusativo preposicionado e o redobramento de clítico: estruturas variantes de um mesmo fenômeno lingüístico**

Os fatos empíricos que me permitem assumir as ocorrências de acusativo preposicionado e redobramento de clítico do português clássico como formas variantes de um mesmo fenômeno lingüístico estão assentados nas condições de semelhança das relações sintáticas de uso na formação dessas estruturas, aliadas à semelhança do período de manifestação dessas ocorrências naquela gramática.

Conforme a pesquisa indica, o acusativo preposicionado e o redobramento de clítico coocorrem no português clássico no mesmo período. Ambas as estruturas têm manifestação maior no português da segunda metade do séc. XVI e séc. XVII. O desaparecimento do acusativo preposicionado daquela gramática a partir do séc. XVIII leva ao desaparecimento concomitante das estruturas de redobramento de clítico.

Outro fato que vem corroborar com a hipótese que levanto neste trabalho é a presença nos textos de autores nascidos na primeira metade do séc. XVI de duas formas variantes de estruturas de redobramento de clítico com o pronome indefinido **todos**: com e sem a presença da preposição.

#### ( 3.6 ) Variante preposicionada

... o que a todos nos animou, & nos consolou muyto. ( F. Mendes Pinto;  
séc. XVI; p. 24 )

... mandou cercar a casa dos convidados , & tomandoos a todos, que eraõ  
dezassete, lhos trouxeraõ atados. ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 56 )

... os mandou matar a todos com uma morte crudelissima ( F. Mendes  
Pinto; séc. XVI; p. 56 )

... como os eu vy depois a todos. ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 56 )

... e achei-os a todos tão senhores d'isso ... ( F. de Holanda; séc. XVI;  
p. 87 )

... que os tratavam de os matar a todos ... ( D. Couto; séc. XVI; p. )

#### ( 3.7 ) Variante não preposicionada

... & mãdãdo muyto depressa lâçar os remeyros da lanchara ao mar,  
os metemos todos dentro ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 93 )

... & acudindo cõ muytas panellas de pólvora sobre os que estavam a  
bordo nas tres embarcações, os acabaraõ de axorar de todo, & lançalos todos  
ao mar, ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 110 )

Assim os deixaremos todos em sua tristeza, até tornarmos a êles.

( D. Couto, séc. XVI; p. 53 )

... e achando-os todos vivos. ( D. Couto, séc. XVI; p. 127 )

A presença de duas formas variantes, com e sem preposição, também é verificada em outras ocorrências de estruturas acusativas com objetos portadores do traço [ + humano ].

( 3.8 ) Variante preposicionada

... & era homem muyto rico, matou a el Rey, pelo achar cõ sua molher,  
pela qual causa foy tamanha a revolta ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p.96 )

... sendo eu moço e servindo ao Infante Dom Fernando e ao serenissimo  
Cardeal Dom Afonso, meu senhor. ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 87 )

Partida esta Armada, despachou o Governador a Dom João Mascarenhas  
pera ir entrar na Capitania de Dio ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 174 )

( 3.9 ) Variante não preposicionada

... e pera de tudo avisardes dom Pedro Mazcarenhas loguo, que tambem  
compre a meu serviço saber tudo muyto pelo meudo. ( D. João III; séc. XVI;  
p. 14 )

... para lhes fazer em Cochim a carga da pimenta, & avisar o Governador  
passado Nuno da Cunha, que ja lá estava estaua havia dias na nao santa  
Cruz, mal desposto ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 39 )

... duas legoas da fortaleza de Gileytor, onde achamos Anrique  
Barbosa com os quarenta Portugueses ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p.21 )

Logo ao outro dia nos partimos daquy de Chaul na volta de Goa, &  
sendo quasi tanto avante como o rio de Carapatão, encontramos Fernão de  
Morais Capitão de tres fustas ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 30 )

Aceitados os partidos, ficaram esperando pelo Meale, e entretanto  
despedio o Governador Diogo de Reinoso pera o Estreito de Meca em um  
navio de remo muito ligeiro ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 109 )

A presença de estruturas acusativas com e sem preposição formadas nos mesmos ambientes sintáticos me faz assumir a atuação de duas gramáticas na produção escrita desses autores: uma gramática que legitima o redobramento de clítico e o acusativo preposicionado; outra, que não legitima a formação dessas estruturas.

Nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, as estruturas de redobramento de clítico com o pronome indefinidos **todos** são realizadas com preposição.

( 3.10 ) Variante preposicionada

- ... tomando-lhe a mão, mostrá-lo a todos. ( L. de Sousa; séc. VI; p. 14 )
- ... porque o desejo de socorrer a seus naturaes, os incitava a todos a tomar as armas ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 195 )
- ... que tomais a graça e nos tendes pendurados a todos no desejo de vos ouvir? ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 100 )
- ... e a todos tres os enforçarão. ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 1 )
- ... que depois de os tripularem a todos, os alojarão em prisidios fechados. ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 71 )
- ... de os trazer a todos em regra ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 167 )
- ... se sirva de nos assistir a todos ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 102 )

A presença apenas da variante preposicionada nos dados de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII está em conformidade com o resultado apresentado nos dados de acusativo preposicionado em outros contextos : a variante preposicionada é a forma mais realizada.

Estes fatos são indicativos da presença no português daquele período de uma gramática que legitima formas diferentes de um mesmo fenômeno lingüístico.

Como generalização, assumo que o uso em freqüência maior de uma forma em detrimento da outra tem como motivo a natureza daquela gramática que legitima estruturas acusativas com clítico não fonologicamente realizado.

Observando as ocorrências de redobrimento de clítico e estruturas de acusativo preposicionado do romeno, do espanhol e seus dialetos, conforme as descrições, respectivamente, de Dobrovie – Sorin ( 1987 ) e Lois ( 1982 ), apresentadas no capítulo 1, podemos verificar a estrita relação na manifestação dessas estruturas acusativas também naquelas gramáticas. No romeno e em dialetos do espanhol, o acusativo preposicionado é realizado em estruturas de redobrimento de clítico; no espanhol peninsular, o acusativo preposicionado é realizado em estruturas de redobrimento de clítico acusativo quando o objeto tem o estatuto de pronome pessoal.

No português clássico, conforme os dados mostram, o acusativo preposicionado é realizado na forma de redobrimento de clítico com objetos representados por pronomes pessoais, pronomes de tratamento, sintagmas nominais e pelo pronome indefinido **todos**.

### ( 3.11 ) Redobrimento de clíticos acusativos com pronomes pessoais

- ... em que me affirmaraõ que matara mais de mil de vosoutros, afora a presa riquissima que tomou nellas, logo foy para elle me destruyr a mim ...
- ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 52 )

- ... ja te dirião como os dias passados matara eu meu pay, o qual fiz porque sabia que me queria elle matar a mim ... ( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 57 )
- ... porque a vós cegou-vos vê-la , e eu não vos entendo, nem vejo, senão porque a vejo a ella. ( F. de Holanda; séc. XVI; p. 228 )
- ... donde resultou amaldiçoalo a elle & sua geração, & lançar a benção a Sem & Japhet, que vendoo mal composto acudirão ao cubrir ... ( B. de Brito; séc. XVI; p. 48 )
- ... porque não he justiça que ella viva, & que o matem a elle.  
( A. Brandão; séc. XVI; p. 124 )
- ... diminua-os Vossa Alteza a elles ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 54 )
- ... para que tratem de o servir antes a ele... ( A. Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 106 )

### ( 3.12 ) Redobramento de clíticos acusativos com pronomes de tratamento

- ... por servi-los e vê-los a Vossas Mercês ... ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 130 )
- Quis a natureza orná-la a V. daquelas graças exteriores ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 76 )
59. Vê-lo eleito pelo Porto a Vossa Senhora é um de nossos empenhos ...  
( A. Garrett; Cartas; séc. XVIII; p. )

### ( 3.13 ) Redobramento de clíticos acusativos com sintagmas nominais

- Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos ...  
( A. Vieira; ; séc. XVII; p.89 )
- Guardo-o Deus ao senhor Procopio, nosso amigo velho ?  
Ora guarde-o Deus, senhor vizinho !  
( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )

Embora sejam estas as únicas ocorrências de estruturas de redobramento de clítico acusativo com pronomes de tratamento e sintagmas nominais encontradas no corpus, sua presença é suficiente para indicar a atuação de uma gramática que as legitima, em condições semelhantes à gramática romena e às gramáticas de dialetos do espanhol.

Considerando a presença concomitante no corpus de estruturas de redobramento de clítico dativo com pronomes pessoais, pronomes de tratamento e sintagmas nominais, assumo serem estas estruturas formadas por relações sintáticas semelhantes.

### ( 3.14 ) Redobramento de clítico dativo com pronomes de tratamento

- ... e quem lhe disse a Você, Senhor amo, que eu fiz tal aleivozia? ( M. da Costa; séc. XVII; p. 80 )
- ... e lhe traga a Vossa Excelência muito cedo as ordens ... ( A. Vieira;

Cartas; séc. XVII; p. 240 )

... vendo-os, possa melhor empregar-se nesta obra, a cujo rascunho Vossa Mercê dará na emenda a perfeição e na execução a felicidade, que Deus lhe dará a Vossa Mercê ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 82 )

Fortaleza de ânimo lhe encomendo a Vossa Mercê ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 65 )

Deus lhe dê a Vossa Mercê paciência ... ( C. Brochado; séc. XVII; p. 77 )

### ( 3.15 ) Estruturas de redobramento de clítico dativo com sintagmas nominais

Nem o Provincial nem o Prepósito lhe parecem muito a propósito ao Padre Pontilier. ( A Vieira; Cartas; séc XVI; 223 )

... foi porque lhe não succedesse a David com seus irmãos, o que tinha succedido a José com os seus ... ( A Vieira; Sermões; séc. XVII; p. 210 )

E que lhe importou a Daniel esta tão triste interpretação? ( A Vieira; H. do Fut. Séc. XVII; p. 56 )

Não lhe ficava ao duque Teodósio na terra outra vontade que pudesse regular suas acções, senão a da duquesa sua mãe, a quem sempre obedeceu com igual afeição que respeito. ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 9 )

As diferenças observadas na frequência de ocorrências de redobramento de clítico acusativo e dativo com pronomes de tratamento e sintagmas nominais fazem com que a gramática formadora dessas estruturas no português clássico se assemelhe à gramática do espanhol peninsular, que legitima o redobramento de clítico acusativo apenas com pronomes pessoais. Esta restrição não é verificada quando o clítico é dativo.

Outro fato que vem favorecer os argumentos que uso para o estabelecimento da proposta do acusativo preposicionado do português clássico como formas variantes de estruturas de redobramento de clítico é a formação desse tipo de estrutura apenas com clítico acusativo quando os objetos redobrados são representados pelo pronome indefinido **todos** (as ).

A restrição de formação de estruturas de redobramento de clítico dativo com pronomes dessa natureza indica relações diferentes das relações desencadeadas por esses elementos na condição de quantificadores flutuantes, assumidas por Dobrovie – Sorin ( 1987 : 40 - 41 ) para justificar as ocorrências do francês que apresentam redobramento de clítico dativo com este pronome.

### ( 3.16 )

Je leur parlé à tous.

Outros dados encontrados do corpus indicam o uso desse pronome em estruturas de redobramento de clítico acusativo :

### ( 3.17 )

... o que a todos nos animou, & nos consolou muyto ...

( F. Mendes Pinto; séc. XVI; p. 24 )

... o eco da trombeta do juízo universal nos chame a todos.

( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 219 )

Deus nos alumie a todos. ( A Chagas; séc. XVII; p. 28 )

Dai graças a Deus, que vos guarde e nos ajude a todos.

( A Chagas; séc. XVII; 162 )

Inveje-as a todas, festejando seus aumentos ...

( A Chagas; séc. XVII; p. 174 )

... nos deseja salvar a todos ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 112 )

... que ele os amansaria a todos, como firmemente esperava ...

( A. de Barros; séc. XVII; p. 200 )

E também o uso desses pronomes em estruturas de acusativo preposicionado sem redobramento.

( 3.18 )

... confiado na Providência divina, repartia francamente tudo por eles  
e consolava a todos. ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 34 )

Arcebispo abraçava a todos e consolava o prior.

( L. de Sousa; séc. XVI; p. 151 )

... a vaidade de discorrer melhor com tal excesso animava a todos ...

( M. da Costa; séc. XVII; p. 119 )

Ele vos guarde e guarde a todos ... ( A Chagas; séc. XVII; p. 136 )

... desde o momento em que reconheceu a necessidade de  
ligar-se vigorosamente com Espanha e Inglaterra, contra a França que  
ameaça e arruína a todos ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 183 )

Outro tipo de ocorrência verificada no corpus que vem favorecer os meus argumentos é a legitimação de estruturas de mini-orações com redobramento de clítico.

( 3.19 )

... que o fizesse Chistão a ele e a toda sua família ... ( D. Couto;  
séc. XVI; p. 39 )

... vos tenho a todos cansados ... ( F. Rodrigues Lobo;  
séc. XVI; p. 188 )

... deixando a todos magoados de sua morte ... ( M. de Galhegos;  
séc. XVI; p. 81 )

... deixando-o a elle amarrado ... ( M. da Costa; séc. XVII;  
p. 186 )

Quis a natureza orná-la a V. daquelas graças exteriores ...  
( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 76 )

A pesquisa mostra que as estruturas de mini-orações projetadas na ordem [ pred + suj ] são contextos regulares de formação de acusativo preposicionado no português clássico.

( 3.20 )

... que adoptou por seu filho a Osiris, que nacera de Zoroastes & de Rhea,  
& a Isis sua irmã, aos quais chamarão os gentios Juppiter & Juno ... ( B. de



Brito; séc. XVI; p. 78 )

... que tinham os moradores oprimidos, lhes deixou por Rey a Macedo seu filho, ou sobrinho... (B. de Brito; séc. XVI; p 113 )

Desejava fazer letrado ao senhor Dom António, seu filho ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 29 )

Nomeio mordomo mór a Pantaleão de Sá... ( A. Garrett; Teatro; séc. XVIII; p. )

### **3.4 A atribuição de Caso nas estruturas de acusativo preposicionado**

Nos dados apresentados acima, o acusativo preposicionado é realizado com e sem redobrimento de clítico.

A preposição é assumida na literatura como elemento atribuidor de Caso ao objeto dessas estruturas. Esta é a proposta de Ramos ( 1992 ) para justificar o acusativo preposicionado do português brasileiro dos séc. XVII - XVIII. Dobrovie – Sorin ( 1987 ) assume esta função para a preposição nas estruturas de redobrimento de clítico do romeno.

Para Jaeggli ( 1982 ), citado por Dobrovie- Sorin ( 1987 : 23 ), a preposição **a** não atribui Caso ao objeto; a presença da preposição nos objetos se deve a uma regra que a insere diante de um objeto com os traços [ + animado + específico ], mas o caso objetivo é sempre atribuído pelo verbo.

Dobrovie – Sorin ( op. cit : 24 – em nota de rodapé ) impõe objeção à proposta de Jaeggli, na medida em que, segundo a autora, sua proposta permite à conclusão de que numa estrutura de redobrimento de clítico o sintagma redobrado é desprovido de Caso, mesmo se ele é precedido de preposição.

Lois ( 1982 ), desconsidera a inserção da preposição nos objetos das estruturas acusativas do espanhol por motivo de atribuição de Caso. Sua proposta está centrada na condição de traços distintos e não distintos do sujeito e do objeto como fator de formação do acusativo preposicionado naquela gramática.

Em trabalho posterior, Jaeggli ( 1986 ) procura dar conta da inserção da preposição nas estruturas de acusativo preposicionado do espanhol peninsular e das estruturas de redobrimento de clítico de seus dialetos, propondo uma relação estabelecida nas bases de combinação de traços de Caso do elemento atribuidor de Caso e do elemento que o recebe. A esta combinação de traços, Jaeggli denomina par de Casos.

A formação no português clássico de estruturas de redobrimento visível de clítico acusativo com pronomes pessoais, com pronomes de tratamento, com sintagmas nominais e com o pronome indefinido **todos** ( as ), em condições semelhantes à formação desse tipo de estrutura no romeno e em dialetos do espanhol, me permite assumir que, também nestas ocorrências, o clítico é o elemento que recebe o Caso acusativo atribuído pelo verbo.

Poderíamos adotar a hipótese de Jaeggli do par de Caso para explicar as relações na atribuição do Caso acusativo do verbo nestas estruturas com preposição.

Em conformidade com sua proposta, as relações empreendidas na atribuição de Caso das estruturas de acusativo preposicionado seriam estabelecidas por meio de dois pares de Casos. O primeiro par seria estabelecido pelo verbo, na condição de atribuidor de Caso, e a preposição, na condição de elemento que recebe o Caso atribuído pelo verbo. O segundo par seria estabelecido pela preposição, na condição de elemento que atribui o Caso, e o objeto, na condição de elemento que recebe o Caso da preposição. Havendo combinação dos traços de Caso nesta relação, o Caso acusativo do verbo é atribuído ao objeto.

Na proposta de Jaeggli, as relações estabelecidas na atribuição de Caso das estruturas de redobrimento de clítico implicariam em três pares de Casos. O primeiro par envolveria o verbo com o clítico, o segundo par envolveria o clítico com a preposição e o terceiro par seria estabelecido entre a preposição e o objeto.

Tendo em conta que o português clássico legitima estruturas de acusativo preposicionado e estruturas de redobrimento de clítico, o problema que encontro na adoção desta proposta é que teríamos de assumir uma gramática que faz uso de relações pautadas ora em dois pares de Casos ora em três para dar conta da atribuição do Caso aos objetos preposicionados de estruturas variantes de um mesmo fenômeno lingüístico.

De outra parte, considerando que ambas as propostas, do clítico como absorvedor do Caso do verbo ou do clítico na relação de par de Caso, dão conta de explicitar a atribuição de Caso nessas ocorrências, a hipótese que levanto do acusativo preposicionado como forma variante de estruturas de redobrimento de clítico é assegurada.

Se assumirmos que as estruturas de acusativo preposicionado são formas variantes de estruturas de redobrimento com clítico não fonologicamente realizado, a questão da atribuição de Caso pode ser

explicada de acordo com as propostas mencionadas.

Evitamos, desse modo, o conflito de termos de assumir uma gramática que faz uso de relações diferentes na legitimação dessas ocorrências.

Embora estas propostas consigam dar conta da atribuição do Caso, fica ainda pendente a questão da referencialidade do clítico nestas construções.

### 3.5 Estruturas de acusativo preposicionado com fronteamento do objeto

Conforme é mostrado no capítulo 2, o acusativo preposicionado do português clássico também é formado em orações raízes com fronteamento do objeto. No corpus, o acusativo preposicionado neste contexto é assinalado nos dados de autores nascidos no séc. XVI, no séc. XVII e também no séc. XVIII.

A regularidade de inserção da preposição nos objetos com os traços [ + humano ] em posição pré-verbal indica ser este ambiente lingüístico contexto categórico de formação do acusativo preposicionado naquela gramática.

#### ( 3.21 ) Variante preposicionada

... a esta matou Perseo, por escusar com sua morte muitos damnos  
nados de sua fermosura. ( B. de Brito; séc. XVI; p. 245 )

A Túlio degolaram, e por mais o afrontarem, lhe cortaram aquela língua .

( M. Severino de Faria; séc.XVI; p.146 )

... a todos pode enganar, só a si não. ( M. da Costa; séc. XVII; p. 119 )

Ao Senhor Embaixador tivemos em cama estes oito dias ... ( A. Vieira;  
Cartas; séc. XVII; p. 241 )

Por outro lado, a presença no corpus de acusativo preposicionado e não preposicionado em estruturas de ordem O V com objetos que carregam os traços [ + humano – específico ], indica que a natureza de objetos [ + específicos ], deslocados para a posição pré-verbal, não é suficiente para a inserção da preposição.

#### ( 322 ) Variante preposicionada

A muitos tenho eu por inimigos ( disse Feliciano) ... ( F. Rodrigues  
Lobo; séc. XVI; p. 94 )

A ninguém quero mais; a ninguém devo mais. ( F. Manuel de Melo;  
Cartas Familiares; séc. XVII; p. 97 )

... porque veio meu Deus, que a ninguém teme ... ( M. Bernardes;  
séc. XVII; p. 74 )

#### ( 3.23 ) Variante não preposicionada

... e um conheci eu a que caíram as luvas e o chapéu da mão ...  
( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 90 )

... & este tal se não chamarà Rey, senão depois que tiver da Rainha filho varão. ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 120 )

Doutores tem a Santa Madre Igreja, que está em Roma... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 189 )

Muytas pessoas vio na doença da morte, e com outras se achou neste ultimo transe ... ( M. do Céu; séc.XVII; p. 185 )

Na condição de estruturas topicalizadas, sua formação envolveria movimento Wh com um Operador nulo em Comp, conforme a proposta de Chomsky ( 1977 ).

( 3.24 )

[ Ao Senhor Embaixador [ OP<sub>1</sub> tivemos e<sub>1</sub> em cama estes oito dias ]

Entretanto, as condições de formação do acusativo preposicionado impõem objeções à adoção desta proposta, tendo em vista que uma análise desse tipo não explica o motivo da preposição nos objetos fronteados.

Por outra lado, questões são levantadas se adotamos estas estruturas como estruturas topicalizadas e/ou focalizadas. Se a preposição nas estruturas acusativas de ordens V S O / V O tem sido justificada em função de atribuição de Caso, qual o motivo de sua presença nestas ocorrências com objetos deslocados para uma posição A-barra ?

Se a preposição é inserida nestes objetos por motivo de Foco e se o deslocamento de elementos focalizados implica em Movimento Wh, como explicar a ocorrência da variante não preposicionada de estruturas acusativas de ordem O V encontradas no corpus ? Como dar conta da preposição nas estruturas acusativas formadas nas ordens S V O / V S O / V O se sua inserção nos objetos fronteados for por motivo de Foco ?

A condição de quantificador lexical é assumida por Dobrovie- Sorin como fator de não formação de estruturas de redobrimento de clítico nas estruturas de acusativo preposicionado com objetos representados pelos quantificadores **nimeni** ( ninguém ) e **cineva** ( alguém ), conforme é indicado nos dados oferecidos por aquela autora, que apresento no capítulo 1.

Dobrovie – Sorin justifica a não formação de redobrimento com esses quantificadores nas bases da proposta de May ( 1977 ) do movimento do Quantificador ( M v t Q ). Conforme argumenta Dobrovie- Sorin, a regra do Movimento de Quantificador atua sobre os sintagmas que comportam operadores, no deslocamento desses sintagmas para uma posição de adjunção à oração dominante.

A FL que resulta deste movimento comporta um operador numa posição A-barra adjunta à oração e uma variável. O traço deixado pelo sintagma quantificado na posição de origem recebe o estatuto de variável ao nível da FL. A categoria nula resultante do M v t Q deve estar de acordo com às condições de boa formação que regem as variáveis : se achar numa posição A, ser marcada com Caso e ser ligada por

um operador.

Na justificativa de Dobrovie - Sorin, um clítico nestas estruturas absorveria o Caso do verbo; a categoria vazia por não receber o Caso do verbo não teria o estatuto de variável.

Nas estruturas de acusativo preposicionado de ordem O V dos dados do português clássico apresentados acima, os objetos fronteados são representados, respectivamente, por pronomes demonstrativos, por nome de pessoa, pelos quantificadores **todos** e **ninguém**, por nome próprio título e por nome quantificado. Em nenhuma dessas ocorrências, há presença visível do clítico.

Como os dados em ( 3.21 ) e ( 3.22 ) mostram, o português clássico também apresenta estruturas de acusativo preposicionado excluídas da condição de redobrimento de clítico, em situação semelhante ao romeno.

Nestas ocorrências, a natureza quantificacional dos objetos exclui uma relação com envolvimento de clítico, como propõe Dobrovie – Sorin para as estruturas acusativas do romeno com objetos dessa natureza. Nestas estruturas com objetos quantificadores deslocados, a variável recebe o Caso atribuído pelo verbo. Portanto, um clítico, não fonologicamente realizado, não pode ser assumido nestas ocorrências.

Os dados apresentados no capítulo 2 indicam que objetos preposicionados e não preposicionados de estruturas de mini-orações também são topicalizados.

#### ( 3.25 ) Variante preposicionada

A Guilherme criou Marquês de Monferrato ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 199 )

Aos Reys de Portugal servio por vezes de assento de sua Corte.  
( A. Brandão; séc. XVI; p. 195 )

A todos os anjos e serafins, a todos êsses espíritos bem-aventurados deixaria eu bem aventurados ( A. Chagas; séc. XVII; p. 14 )

A esta soberana e augustíssima Senhora intitulam os Santos Padres mãe da alegria, raiz do contentamento e gozo universal do mundo ...  
( M. Bernardes; séc. XVII; p. 37 )

#### ( 3.26 ) Variante não preposicionada

Alguns ( disse o Doutor ) conheci eu culpados nesse modo impertinente de falar ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 179 )

Pelas razões já colocadas, objetos com o traço [ + específico ] não caracterizam estruturas de Foco e, portanto, seu deslocamento para o início da oração não implica em movimento Wh, movimento este assumido para as ocorrências que apresentam objetos em Tópico / Foco e objetos com os traços quantificacionais em posição pré-verbal.

Se os objetos preposicionados [ + específicos ] em posição pré-verbal não configuram estruturas topicalizadas, não envolvendo, portanto, deslocamento do objeto por movimento Wh, a categoria vazia na posição de argumento interno do verbo não pode ter o estatuto de variável.

Não tendo o estatuto de variável, a categoria vazia pode ser assumida como **pro**. Neste caso **pro** seria localmente identificado pelo clítico.

Partindo destas considerações, poderíamos assumir que, nas ocorrências de acusativo preposicionado de ordem O V do português clássico com objetos [ + específico ], o clítico estaria presente na estrutura; apenas não teria realização fonológica. Estas estruturas se assemelhariam às estruturas de tematização do romeno

Dobrovie – Sorin ( 1987 ) assume as estruturas do romeno que apresentam clítico e fronteamto do objeto como estruturas de tematização. Na argumentação da autora , estas estruturas do romeno se assemelham às estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica, assumida por Rizzi ( 1984 ) para o italiano.

Conforme propõe Dobrovie-Sorin ( op. cit : 133; 136 ), nestas ocorrências do romeno e do italiano,

( 3.27 )

( Pe ) Ion  $l_1$  – am intilnit  $e_1$  anul trecut.

( Pe ) Jean ( je )  $l_1$  – ai rencontré  $e_1$  l'année dernière.

( A ) Jean o encontrei o ano passado.

Gianni,  $lo_1$  vendró  $e_1$  domani.

Gianni $_1$ , ( je ) le verrai demain.

Gianni, ( eu ) o verei amanhã.

há formação de uma cadeia clítica que precisa estar submetida à condição boa de formação de cadeia. Estes casos, por não configurarem deslocamento Wh, não implicam em uma configuração do tipo operador nulo – variável.

Na observação de Dobrovie – Sorin ( op. cit : 28 ), o acusativo preposicionado não é necessário quando o NP- redobrado se encontra na posição periférica mais alta à esquerda da oração.

Nas descrições daquela autora, em condições semelhantes à topicalização, as estruturas de tematização do romeno são sensíveis às ilhas Wh.

O problema que se apresenta na colocação desta hipótese para a explicitação das ocorrências do português clássico é a presença, no corpus, de estruturas de acusativo preposicionado nesta ordem configuracional, formadas com visível violação de ilhas Wh.

Nos dados do português clássico que apresento abaixo, há violação de ilhas Wh de relativas.

( 3.28 )

Aos curas que achava de boa vida e costumes, que faziam bem seu  
ofício, honrava ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 80 )

A hum menino filho de sua sobrinha a Marquesa de Anjeja, que em  
mezes de nacido, passou à fortuna de glorioso, vio logo que acabou ...  
( M. do Céu; séc.XVII; p. 180 )

A uma senhora que exercitaua muytas virtudes, e hauia sò tido a falta de  
hauer sido muyto excessiva nos enfeytes, sem outro fim mais, que o de  
seguir nestanimiandade o seu genio, vio depois de fallecida ... ( M. do Céu;  
séc.XVII; p. 180 )

A boa formação dessas ocorrências indica que a categoria vazia na posição de argumento interno

do verbo tem o estatuto de **pro**, não de uma variável ( cf. Cole, 1987 : 602 ).

Também nestas estruturas, **pro** é localmente identificado pelo clítico, neste caso, não fonologicamente realizado.

Estas ocorrências de estruturas acusativas do português clássico se assemelham às estruturas de objetos nulos do português brasileiro que apresentam visível desobediência às restrições de subjacência ( cf. Kato; 1993 ).

Naquele trabalho, Kato assume a proposta de Farrel ( 1987, 1989 ) do objeto nulo com o estatuto de **pro** para justificar a boa formação no PB de ocorrências que no português europeu moderno são excluídas por desobedecerem às restrições de subjacência ( cf. Raposo, 1986 ).

Kato postula um clítico nulo de terceira pessoa para o PB, assumindo a categoria pronominal de Farrel ( 1990 ) em dêitica e não dêitica, sendo que somente **pro** não dêítico seria é submetido ao princípio B.

( 3.29 )

O rapaz que trouxe **e<sub>1</sub>** gora mesmo da padaria era Pedro.  
Eu informei a polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado **e<sub>1</sub>** no cofre da sala de jantar.

Na argumentação de Kato, o objeto nulo com o estatuto de **pro** nestas ocorrências não tem características de um dêítico nulo. Não tendo o estatuto de um dêítico nulo, **pro** nessas estruturas pode ser identificado pragmaticamente e/ou lingüisticamente. Para a autora, no português europeu moderno, a identificação de **pro** nestas ocorrências pode ser feita com a presença do clítico na estrutura.

Kato propõe que é a hipótese do clítico – zero do PB que explica o motivo daquela gramática ter objetos nulos em posições onde o PE não os permite. Conforme observa Kato, nas estruturas nas quais o PB tem clítico nulo, com aparente violação de ilhas, o PE tem um clítico foneticamente realizado.

Para Kato, a boa formação e a má formação das estruturas do PB, abaixo colocadas, se deve ao fato de que os pronomes lexicais podem ter um antecedente em posição de C-comando e também de não C-comando, enquanto o clítico nulo só pode ter um antecedente em posição de não C-comando.

( 3. 30 )

Paula<sub>1</sub> disse à Maria<sub>j</sub> que Pedro beijou **e<sub>i</sub> \* / j \***  
Paula<sub>i</sub> disse à Maria<sub>j</sub> que Pedro beijou ela<sub>i</sub> / j \*

Na proposta de Kato, a boa formação da estrutura do PB de objeto nulo do dado apresentado por Farrel ( 1989 ) se deve ao fato de que o elemento referenciador da categoria vazia está em posição de não C – comando.

( 3.31 )

Pedro disse sobre a Maria<sub>1</sub> que Luiz viu **e<sub>1</sub>** na festa.

Na definição de Kato, o objeto nulo do PB pode se apresentar com o estatuto de um dêítico nulo, uma variável e/ou **pro**.

O objeto nulo tem o estatuto de um dêítico nulo se ele não tem nenhum antecedente. Por outro lado, o objeto nulo tem o estatuto de uma variável se ele tem um antecedente que o C-comanda. Este elemento tem o estatuto de **pro** se ele tem **um antecedente em posição de não**

### C-comando.

Posições de não C-comando do clítico nulo no PB são assinaladas por Kato nas seguintes configurações:

( 3.32 ) O antecedente é regido por um núcleo externo.

Falando de bolo<sub>i</sub> , o Pedro  $\text{Æ}_i$  - comeu.  
João disse sobre a pasta<sub>i</sub> que Pedro  $\text{Æ}_i$  - perdeu.  
Eu comprei o casaco<sub>i</sub> sem  $\text{Æ}_i$  - experimentar.  
João descascou a banana<sub>i</sub> e Pedro  $\text{Æ}_i$  - comeu.

( 3.33 ) O antecedente é regido por um núcleo nulo.

(  $\text{Æ}$  ( o bolo<sub>i</sub> ) ), o Pedro  $\text{Æ}_i$ -comeu.

( 3.34 ) O antecedente é Tópico- discursivo, recuperável de uma sentença anterior.

E quanto ao bolo ?

O Pedro  $\text{Æ}_i$ -comeu ontem.

Em sua análise, um Tópico ligado ao discurso é qualquer constituinte que precede o objeto nulo e é regido por um núcleo. Nenhum Operador ou cadeia são assumidos, e sua associação é meramente por correferência. A posição deslocada à esquerda obedece ao Filtro do caso e o seu núcleo, lexical ou não, atribui Caso. Essas estruturas de clítico nulo do PB têm um antecedente não - local que não as C-comanda.

Em sua proposta, a referencialidade do clítico nulo do PB se encontra em elementos realizados em posição de **não C- comando**.

No português clássico, outras ocorrências assinaladas no corpus mostram que a gramática que forma o acusativo preposicionado legitima objetos nulos com o estatuto de **pro**.

( 3.35 )

... porque todos amaõ mais que muito a Vossa Alteza que Deos guarde  
etc. ( M. da Costa; séc. XVII; p. 54 )

Fico às ordens de Vossa Excelência , que Deus guarde como desejo.  
( A. Gusmão; séc. XVII; p. 44 )

... tenho a honra de pedir a Vossa Alteza a sua bênção, e muitos  
empregos de servir a pessoa de Vossa Alteza , que Deus guarde com feliz  
saúde por mui dilatados anos. ( A. Gusmão; séc. XVII; p. 52 )



Fico para servir a Vossa Excelência , que Deus guarde. ( A. Gusmão;  
séc. XVII; p. 133 )

Nas bases da proposta de Kato para o PB, podemos assumir o estatuto de **pro** não dêitico para o objeto nulo destas ocorrências do português clássico, considerando que este elemento tem seu antecedente no contexto lingüístico.

Na argumentação de Kato ( 1994 : 132 ), o clítico nulo do PB licencia **pro**, que como o **pronome lexical pode ser correferencial com algum constituinte fora de seu domínio**. Assumindo a proposta de Kato para o PB, poderíamos dizer que também nas ocorrências em ( 3.28 ) e ( 3.35 ) do português clássico, **pro** seria identificado e licenciado por um clítico não dêitico sem realização fonológica.

Diferentemente do clítico nulo [ + referencial – animado ] de terceira pessoa, legitimado em estruturas acusativas do PB ( Kato, 1993; 1994; Cyrino, 1994 ), assumo que nas estruturas de acusativo preposicionado do português clássico o clítico não tem o mesmo estatuto de clítico nulo do PB. Nas estruturas de acusativo preposicionado do português clássico, o clítico está presente na derivação, apenas não tem realização fonológica.

Há também no corpus, ocorrências de objeto nulo que refletem a elipse do VP ( cf. Raposo, 1986; Kato, 1994 ).

( 3.36 )

Parece-me que para limoeiro do têrmo, bastam e sobejam ( F. Manuel de  
Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 120 )

Sôbre tudo guarde Nosso Senhor e livre a pessoa de Vossa Mercê como  
fico desejando. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p.125 )

... e todos nos entreguemos a Deus, que guarde a Vossa Mercê, como lhe  
peço e desejo, por muitos anos. ( A. Chagas; séc. XVII; p. 63 )

Sua Divina Majestade guarde a Vossa Reverência quanto lhe peço e  
desejo. ( A. Chagas; séc. XVII; p. 74 )

Êle guarde a Vossa Mercê quanto lhe peço. ( A. Chagas; séc. XVII;  
p. 183 )

A pessoa de Vossa Excelência guarde Deus como desejo, para defesa e  
crédito de Portugal. ( A. Gusmão; séc. XVII; p. 129 )

A evidência empírica que me permite tomar o objeto nulo das estruturas acusativas das ocorrências em ( 3.28 ) com o estatuto de **pro** e não de uma variável está assentada na presença visível do clítico em ocorrências de estruturas acusativas variantes.

( 3.37 )

A huma pessoa grande que lhe communicou o intento que tinha na  
escolha de marido, para a herdeyra de sua caza, a persuadia que mudasse  
de intento ... ( M do Céu; séc.XVII; p. 186 )

Assumo que a proposta de Kato da presença do clítico nulo em estruturas acusativas do PB, legitimado por uma relação de não C-comando, dá conta de explicar a formação das ocorrências de estruturas de acusativo preposicionado de ordem O V dos dados em ( 3.28 ) e ( 3.35 ) do português clássico. Nestas ocorrências, o clítico não lexicalmente realizado teria sua referência no objeto preposicionado em posição de não C - comando, ou seja, em posição fora do domínio de regência do clítico.

### 3.6 A referencialidade nas estruturas de acusativo preposicionado

Considerando que na proposta de Kato para o PB a referencialidade do clítico nulo está em um elemento em posição de não C-comando e que sua proposta dá conta de explicar a referencialidade do clítico sem realização fonológica das ocorrências do português clássico em ( 3. 28 ) e ( 3.35 ), que apresentam clítico não dêitico sem realização lexical, pergunto: Como explicar a correferencialidade do clítico com os objetos preposicionados nas estruturas de redobramento ?

As propostas oferecidas para resolver o problema de atribuição de Caso dos objetos preposicionados omitem a questão do papel referencial desses elementos neste tipo de construção. Se o elemento referenciador do clítico sem realização lexical está em posição de não C-comando, como explicar o uso de objetos preposicionados nas estruturas acusativas de ordens V S O / V O ? Como explicar nas estruturas de redobramento a legitimação de objetos na condição de elementos referenciadores dos clíticos visivelmente realizados, em concordância com os princípios B e C da teoria de ligação ?

Levando em conta a natureza pronominal dos clíticos, a condição referencial dos objetos preposicionados sem violação do princípio B nas estruturas de redobramento implica estarem esses elementos fora do domínio do clítico, ou seja, fora do VP.

Conforme já argumentei, em concordância com a proposta de Kato para o PB, podemos assumir que nas estruturas de acusativo preposicionado do português clássico o elemento referenciador do clítico não foneticamente realizado está em posição de não C-comando.

A posição de não C-comando como condição de não violação do princípio B implica, por sua vez, estarem estes objetos fora da categoria de regência do clítico.

Dentro dessas argumentações, podemos concluir que a correferencialidade do objeto preposicionado com o clítico das estruturas de redobramento é legitimada nesta relação de não C-comando.

Considerando que nas estruturas de redobramento esta condição referencial do objeto é verificada independentemente da posição pré ou pós – verbal desse elemento na estrutura, podemos dizer que a posição de não C-comando é estabelecida pelo próprio objeto preposicionado.

Dentro desta proposta, a realização pré – verbal dos objetos nas estruturas de Deslocação Clítica à Esquerda e a realização pós – verbal dos objetos das estruturas de redobramento podem ser justificadas em condições semelhantes. Em ambas as ocorrências, a preposição se apresenta como fator que permite a realização dos objetos na condição de elementos referenciadores do clítico.

#### ( 3.38 ) Redobramento de clítico

Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos ...

( A. Vieira; Sermões; séc. XVII; p.89 )

... por servi-los e vê-los a Vossas Mercês ...

( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 130 )

Elementos em posição de não C-comando na estrutura implicam, por sua vez, estarem esses elementos em posição não argumental. Neste caso, os objetos preposicionados das estruturas de redobrimento não podem ser assumidos a ocuparem a posição de **pro**, uma posição argumental.

De outra parte, constituintes não C-comandantes na estrutura frasal têm o estatuto de PPs. Estes fatos me levam a assumir a configuração de PPs para os objetos preposicionados das estruturas de redobrimento de clítico do português clássico

A configuração de PPs dos objetos preposicionados vem resolver também a questão da atribuição de Caso. Nestas estruturas, sendo o clítico o elemento que recebe o Caso acusativo do verbo, cabe à preposição atribuir Caso aos objetos. Na configuração de PPs, esses objetos preposicionados recebem o Caso default, tendo em conta que o Caso destes objetos se apresenta desvinculado do Caso atribuído pelo verbo.

Se os objetos preposicionados das estruturas de redobrimento de clítico têm o estatuto de PPs, este também também deve ser o estatuto dos objetos das estruturas de acusativo preposicionado sem redobrimento visível de clítico.

Em condições semelhantes às estruturas de redobrimento visível de clítico, nas estruturas de acusativo preposicionado, o elemento referenciador do clítico não fonologicamente realizado é o objeto preposicionado em posição de não C-comando.

Dentro das considerações feitas acima, a configuração de PPs desses objetos dá conta de explicar a referencialidade estabelecida nas estruturas de acusativo preposicionado sem violação do princípio B, estando os objetos em posição pré ou pós – verbal.

### ( 3.39 ) Objetos preposicionados em posição pré-verbal

A Túlio degolaram, e por mais o afrontarem, lhe cortaram aquela língua .

( M. Severino de Faria; séc.XVI; p.146 )

Ao Senhor Embaixador tivemos em cama estes oito dias ... ( A. Vieira;

Cartas; séc. XVII; p. 241 )

### ( 3.40 ) Objetos preposicionados em posição pós-verbal

... aconteceu que, vencendo o Imperador da Abasia ao Rei de Zeilá ...

( D. Couto; séc. XVI; p. 50 )

Com semelhantes sentenças exortava o santo anacoreta a Eulógio ...

( M. Bernardes; séc. XVII; p. 162 )

Conseguimos com estas argumentações justificar a condição referencial dos objetos preposicionados com traço [ + específico ] com o clítico, realizado fonologicamente ou não.

A evidência empírica robusta que me leva a propor o acusativo preposicionado como forma variante de estruturas de redobrimento de clítico, com clítico sem realização fonológica, está na natureza semelhante dos objetos preposicionados em uso em ambas as ocorrências. Assim como nas estruturas de

redobramento, os objetos das estruturas de acusativo preposicionado têm frequência maior de ocorrência quando esses elementos carregam o traço semântico [ + humano ].

Nas estruturas de redobramento, o objeto redobrado tem os mesmos traços formais do clítico. A condição dos objetos com os mesmos traços formais do clítico explica a formação do acusativo preposicionado, na suposição de que nestas ocorrências o clítico está presente na estrutura, apenas não tem realização fonológica.

Dentro destas argumentações, assumo que nas estruturas acusativas sem preposição o objeto não tem esse caráter referencial. Nestas estruturas, o objeto não preposicionado ocuparia a posição de **pro**. Estando o objeto na posição de argumento do verbo, **pro** não pode ser assumido a ocupar aquela posição.

Por outro lado, a condição referencial dos objetos preposicionados, estabelecida por meio de uma relação de não C-comando desses elementos na configuração de PPs, indica que esses elementos são realizados fora do VP. Sendo os objetos preposicionados realizados fora do VP, **pro** é assumido a ocupar a posição de constituinte subcategorizado pelo verbo.

Nas ocorrências da variante não preposicionada, os objetos permanecem na posição canônica de argumento do verbo, realizados, portanto, dentro do VP. Não há, nestas estruturas, a presença de **pro** nem do clítico, visível ou sem realização lexical.

Nestas considerações, podemos dizer que as estruturas variantes sem preposição encontradas no corpus são formadas por duas gramáticas distintas. Há estruturas acusativas sem preposição formada por uma gramática de natureza não V2 que não legitima o redobramento de clítico e, portanto, não legitima também o acusativo preposicionado. Nestas estruturas acusativas sem preposição, o objeto é realizado dentro do VP, como elemento subcategorizado pelo verbo.

Há também estruturas acusativas sem preposição formadas por uma gramática de natureza V2, que legitima a formação de estruturas de redobramento de clítico e acusativo preposicionado. Nestas variantes não preposicionadas, a não inserção da preposição implica no não estabelecimento da condição referencial dos objetos com clíticos. Não sendo elementos referenciadores do clítico, os objetos dessas variantes sem preposição permanecem no VP, na posição canônica de elementos subcategorizados pelo verbo. Nestas variantes não preposicionadas, a natureza do objeto e/ou seus traços formais podem justificar o motivo de sua não realização na forma de redobramento de clítico.

Considerando que objetos com traços quantitativos também formam o acusativo preposicionado no português clássico, a inserção da preposição nesses objetos tem de ser também justificada como fator de estabelecimento de uma relação de não C-comando, embora não haja envolvimento de clítico na estrutura.

( 3.41 )

A ninguém quero mais; a ninguém devo mais. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 97 )

**A variante não preposicionada também é formada com objetos dessa natureza.**

( 3.42 )

Alguns ( disse o Doutor ) conheci eu culpados nesse modo impertinente de falar ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 179 )

Temos nestas ocorrências, objetos com traços quantificacionais em frenteamento. A natureza quantificacional desses objetos indica estruturas acusativas sem clítico, tendo em conta que sua formação implica, na FL, em Movimento de Quantificador ( May, 1977 ), e, conseqüentemente, na relação Operador – variável.

Estas ocorrências reafirmam o papel desempenhado pela preposição nas estruturas acusativas como recurso usado pela gramática no estabelecimento de uma relação de não C-comando. Nas estruturas acusativas com objetos [ + específicos ], a relação de não C – comando permite a correferencialidade destes elementos com o clítico, visível ou não na estrutura. Nestas, a presença da preposição nos objetos com traços quantificacionais posicionados no Spec CP estabelece a condição de que o elemento referenciador da variável tem de estar em posição de não C-comando, em conformidade com o princípio C.

Tendo o mesmo comportamento das expressões – R ( cf. Lasnick e Uriagereka, 1988 : 134 ), a variável também não pode ser ligada a alguma coisa que a C-comanda.

Em condições diferentes da ocorrência em ( 3.41 ), que apresenta o quantificador **ninguém** precedido da preposição **a**, na ocorrência em ( 3.42 ), a preposição está ausente.

Nestas ocorrências, temos objetos com traços quantificacionais preposicionado e não preposicionado em posição de não C - comando.

Assim como nas estruturas acusativas com objetos [ + específicos ], a presença da preposição nesses objetos – quantificadores indica o seu deslocamento do VP. Nestas ocorrências, os objetos quantificadores preposicionados em posição pré-verbal são realizados no Spec CP.

Se esses objetos preposicionados na configuração de PPs estão adjuntos ao Spec CP, precisamos assumir que nas ocorrências com objetos não preposicionados em posição pré – verbal, estes elementos não são realizados naquela posição. Eles estariam ocupando uma posição pré-verbal distinta da posição ocupada pelos objetos preposicionados. Assumo estarem os objetos não preposicionados posicionados em TOP, uma posição de não C – comando. Nestas estruturas, um outro elemento pode ser realizado na posição de Spec CP.

Refletindo o mesmo comportamento dos objetos [ + específicos ], a não presença da preposição nos objetos com traços quantificacionais revela o seu posicionamento dentro do VP, na posição canônica de elemento subcategorizado pelo verbo.

( 3.43 )

Para a hora da cea não chamava ninguém ... ( L. de Sousa; séc. XVI; p. 63 )

Não vejo ninguém” ... ( A Garrett; Viagem na Minha Terra;

séc. XVIII; p. )

Duas posições são assumidas também por Dobrovie- Sorin ( 1987 ) para justificar a formação de estruturas de tematização ( CLLD ) e as estruturas acusativas com os objetos com o estatuto dos quantificadores **nimeni** ( ninguém ) **cineva** ( alguém ) em posição pré-verbal.

Dobrovie – Sorin propõe que esses objetos quantificadores estão em Comp, por relações com envolvimento na LF da regra de Mvt Q, proposta por May ( 1977 ). Nas estruturas de tematização ( CLLD ), os objetos tematizados ocupam na estrutura a posição Spec F, projetada abaixo de Comp.

No português clássico, como já assinalai , há formação de quatro tipos de estruturas com objetos em posição pré-verbal : objetos [ + específicos ] preposicionados e não preposicionados e objetos [ - específicos ] preposicionados e não preposicionados.

Diferentemente da proposta de Dobrovie – Sorin para o romeno, argumento que, no português clássico, os objetos [ + específicos ] e objetos [ - específicos ] preposicionados estariam ocupando uma mesma posição pré-verbal. Proponho que os objetos preposicionados em posição pré-verbal são realizados no Spec CP de estruturas transitivas formadas por uma gramática de natureza V2 que apresenta o verbo em C<sup>0</sup> ( cf. Roberts, 1993; Ribeiro, 1995 ).

Por sua vez, os objetos [ + específicos ] e [ - específicos ] não preposicionados em posição pré – verbal estariam posicionados em TOP. Um Operador nulo ocuparia a posição de Spec CP e uma variável estaria na posição de argumento interno do verbo.

Conseguimos, assim, dar conta da presença da preposição nos objetos com traços quantificacionais de estruturas acusativas de ordem O V.

A grosso modo, estas estruturas variantes teriam duas diferentes ordens configuracionais:

( 3.44 )

A ninguém quero mais; a ninguém devo mais. ( F. Manuel de Melo;  
Cartas Familiares; séc. XVII; p. 97 )

TOP [ CP a obj V suj [ VP t<sub>v</sub> t<sub>obj</sub> ] ]

( 3.45 )

Alguns ( disse o Doutor ) conheci eu culpados nesse modo  
impertinente de falar ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 179 )

[ TOP obj [ CP V suj [ VP t<sub>v</sub> [ mini-or t<sub>obj</sub> pred ] ] ] ]

A configuração de PPs dos objetos preposicionados e a relação de não C-comando por eles estabelecida lhes conferem o estatuto de estrutura em adjunção. Desse modo, podemos propor que os objetos preposicionados das estruturas acusativas de ordem O V têm comportamento de verdadeiros PPs. Nestas estruturas acusativas, os objetos preposicionados são realizados em adjunção ao Spec de CP.

O estatuto de elementos adjuntos ao Spec de CP dos objetos preposicionados condiz com os efeitos V2 observados em outras ocorrências de estruturas acusativas encontradas no corpus.

Nestas ocorrências, o sujeito quando expresso, é realizado em posição pós-verbal. O verbo pode vir precedido de sintagmas preposicionais, de estruturas oracionais de natureza adverbial e/ou outros

elementos natureza adverbial.

( 3.46 )

Despedido Simão Botelho, despachou o Governador a Dom Manoel  
de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim ... ( D. Couto; séc. XVI;  
p. 72 )

Partida esta Armada, despachou o Governador a Dom João  
Mascarenhas pera ir entrar na Capitania de Dio ... ( D. Couto;  
séc. XVI; p. 174 )

... & aos cincoenta & quatro teve Sarug a seu filho Nachor ...  
( Bernardo de Brito; séc. XVI; p. 65 )

Com semelhantes sentenças exortava o santo anacoreta a Eulógio ...  
( M. Bernardes; séc. XVII; p. 162 )

### 3.7 O clítico como sujeito de mini-orações

Como explicar a formação do acusativo preposicionado no contexto de mini-orações dentro da proposta dos objetos preposicionados projetados na configuração de PPs, tendo em vista a natureza predicativa daquelas estruturas ?

Conforme a pesquisa mostra, o acusativo preposicionado do português clássico é formado em estruturas de mini-orações projetadas nas ordens [ suj + pred ], [ pred + suj ], [ suj + verbo + pred ] e [ pred + V + suj ].

( 3.47 ) Ordem [ suj + pred ]

... deixando ao senhor da casa magoado de se acabar tão depressa a  
conversação ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 27 )

Nomeou a Dom António de Melo por camareiro-mor ... ( F. Manuel de  
Melo; T. Português; séc. XVII; p. 28 )

( 3.48 ) Ordem [ pred + suj ]

... deixando nomeado por herdeiro de tôda sua fazenda ao Mealecan ...  
( D. Couto; séc. XVI; p. 111 )

Tenho aqui de alguns dias a esta parte por companheiro a Ene.  
( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 89 )

( 3.49 ) Ordem [ suj + V + pred ]

A Guilherme criou Marquês de Monferrato ... ( F. Rodrigues Lobo;  
séc. XVI; p. 199 )

A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava .. ( M. da

Costa; séc. XVII; p. 52 )

( 3.50 ) Ordem [ pred + V + suj ]

Por secretário recebeu a António Paes Viegas, e a Francisco de Sousa com que o duque seu pai socorria a alguns fidalgos pobres ... ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 28 )

Conforme mostram os dados abaixo, estruturas de redobramento de clítico são formadas também em estruturas de mini-orações.

( 3.51 )

... que o fizesse Chistão a ele e a toda sua família ... ( D. Couto; séc. XVI; p. 39 )

Mas deixemo-los a eles com seu engano ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 139 )

... vendo-o a êle tão piqueno, lhe perguntou, motejando dêle ... ( F. Rodrigues Lobo; séc. XVI; p. 83 )

... deixando a todos magoados de sua morte ... ( M. de Galhegos; séc. XVI; p. 81 )

... deixando-o a elle amarrado ... ( M. da Costa; séc. XVII; p. 186 )

Quis a natureza orná-la a V. daquelas graças exteriores ... ( M. de Alorna; séc. XVIII; p. 76 )

Há também formação de estruturas de mini-orações com clítico sem o objeto redobrado.

( 3.52 )

... foi de êle ficar na Cidade de Cahandar, e fazê-lo Rei daquela parte ( Diogo Couto; séc. XVI; p. 18 )

... e alegá-lo por cúmplice e exemplar ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 36 )

... e começou a confessá-lo por profeta ... ( M. Bernardes; séc. XVII; p. 126 )

... e foi logo bastar para fazê-lo estéril dele o cuidar eu que me servia. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 36 )

A formação estruturas de redobramento de clítico em estruturas de mini-orações contribui, sobremaneira, para o assentamento das hipóteses que levanto neste trabalho : as ocorrências de acusativo preposicionado como formas variantes de estruturas de redobramento de clítico e a natureza de PPs dessas estruturas acusativas.

Assento minhas argumentações tomando como base de apoio a formação das estruturas de redobramento de clítico em estruturas de mini-orações e na natureza referencial dos objetos



preposicionados.

O fato que vem tornar procedente a hipótese da natureza de PPs dos objetos preposicionados no contexto de mini-orações, considerando a natureza predicativa dessas estruturas, é a formação desse tipo de estrutura apenas com clítico, conforme é mostrado em ( 3.52 ). Nestas ocorrências, o clítico, visivelmente, é o sujeito da mini-oração.

Tenho proposto que objetos preposicionados [ + específicos ] fronteados estão posicionados no Spec de CP, implicando em estrutura de redobramento com clítico visível ou não na estrutura.

Nas ocorrências em ( 3.49 ), o acusativo preposicionado é formado no contexto de mini-oração de ordem [ suj + V + pred ]. Nestas estruturas, apenas o objeto preposicionado é realizado em posição pré-verbal. O predicado da mini-oração permanece em situ, dentro do VP. Este fato é significativo na medida em que vem reafirmar a presença do clítico na estrutura sem realização lexical. Proponho ser o clítico, mesmo sem realização lexical, o sujeito dessas mini-orações. A configuração de PPs dos objetos preposicionados lhes permite a condição de elementos referenciadores do clítico sem violação do princípio B.

Na ocorrência em ( 3.45 ), o objeto deslocado é um quantificador. Não há inserção da preposição. Também naquela estrutura de mini-oração, o objeto é realizado em posição pré-verbal ; o predicado da mini-oração permanece em situ. Com o deslocamento do objeto por movimento Wh, a variável passa a representar o papel de sujeito da mini-oração.

Em condições semelhantes às que proponho para justificar a presença de objetos com preposição e sem preposição nas outras estruturas acusativas de ordem O V, assumo que o objeto preposicionado das estruturas de mini-orações em ( 3.49 ) está adjungido ao Spec CP e o objeto da variante não preposicionada em ( 3.45 ) está posicionado em TOP, como propus anteriormente. .

Não existe nestas ocorrências uma distribuição complementar entre as estruturas que apresentam objetos preposicionados e clítico e as estruturas com objetos preposicionados sem clítico. Na medida em que é o clítico, visível ou não, o elemento receptor do Caso do verbo, as ocorrências de acusativo preposicionado formadas em estruturas de mini – orações podem ser assumidas como formas variantes de estruturas de redobramento de clítico. Nestas ocorrências, o clítico estaria presente na estrutura, apenas não teria manifestação fonológica.

A proposta que apresento de duas posições pré – verbais distintas de realização dos objetos preposicionados e não preposicionados de estruturas acusativas de ordem O V confirma a suposição dos gramáticos antigos, assumida por Lois ( 1982 ) de que a preposição é inserida nos objetos que podem ocupar a posição do sujeito em estrutura oracional com ordem livre dos constituintes.

Na hipótese que apresento, o objeto com preposição das estruturas acusativas do português clássico de ordem O V está adjungido ao Spec CP. Nas gramáticas V2, o Spec CP, abriga qualquer tipo de constituinte, inclusive o objeto direto. Nas orações de ordem canônica , a posição pré-verbal é a posição

de realização do sujeito.

### 3.8 O redobramento de clítico dativo do português clássico

Em condição semelhante às estruturas de redobramento de clítico acusativo, a manifestação das estruturas de redobramento de clítico dativo no português clássico também coocorre com a manifestação do acusativo preposicionado.

No corpus, encontramos estruturas de redobramento de clítico dativo com pronomes pessoais, pronomes de tratamento e sintagmas nominais.

O mesmo comportamento verificado na formação de redobramento de clítico acusativo é verificado na formação de redobramento de clítico dativo. Também neste tipo de estrutura, há frequência maior de ocorrência com pronomes pessoais do que com pronomes de tratamento e/ou sintagmas nominais durante todo o percurso histórico.

( 3.53 )

- ... asy lhe faço a elle boa amizade e lhe guardo ho que elle a mym no  
que atee aguora pasou ... ( D. João III; séc. XVI, p. 9 )
- ... a mym me acenou que olhasse para alyesta nossa lhe importa a elle  
mais que todas as outras para este seu danado proposito ... ( F. de Holanda;  
séc. XVI; p. 56 )
- ... e quem lhe disse a Você, Senhor amo, que eu fiz tal aleivozia? ( M. da  
Costa; séc. XVII; p. 80 )
- ... e lhe traga a Vossa Excelência muito cedo as ordens ... ( A. Vieira;  
Cartas; séc. XVII; p. 240 )
- ... porque lhe afirmo a Vossa Reverência que todas as vezes que ...  
Vieira; Cartas; séc. XVII; p. 242 )

No corpus, há formação também de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica com clítico dativo.

( 3.54 )

- Aos Turcos lhes pezou muito da morte de Dom Christovão ...  
( D. Couto; séc. XVI; p. 49 )
- A Vossa Mercê lhe mando que tôda esta quaresma ...  
( A Chagas; séc. XVII; p. 58 )

Diferentemente das condições de formação das estruturas de redobramento de clítico acusativo, que apresenta restrição de formação com sintagmas nominais no espanhol peninsular, o redobramento de clítico dativo com objetos dessa natureza é realizado sem restrição naquela gramática.

Como já mencionei acima, de acordo com Dobrovie – Sorin ( 1987 : 34 ), o redobramento de clítico dativo é opcional no romeno, pois sua presença ou ausência não muda o restante da oração.

No português clássico, conforme os dados mostram, a frequência de ocorrência de estruturas de redobramento de clítico dativo com sintagmas nominais é maior do que a ocorrência dessas estruturas com clítico acusativo.

A questão que tem sido levantada na formação das estruturas de redobrimento de clítico dativo é também a respeito do Caso atribuído ao objeto.

Na argumentação de Jaeggli ( 1986 : 20 ), os clíticos dativos nas estruturas de redobrimento do espanhol têm comportamento diferente e mais complicado do que os clíticos acusativos neste tipo de estrutura. Diferentemente do que ocorre com os clíticos acusativos, os clíticos dativos não estão em distribuição complementar com os objetos indiretos.

Jaeggli propõe que os clíticos dativos do espanhol são absorvedores opcionais de Caso e que a preposição **a** é marcador do Caso dativo atribuído pelo verbo. Nas estruturas de redobrimento, o clítico dativo não absorve o Caso do verbo. Argumenta que, numa estrutura dativa com clítico sem redobrimento, o clítico precisa absorver o Caso do verbo. A categoria **pro** em posição argumental, força o clítico a ser absorvedor de Caso do verbo, pois esta categoria somente é determinada por clítico com Caso.

No romeno, o Caso dativo é marcado morfológicamente. Na proposta de Dobrovie-Sorin ( op. cit : 34 – 35 ), o redobrimento do clítico não afeta em nada o NP dativo. O Caso dativo das estruturas romenas é atribuído duplamente. Dobrovie - Sorin propõe que o Caso do NP redobrado é um Caso inerente.

Sua argumentação é que há uma divergência entre subcategorização e atribuição de Caso. Os verbos subcategorizam diversos tipos de complementos, mas eles só podem atribuir Caso a um só complemento, normalmente ao objeto direto.

Dobrovie –Sorin assume que tanto no romeno quanto no espanhol, o NP redobrado não recebe Caso sob regência do verbo. Por isso ele necessita de uma marca formal : no romeno, o Caso dativo é marcado na morfologia, no espanhol com a ajuda da preposição ( op. cit : 38 ).

Na argumentação de Dobrovie – Sorin, a condição do Caso dativo ser duplamente atribuído nestas estruturas de redobrimento do romeno se deve ao fato do Caso inerente poder ser atribuído livremente no interior de uma cadeia temática

A proposta de Dobrovie – Sorin de um Caso inerente para justificar a questão da dupla atribuição de Caso nas estruturas de redobrimento de clítico do romeno, dá conta de explicar o mesmo problema verificado nas estruturas de redobrimento de clítico dativo do português clássico.

Diferentemente das condições de formação das estruturas de redobrimento de clítico acusativo, que eu assumo serem realizadas com clíticos visíveis ou não, as estruturas de redobrimento de clítico dativo são formadas sempre com a realização visível do clítico, conforme indicam os dados em ( 3.53 ).

Assumindo a proposta de Dobrovie – Sorin, poderíamos dizer que nas estruturas de redobrimento do português clássico o clítico absorve o caso do verbo e o objeto preposicionado recebe o Caso inerente.

Poderíamos assumir a estrutura de redobrimento que apresento abaixo como estrutura de tematização, de acordo com a análise oferecida por Dobrovie – Sorin ( op. cit : 145 ) para este tipo de ocorrência no romeno.

Dentro desta proposta, teríamos de admitir, nesta oração, a formação de estrutura de tematização

para o objeto indireto e a relação Operador nulo - variável no licenciamento do objeto direto nulo ( Cf. Raposo, 1986; Cole, 1987 ).

( 3.55 )

Por isso aos Anjos lhes sobejam para explicar-se os conceitos...

( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc.XVII; p. 136 )

O problema em adotarmos uma dessas duas propostas é que elas não dão conta de explicar as estruturas de redobrimento de clítico dativo formadas com verbo intransitivo assinaladas no corpus.

( 3.56 )

Nem o Provincial nem o Prepósito lhe parecem muito a propósito ao Padre Pontilier. ( A Vieira; Cartas; séc XVI; 223 )

Não lhe será novo a Vossa Paternidade o ouvir quanto

deve a profissão eclesiástica à militar. ( F. Manuel de Melo; séc. XVII; p. 71 )

... lhe fica melhor a Vossa Magestade serem os benefícios de Aviz. ( F. Manuel de Melo; Cartas Familiares; séc. XVII; p. 201 )

Não lhe ficava ao duque Teodósio na terra outra vontade que pudesse regular suas acções, senão a da duquesa sua mãe, a quem sempre obedeceu com igual afeição que respeito. ( F. Manuel de Melo; T. Português; séc. XVII; p. 9 )

Nestas estruturas de redobrimento, o verbo na condição de verbo intransitivo não atribui Caso nem ao clítico nem ao objeto indireto.

Este fato reafirma a condição de os objetos redobrados estarem desvinculados do verbo quanto à atribuição de Caso.

Não podemos também descrever as ocorrências em ( 3.54 ) como casos de objetos indiretos topicalizados, haja vista a presença visível do clítico na estrutura.

Também não podemos descrevê – las como estruturas de Deslocação à Esquerda, proposta por Dobrovie – Sorin para o romeno. Estruturas de Deslocação à Esquerda envolve movimento Wh e a relação Operador nulo – variável.

E tem ainda a questão da referencialidade. Assim como nas estruturas de redobrimento de clítico acusativo, nas ocorrências de redobrimento de clítico dativo, os objetos preposicionados refletem a natureza de elementos referenciadores do clítico.

Nas argumentações que proponho para justificar a referencialidade nas estruturas de acusativo preposicionado, atribuo estarem os objetos preposicionados em posição de não C-comando. Assumo a configuração de PPs para os objetos preposicionados como o fator que assegura a condição correferencial desses elementos com o clítico.

Temos de assumir que também nas estruturas de redobrimento de clítico dativo esta é a natureza dos objetos indiretos. Desse modo, é a configuração de PPs desses objetos indiretos que permite a condição referencial desses elementos com o clítico, semelhantemente aos objetos das estruturas de acusativo preposicionado.

Esta análise me leva a propor que nestas estruturas de redobrimento de clítico, o objeto preposicionado na configuração de PPs tem um Caso “ default dativo”.

Ao assumirmos os objetos preposicionados das estruturas de redobrimento de clítico dativo com o estatuto de PPs, temos de admitir a formação de dois tipos de estruturas dativas no português clássico. Há formação de estruturas dativas sem clítico e objeto indireto e há formação de estruturas de redobrimento de clítico dativo com objetos preposicionados com natureza de PPs.

( 3.57 )

... que não determino por agora mostrar a Vossa Mercê que  
tem errado as contas no caso que faz de mi. ( F. Manuel de Melo;  
séc. XVII; p. 108 )

A questão que fica para ser resolvida é quanto à natureza do Caso default dos objetos preposicionados das estruturas acusativas. Qual o fator subjacente que leva os objetos preposicionados das estruturas de redobrimento dativo a terem um Caso “ default dativo” e os objetos das estruturas de acusativo preposicionado, com clítico visível ou não, a terem um Caso “ default acusativo ” ?

Considerando que em ambas as estruturas os objetos são precedidos da preposição **a**, assumida na literatura como marcador de Caso dativo, mais condizente seria propor que este seria o Caso default dos objetos preposicionados nos dois tipos de ocorrências.

### **3.9 Considerações finais**

Apresentei nesta Dissertação a tarefa proposta no projeto de Mestrado: a descrição dos contextos de formação do acusativo preposicionado do português clássico.

A pesquisa foi feita em dados de trinta e oito textos de autores portugueses nascidos entre 1502 – 1845, integrantes do Corpus Tycho Brahe.

O resultado deste trabalho indica que o uso do acusativo preposicionado no português clássico evoluiu da primeira para a segunda metade do séc. XVI. Na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII, o acusativo preposicionado teve uso regular, sendo realizado em contextos mais abrangentes, refletindo um fenômeno de domínio do português daquele período. No séc. XVIII, houve uma mudança. A frequência de ocorrência do acusativo preposicionado diminuiu, em decorrência da restrição de sua formação em contextos que o formavam nos períodos precedentes. No séc. XIX, o acusativo preposicionado deixa de ser um fenômeno lingüístico daquela gramática.

Este é o quadro geral da manifestação do acusativo preposicionado no português clássico ao longo dos séculos.

Nos textos dos autores que formam o corpus desta pesquisa, a não regularidade no uso do acusativo preposicionado é assinalada tanto quanto à frequência de ocorrência quanto aos contextos de sua formação.

Dois tipos de variações são registradas nos textos desses autores : variações que refletem mudanças na diacronia quanto ao uso do acusativo preposicionado e variações que implicam em restrições sintático – semânticas da própria estrutura acusativa de não inserção da preposição.

A presença de estruturas de acusativo preposicionado e não preposicionado formadas em ambientes sintáticos semelhantes me permitiu assumir a atuação de duas gramáticas em competição nos

textos desses autores : uma gramática formadora das estruturas de redobrimento de clítico e acusativo preposicionado; outra, que não legitima essas estruturas.

Freqüência maior e uso mais regular do acusativo preposicionado são verificados nos textos de autores nascidos na segunda metade do séc. XVI e séc. XVII.

Nos textos dos autores nascidos na primeira metade do séc. XVI, o uso da forma não preposicionada é maior do que a variante preposicionada. Estes textos refletem comportamentos diferentes dos autores quanto ao domínio da gramática formadora do acusativo preposicionado. Dos quatro autores referentes àquele período, é Diogo Couto, nascido em 1542, quem mostra maior domínio daquela gramática.

Os textos dos autores nascidos no séc. XVIII também apresentam ocorrências da variante não preposicionada em freqüência maior do que a variante preposicionada. Este fato indica o domínio maior da gramática não formadora do acusativo preposicionado.

As restritas ocorrências da variante preposicionada assinaladas nos dados de autores nascidos no séc. XIX refletem o domínio ainda maior da gramática não legitimadora do acusativo preposicionado no português daquele período.

A descrição dos dados indicou haver contextos categóricos de formação do acusativo preposicionado. Há contextos categóricos ligados à ordem dos constituintes oracionais e há contextos categóricos relacionados à natureza dos objetos.

Na condição de contextos categóricos ligados à ordem dos constituintes na oração estão as ordens V S O / V O S / O V ( S ). As ordens S V O / V O se apresentam como contextos de variação.

Na condição de contexto categórico relacionado à natureza dos objetos estão os objetos nomes de pessoas sem determinante, nomes de pessoas precedido do título **Dom**, pronomes de tratamento, nomes Deus / Cristo e o quantificador **todos** ( as ).

Objetos representados por nomes próprios títulos de nobreza e função, nomes comuns e nomes quantificados são contextos de variação.

Objetos com o estatuto de nome de pessoa e os nomes Deus e Cristo com determinante são contextos que excluem a formação do acusativo preposicionado. Na condição de sintagmas com determinante precedidos de modificador, esses objetos são contextos de variação.

A presença concomitante no corpus de estruturas de acusativo preposicionado e estruturas de redobrimento de clítico, formadas nos mesmos contextos e em semelhantes condições, me levou a assumir ambas as estruturas como formas variantes de um mesmo fenômeno lingüístico.

Adotando o mesmo quadro teórico de uso nas análises propostas por autores gerativistas envolvidos na descrição dessas ocorrências em outras gramáticas românicas, assumi, como hipótese de trabalho, os objetos preposicionados realizados na configuração de PPs. A configuração de PPs dos objetos [ + específicos ] preposicionados, por estabelecer uma relação de não C-comando desses elementos com o clítico, visível ou não na estrutura, permite sua condição referencial sem violação do princípio B.

Proponho que a configuração de PPs dos objetos com traços quantitacionais posicionados no Spec CP de estruturas acusativas de ordem O V ( S ) evita a violação do princípio C. Na configuração de PPs, os objetos quantificadores estão em posição de não C – Comando, o que lhes confere a condição de

elementos referenciadores da variável.

De outra parte, a legitimação do acusativo preposicionado em orações raízes e encaixadas nas configurações ( X ) V S O / O V S, com sujeito expresso em posição pós-verbal e outros elementos da oração ocupando o Spec CP, me faz assumir uma gramática de natureza V2 atuando nesta formação.

## Referências bibliográficas

- CYRINO, Sonia Maria L. ( 1994 ). O Objeto Nulo no Português do Brasil : um estudo sintático – diacrônico Tese de Doutorado. Unicamp.
- CHOMSKY, Noam. ( 1980 ). On Binding. *Linguistic Inquiry*, 11  
..... (1982). *Lectures on Government and Binding*. Foris Publications. Dordrecht.
- COLE, Peter ( 1987 ). Null Objects in Universal Grammar. *Linguistic Inquiry*, 18
- DOBROVIE - SORIN, Carmen ( 1987 ). *Syntaxe du Roumain: chaines thematiques*. Thèse de Doctorat d'Etat.  
----- ( 1990 ) Clitic Doubling, Wh-Movement, and Quantification in Romanian. *Linguistic Inquiry*, 21, 351-397
- GALVES, Charlotte Marie C. ( 2001 ). *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Ed. da Unicamp.
- GROPPI, Mirta ( 1997 ). *Pronomes Pessoais no Português do Brasil e do Espanhol do Uruguai*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- HAEGEMAN, Liliane ( 1991 ). *Introduction to Government and Binding Theory*. Blackwell Publishers
- HIGGINBOTHAM, James ( 1980 ). Pronouns and Bound Variables. *Linguistic Inquiry*, 11.
- HUANG, James, C.T ( 1984 ). On the Distribution and reference of Empty Pronouns. *Linguistic Inquiry*, 15.
- ILARI, Rodolfo ( 2001 ). Anáfora e correferência : por que as duas noções não se identificam ? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 41.
- JAEGGLI, Osvaldo A. ( 1986 ) . Three Issues in the Theory of Clitics: Case, Doubled NPs, and Extraction.
- JONES, Michael Allan ( 1995 ). The prepositional accusative in Sardinian: its distribution and syntactic repercussions. In: *Linguistic Theory and the Romance Languages*, 122. 37-75
- KATO, Mary ( 1993 ). The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese. In: *Current Issues in Linguistic Theory*, 103. 225-234.  
----- ( 1994 ). A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar. In :R. Tracy and E. Lattey ( eds.). *How Tolerant is Universal Grammar?* M. Niemeyer Verlag. Tübingen.
- LASNICK, Howard & URIAGEREKA, Juan ( 1988 ). *A Course in GB Syntax : Lectures on Binding and Empty Categories*. The MIT Press.
- LOIS, Ximena ( 1982 ). *Sur L'Accusativ Prepositionnel*. Département de Linguistique Générale. Université de Paris VIII.
- MEIER, Harri, ( 1973 ). *Ensaio de Filologia Românica.: Sobre as origens do acusativo preposicional nas línguas românicas*. Instituto Nacional do Livro. MEC.
- RAMOS, Jânia ( 1992 ). *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil: uma abordagem gerativista e variacionista*. Tese de Doutorado. Unicamp.
- RAPOSO, Eduardo ( 1986 ). On the Null Object in European Portuguese. In : *Studies in Romance Linguistics*. Foris Publications. Dordrecht – Holland /Riverton – U. S. A
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA ( 1928 ). *Gramática de la Lengua Española*. Librería y Casa Editorial Hernando ( S.A. )
- REINHART, Tania ( 1981 ). Definite NP Anaphora and C-Command Domains. *Linguistic Inquiry*, 12.
- RIBEIRO, Ilza ( 1992 ). Evidence for a Verb-Second Phase in Old Portuguese.



- ( 1995 ). A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2. Tese de Doutorado. Unicamp.
- ROBERTS, Ian ( 1993 ). Verb and Diachronic Syntax: A Comparative History of English and French. Kluwer Academic Publishers.
- SUÑER, Margarita ( 1988 ). Null Definite Objects in Quiteño. Linguistic Inquiry.
- TEYSSIER, Paul ( 1989 ). Manual de Língua Portuguesa. Coimbra Editora.
- TORREGO, Ester ( 1998 ). The Dependencies of Objects. The MIT Press.